

O PODER SECRETO DAS PIRÂMIDES

É um livro fascinante e que faz nascer nos leitores uma imensa admiração pelos gênios da tecnologia do passado.

Eis alguns dos fatos espantosos revelados pelas experiências feitas com as pirâmides:

- Como crescem as plantas e germinam as sementes dentro da forma de pirâmide.
- Como a água pode purificar-se no interior da pirâmide.
- Como a energia encontrada dentro do espaço piramidal influencia lâminas de barbear, telas de metal, folhas de alumínio etc.
- Como se é capaz de rejuvenescer dentro da pirâmide.
- Como a pirâmide pode melhorar a vida sexual de uma pessoa.
- Como a pirâmide ajuda a curar e a controlar a dor.

Bill Schul e Ed Pettit - O PODER SECRETO DAS PIRÂMIDES



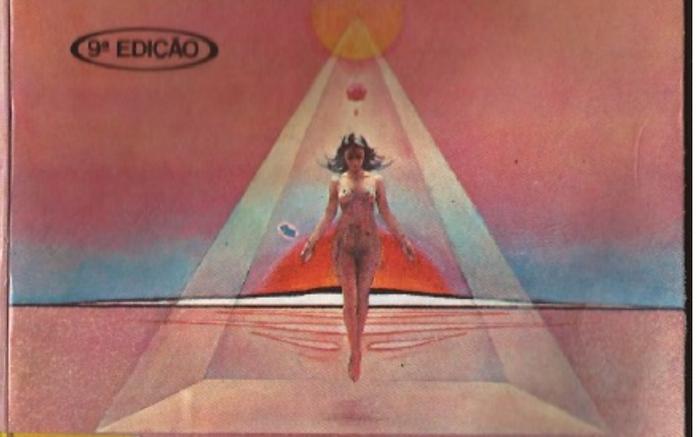
0109.2



O PODER SECRETO DAS PIRÂMIDES

Bill Schul e Ed Pettit

9ª EDIÇÃO



Espectaculosas descobertas recentes que explicam como as pirâmides poderão mudar a sua vida

O PODER SECRETO DAS PIRÂMIDES

BILL SCHUL & ED PETTIT

Como dizem, no prefácio, os autores de *O Poder Secreto das Pirâmides*, coisa alguma que mão do homem tenha construído, em qualquer época, tem chamado mais a atenção da humanidade do que a Grande Pirâmide de Gizé, não somente a maior, mas a mais compacta e a mais perfeita das estruturas até hoje erigidas sobre a face da Terra.

É imemorial e jamais deixou de fascinar os homens. Há séculos que nos maravilhamos com suas *lendas*, seu

O PODER SECRETO DAS PIRÂMIDES

Lendo este livro você se juntará a nós na imensa admiração pelos gênios da tecnologia do passado. Talvez você também dê asas à sua imaginação com a esperança de que os antigos tenham preservado para nós o segredo da energia universal.

OS AUTORES

BILL SCHUL
e
ED PETTIT

O
PODER SECRETO
DAS
PIRÂMIDES

Tradução de
MÍCIO ARAÚJO JORGE HONKIS

9ª EDIÇÃO



EDITORA RECORD

Título original norte-americano: .
THE SECRET POWER OF PYRAMIDS

Copyright © 1975 by Fawcett Publications, Inc.

Direitos de publicação exclusiva em língua portuguesa no Brasil
adquiridos pela
DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A.
Rua Argentina 171 - 20921 Rio de Janeiro, RJ
que se reserva a propriedade literária desta tradução

IMPRESSO POR TAVARES & TRISTÃO - GRÁFICA E EDI-
TORA DE LIVROS LTDA., À RUA 29 DE ABRIL, 28, SALA 1.108,
RIO DE JANEIRO, R.J.

INDICE

Prefácio	7
1. A Pirâmide: Antiga e Nova Produtora de Milagres	11
2. O Enigma Histórico	23
3. Os Misteriosos Campos de Energia	41
4. As Pirâmides e o Poder das Plantas	53
5. Efeitos sobre os Líquidos	79
6. Efeitos sobre os Sólidos	93
7. Poderes Terapêuticos	109
8. Rejuvenescimento	125
9. A Voz da Pirâmide	139
10. A Pirâmide e os Estados Alterados da Consciência	153
11. Geometria Esotérica e Grades de Energia	169
12. Experiências Domésticas	183
13. A Pirâmide: Janela para o Universo	183
Bibliografia	201

Dedicado a
INEZ e JEANNE

Agradecimentos

Os autores desejam expressar seus agradecimentos a todos os que os ajudaram na compilação deste livro.

Em particular à Borderland Sciences Research Foundation que lhes proporcionou fontes e informações de pesquisas e colocou à sua disposição desenhos e fotografias. Agradecem especialmente a Fred Schul e a Rebecca Mayo por seus excelentes desenhos, e a Carl D. Knepper pelas explicações sobre a teoria do campo elétrico.

Agradecem a todos que, no país, lhes forneceram dados e os resultados de suas pesquisas sobre as pirâmides e campos afins.

Finalmente, aos companheiros, sem cuja ajuda e apoio o livro jamais teria sido escrito.

PREFÁCIO

Nenhum outro objeto feito pelo homem tem chamado mais a atenção e maravilhado a humanidade do que a Grande Pirâmide de Gizé. A maior, a mais compacta e a mais perfeita das estruturas erigidas por mãos humanas continua a confundir a imaginação, a desafiar uma explicação e a intrigar aqueles que a examinam. Tão antiga que sua origem se perde nas sombras do tempo, ela continua a oferecer, cada vez mais, novos elementos para o conhecimento do homem e do ambiente que a cerca. Muito curiosamente, à medida que aumenta a base dos conhecimentos científicos do homem, a Grande Pirâmide, como um oráculo incorporado e imortal, parece antecipar as respostas. Talvez seja este depósito codificado e aparentemente infundável de sabedoria, que sempre se abre para os que são bastante eruditos para desvendar seus mistérios, que mantenha, através dos séculos, a Grande Pirâmide como ponto central da busca do homem dos como e porquês de sua própria existência. E talvez não seja por demais poético imaginar que ocultas em algum lugar de sua história, de sua perfeição matemática, do propósito de sua construção, estejam as respostas há tanto procuradas pelo ser humano sobre o seu próprio destino. Certamente, então, a Grande Pirâmide seria a Pedra Filosofal.

Mas enquanto a Grande Pirâmide confundia as pesquisas e torturava seus investigadores na elaboração de novas tecnologias, caridosamente oferecia um de seus muitos segredos — só com o seu formato fez evocar formas conhecidas e desconhecidas de energia que afetam tanto os objetos animados quanto os inanimados. Mal foi descoberto, pelo francês M. Bovis, que as estruturas construídas exatamente com a mesma proporção da Grande Pirâmide e colocadas no mesmo sentido do eixo

magnético norte-sul mumificavam a carne, preservavam os alimentos, afiavam as lâminas das navalhas, etc., e logo foi estabelecida uma nova série de questões referentes à natureza dos inexplicados campos de energia — para não falar da nova admiração e espanto provocados pela própria pirâmide.

A descoberta de Bovis e o trabalho subsequente de um técnico de rádio checo, Karel Drbal, foram relatados na obra *Psychic Discoveries Behind the Iron Curtain*, por Ostrander e Schröder. O livro, que obteve uma enorme repercussão nos EUA e no estrangeiro, provocou uma verdadeira agitação entre operários, trabalhadores e pesquisadores profissionais. Grupos de debates e organismos de pesquisas experimentais espalharam-se por todo o país, com a finalidade de discutir e trocar idéias sobre o assunto. Vários informes foram redigidos e amplamente difundidos.

Nos três anos que se seguiram à divulgação da aventura, surgiram resultados muito interessantes e provocantes. Os efeitos nas pessoas sentadas, dormindo, ou em meditação em estruturas piramidais têm alguma implicação com os campos da fisiologia, psicologia e metafísica. Redução do tempo de cura, alívio de dores de cabeça, melhor descontração, perda de peso para os obesos, rejuvenescimento, etc., estão de certo modo ligados à medicina. Os resultados da meditação dentro da pirâmide e o aumento da sensibilidade psíquica devem interessar à metafísica e aos que se preocupam com os estados transcendentais. Os efeitos sobre o crescimento das plantas e a germinação das sementes deve despertar o interesse dos horticultores. E a purificação e preservação da água e dos alimentos devem atrair a atenção de todas as pessoas interessadas.

As novas aventuras com as pirâmides oferecem excitantes possibilidades para indivíduos de todas as profissões e meios de vida — o cientista pesquisador e o curtidor de couros, o filósofo e o estudante de física empenhado num projeto. Os resultados desta implicação contudo, podem ter certo significado em nossa constante busca de um maior entendimento de nós mesmos e de nosso ambiente.

Inicialmente, este livro foi escrito com o sentido amadorista, de cientista leigo, e por curiosidade. São ofe-

recidos ao leitor alguns fatos concernentes ao passado da Grande Pirâmide para que ele, com suas próprias experiências com as formas piramidais, possa alcançar uma perspectiva maior. São relatadas várias experiências com as pirâmides e as nossas extensas investigações neste campo. Estão também incluídos planos para a construção de pirâmides.

Se você for bem sucedido em suas experiências, sentimos que se juntará a nós em nossa imensa admiração pelos gênios da tecnologia do passado. Talvez você, também, dê asas à sua imaginação meditando com profunda esperança no fato de os antigos terem conservado para nós o segredo da energia universal.

1. A PIRAMIDE:

ANTIGA E NOVA PRODUTORA DE MILAGRES

É um constante prazer para o místico, um renovado deslumbramento para o filósofo, e um incessante embaraço para o cientista o fato de que a mais velha estrutura feita pelo homem na face da terra continue a escapar à compreensão das mais brilhantes mentes analíticas.

Podemos provar a natureza do protoplasma, extrair conceitos funcionais do ADN e do ARN, que são as estruturas da vida, utilizar a luz coerente do raio *laser*, dividir o átomo, fazer flutuar laboratórios no espaço e, no entanto, as mais antigas dádivas tecnológicas de nossos ancestrais desafiam nossos estudos mais acurados.

Gostaríamos de ter a crença de nossos antepassados de que contribuimos constantemente para o arcabouço de nossos conhecimentos, geração após geração, progredindo para uma compreensão cada vez maior e mais sofisticada de nós mesmos e do ambiente que nos cerca.

Gostaríamos de imaginar que, a despeito de nosso fervor político e religioso e de nossas superstições, que nos impeliram a queimar bibliotecas, a destruir relicários, ou a nos afastar do conhecimento, nada realmente valioso foi perdido ou, se se perdeu, foi apenas temporariamente, e que o homem contemporâneo avançou para além de quaisquer antigos horizontes da verdade. Chegamos mesmo, durante algum tempo, a nos convencermos desses fatos — até que alguém chega e pergunta por que a informação que agora vem à luz sobre o entendimento da consciência dos antigos, dos sistemas ner-

voso e bioelétrico do homem, continuam a se anteciper a tudo o que aprendemos até agora por meio da fisiologia e da psicologia; por que somos incapazes de cortar, polir e adaptar as pedras tão habilmente quanto nossos ancestrais, que puderam unir os blocos de calcário e granito da Grande Pirâmide com uma precisão hoje só alcançada pelos especialistas óticos que realizam o seu trabalho com unidades muito pequenas; por que, com todo o nosso equipamento pesado de construção, não podemos mover aquelas pedras pesadas — algumas de setenta toneladas — para outros lugares sem o auxílio de esteiras; por que a nossa matemática continua a lutar para se igualar àquela com a qual os antigos calculavam as medidas da terra e o movimento dos corpos planetários?

Aonde isto nos leva quanto à nossa crença no progresso do homem? Ninguém ignora os passos monumentais que a humanidade tem dado. Possuímos demasiadas provas do progresso, pelo menos na ciência física, para imaginar que este avanço é apenas uma ilusão. Então por que às vezes tropeçamos em alguns artefatos pré-históricos que indicam claramente um nível de realização humana que mal podemos imitar? Desde quando existem estes platôs de sofisticação? De onde vieram e por que se perderam? Hoje, somos capazes de realizar mais eficientemente quase tudo o que nossos ancestrais fizeram — isto é, quase tudo que conhecemos. A Grande Pirâmide é uma daquelas exceções. A evidência parece indicar que as exceções notáveis sugerem a existência de uma avançada civilização que nos precedeu neste globo há muito tempo, nas sombras da pré-história, e que de algum modo este conhecimento se perdeu.

Há pelo menos uma outra explicação possível. Podemos fazer conjecturas, juntamente com Daniken e outros escritores, se em algum lugar ao longo do caminho não houve a participação de inteligências mais aperfeiçoadas vindas de algum outro ponto do espaço. Estas indagações nos incitam a procurar de novo, nos textos sagrados e nas mitologias, referências a visitas feitas à terra pelos deuses dos céus. E, cada vez que temos noti-

cia através de um jornal, ou que sabemos que foi visto um OVNI (1), nada mais podemos fazer senão meditar.

Há uma terceira possibilidade: a presença de uma inteligência superior, oriunda de uma mente superior, com suas idéias e conceitos se materializando na capacidade mental de certos homens sob a forma de um conhecimento intuitivo, isto é, da revelação. Há muito que tanto a religião quanto a metafísica proclamam a realidade desta forma de conhecimento. Segundo se afirma, tal espécie de conhecimento independe da capacidade de raciocínio do homem, chegando-lhe mais ou menos completa.

De acordo com o Dr. Robert Assagioli, fundador da psicossintese, "... a consciência intuitiva vem para substituir a consciência intelectual, lógica e racional, ou melhor, para integrá-la e transcendê-la. Com efeito, a intuição conduz à identificação com o que se vê e contempla, e ao reconhecimento da unidade intrínseca entre o objeto e o sujeito."

Em *Wisdom of the Overseer* (Sabedoria do Superego) de Paul Brunton, encontramos o seguinte:

"O que nós agora temos de entender é que existe uma parte da mente que nos parece inconsciente, mas que possui uma extraordinária e maravilhosa consciência própria. Há, com efeito, uma consciência secundária que jaz por sob a nossa consciência comum e familiar. Um verdadeiro som metafísico que, portanto, não pode limitar o uso do termo mente apenas à fase particular pensante da consciência. A mente, como sabemos, é mais do que consciência ..."

O grande químico do século XIX, Kekulé, afirma que estes conceitos que parecem ter tido origem em outros lugares podem penetrar na mente humana quando relata como uma série de profundos devaneios levou-o à teoria da constituição molecular. A informação que lhe chegou durante seu estado de sonho foi chamada de "a mais brilhante previsão feita em todo o desenrolar da química orgânica".

(1) — Objetos Voadores Não Identificados. Em inglês, UFO (Unidentified Flying Objects). (N. do T.)

Einstein sustentava que suas idéias sobre a relatividade não tinham sido "meditadas", apenas haviam-lhe surgido. É bem conhecida a capacidade de Robert Louis Stevenson em comandar os "duendes" de sua mente para que lhe forneçam enredos para suas histórias. Também é conhecida a descrição feita por Poincaré das idéias matemáticas que se elevavam como nuvens e dançavam diante dele, colidindo e se combinando na primeira Função Fuchsiana, enquanto ele aguardava, deitado na cama, a chegada do sono.

No entanto, qualquer que tenha sido a fonte de informação, a construção da Grande Pirâmide exigiu uma engenhosidade inigualada na história do mundo conhecido.

Talvez seja o quê de romantismo do homem que o atrai para os mistérios do desconhecido, ou talvez seja alguma semente divina transportada dentro de seu peito que o impede de repousar enquanto não conhecer todas as respostas. A Pirâmide está ali, substancialmente, conhecida por todas as gerações recuando no tempo até onde o homem pode se lembrar, e sua existência o instiga e compele a saber tudo o que existe em seu caminho. Mesmo da lua e do leito do oceano o homem contempla de vez em quando o enigma de pedra, aguardando ainda que sua maturidade científica ou espiritual lhe desvendem as maravilhas que ainda encerra. E, igualmente silenciosa ao lado da Pirâmide, sua companheira, a Esfinge, estóica testemunha do desfile da civilização e eterna sentinela dos segredos da planície de Gizé. Por quem esperam elas? Qual a chave que devemos encontrar em nosso universo ou dentro de nós mesmos?

Mas, agora que a Grande Pirâmide não pode mais ser desprezada apenas como uma montanha de pedra feita pelo homem, destinada a desempenhar o papel insignificante de um túmulo, talvez se consiga bater com sucesso às suas portas, dali arrancando objetivos que possam ser considerados sérios até prova em contrário. Pelo menos este critério se coaduna com o que de melhor existe dentro de nós. Se os frutos se mostrarem desvaliosos, então podemos passar adiante sem necessidade de tornar a olhar mais para trás.

Uma prova recente de evidência liberada pela Grande Pirâmide parece ter — conforme era de se esperar —

aplicação universal. A forma piramidal, com as exatas proporções da Grande Pirâmide e orientada no verdadeiro eixo norte-sul, parece refletir, gerar, acumular ou, de certo modo, tornar disponíveis certos campos energéticos.

Modelos de pirâmides, variando de tamanho desde algumas polegadas até vários pés, foram construídos e usados para abrigar uma variedade de objetos, tanto animados quanto inanimados, inclusive seres humanos. No momento em que escrevemos, as pesquisas parecem indicar que o material do qual são feitos estes modelos pouca influência exerce sobre os resultados. Em geral, as pequenas pirâmides têm sido feitas de papelão e madeira, e as maiores, de madeira, fibra de vidro, vidro e material plástico. A presença de metal na pirâmide, interna ou externamente, parece tanto inibir quanto aumentar as propriedades eletromagnéticas do espectro da energia, dependendo da localização e da quantidade relativa do metal empregado. Provar que o material usado na construção da pirâmide tenha alguma influência é tarefa para uma pesquisa posterior. Os resultados já determinados e algumas das teorias referentes ao emprego de vários materiais serão discutidos nos últimos capítulos.

A duração do tempo que os objetos são deixados dentro da pirâmide tem sido orientada pelos resultados obtidos na base do método das tentativas. Por exemplo, alimentos têm sido deixados nas pirâmides durante várias semanas, e indivíduos têm permanecido no interior das maiores desde alguns minutos até algumas horas. Os resultados incluem a preservação dos itens alimentares, purificação da água, maior crescimento das plantas, diminuição do período de germinação das sementes, remoção do brilho dos metais e, quanto aos seres humanos, maior relaxamento, melhoria dos estados de contemplação e meditação, cura, tranquilidade e até rejuvenescimento.

O clima de excitação com relação às pirâmides de fabricação doméstica foi desencadeado com a publicação da obra *Psychic Discoveries Behind the Iron Curtain* (Descobertas Psíquicas além da Cortina de Ferro), por Sheila Ostrander e Lynn Schroeder, em 1970. No capítulo pesquisas realizadas na Checoslováquia, os au-

teras relatam como tomaram conhecimento de várias pequenas pirâmides que estão sendo usadas para afiar lâminas de giletes. Através de suas indagações souberam que há vários anos um francês, Monsieur Bovis, descobriu que os animais mortos encontrados na Câmara Real da Grande Pirâmide não haviam se decomposto, mas se desidratado e mumificado. A idéia de que a forma da Pirâmide pudesse ter um significado para o fato alarmou-o. Ele construiu uma pirâmide com cerca de dois pés e meio de altura e colocou um gato morto diretamente sobre o ápex, cerca de um terço da distância da base ao vértice, onde se localiza a Câmara Real. O gato se mumificou.

A publicação dos relatórios de Bovis sobre suas pesquisas com a matéria orgânica atraíram a atenção do técnico de rádio e televisão checoslovaco Karel Drbal. Depois de realizar várias experiências com modelos reduzidos da Pirâmide de Queops, Drbal disse a Ostrander e a Schroeder: "Há uma relação entre a forma do espaço interior da pirâmide e os processos físicos, químicos e biológicos que se processam naquele espaço. Usando formas adequadas, seremos capazes de acelerar ou retardar esses processos."

Voltando sua atenção para os metais, Drbal pôs-se a imaginar se o fio de uma navalha — que tem uma estrutura cristalina e se embota depois de usada — não poderia ser restituído à sua forma original se ela fosse colocada dentro do campo de energia aumentado da pirâmide. Ele conseguiu fazer de 50 a 200 barbas com uma única lâmina. Isto foi na década de 1950, e os afiadores piramidais de giletes feitos de papelão e matéria plástica são agora comuns na Checoslováquia e em certas partes da Rússia, sendo comum hoje, neste país, pessoas que tenham um afiador de giletes feito em casa. Ainda não descobrimos alguém que declare que os modelos piramidais não funcionam se construídos de acordo com as dimensões corretas e colocados diretamente no sentido do eixo norte-sul. Nossas experiências indicam também, segundo afirmações de Ostrander e Schroeder, que as lâminas azuis funcionam melhor do que as de aço inoxidável.

Desde a publicação do livro *Psychic Discoveries Behind the Iron Curtain*, numerosas experiências têm

sido feitas por um grupo de investigadores, inclusive a nossa própria pesquisa com três dúzias de modelos de vários tamanhos, em diversos materiais, e vários objetos. Embora estes trabalhos sejam discutidos em outros capítulos, juntamente com os planos para a construção das pirâmides e algumas sugestões para as experiências a serem realizadas, vale a pena delinear algumas das investigações, a fim de lhes dar uma visão geral das excitantes possibilidades.

— As jóias e moedas aparentemente embaciadas são polidas pelas forças da energia que agem dentro das pirâmides.

— A purificação da água poluída quando colocada dentro da pirâmide por vários dias, segundo relatórios de pesquisas em laboratórios; e fica-se a pensar se a água benta não é uma realidade física.

— O leite permanece fresco durante vários dias e por fim se transforma em iogurte; no entanto, se colocado num recipiente idêntico, fora da pirâmide, azeda imediatamente. Um firma francesa patenteou um recipiente de forma piramidal para fabricar iogurte, e uma firma de laticínios italiana emprega embalagens de papelão de forma piramidal para o seu leite.

— Mumifica e desidrata a carne, ovos, etc.

— As flores se desidratam, porém conservam sua forma e cores.

— Cortes, arranhões, queimaduras, etc. aparentemente saram mais depressa depois de expostos ao espaço interior da pirâmide. Tem-se reportado que dores de dentes e enxaquecas foram eliminadas, e várias pessoas aliviadas de dores reumáticas e artríticas depois de se sentarem durante algum tempo dentro de uma pirâmide. Contudo, ainda nos achamos muito no início desses estágios experimentais para fazermos quaisquer afirmações. Mais uma vez estamos nos baseando nas possibilidades delineadas pelos informes procedentes de várias fontes e nos resultados obtidos com nossas próprias experiências.

— As plantas crescem mais rapidamente dentro do que fora das pirâmides.

— Depois de usar água tratada dentro de uma pirâmide como loção facial, a Sra. Pettit foi abordada por

suas amigas que lhe perguntavam o que havia feito para parecer tão jovem.

— A água tratada parece ajudar a digestão, e quando empregado num fermento aparentemente apressa a cura.

— As folhas de alumínio, tratadas durante algum tempo numa pirâmide antes de serem usadas para embrulhar carne, reduzem muito o tempo de cozimento. Se modeladas na forma de um chapéu e colocadas na cabeça, parecem acabar com as dores de cabeça e aumentar a descontração.

— Segundo diversas experiências feitas em separado, o sabor do café, do vinho, dos sucos de frutas, etc. melhora muito quando deixado por algum tempo dentro de uma pirâmide.

— Os restos de comida jogada numa lata de lixo em forma de pirâmide desidratam-se sem exalar odores.

— Pessoas que ficaram sentadas dentro de pirâmides, desde alguns minutos até várias horas, informaram que se sentiram mais relaxadas e revitalizadas. Algumas declararam que a meditação é muito mais fácil dentro de uma pirâmide. Depois que uma jovem adolescente passou a dormir dentro de uma pirâmide, sua mãe informou que a menina ficou menos nervosa e que perdera um pouco do excesso de peso que tinha.

Quantas dessas experiências suportarão os rigores de futuras pesquisas e de rígidos testes científicos só o tempo poderá dizer. Contudo, até agora já se realizou trabalho suficiente para se poder dizer com segurança que algo de natureza anormal se passa dentro do espaço de uma pirâmide. Parece plenamente justificável afirmar que campos de energia, conhecidos e desconhecidos, entram em ação e que um maior conhecimento dessas forças pode ter enormes implicações, não somente para o pesquisador científico, mas também para todos nós. Como tem demonstrado a física moderna, nós somos energia e vivemos num universo de energias que atuam entre si, e hoje falamos menos de mente e matéria e mais de níveis, graus e tipos de campos energéticos. Daí se segue, então, que um maior entendimento da natureza da energia ou energias será uma chave importante para um maior conhecimento de nós mesmos — física, mental e espiritualmente —, e do mundo em que vivemos.

Se a forma piramidal, de algum modo, gera ou acumula energia utilizável, pode constituir uma excitante aventura para todos nós procurar desvendar este mistério.

Nós sabemos como atuam a gravidade e o magnetismo, embora não compreendamos o que realmente são e por que agem. E provavelmente descobriremos como atuam alguns dos campos de energia dentro da pirâmide muito antes de conhecermos realmente sua natureza. Estamos começando a compreender algumas regras dos fenômenos psíquicos tais como a telepatia, a psicometria, a rãdomancia e a psicoinese. Graças à engenhosidade da tecnologia moderna, os instrumentos estão nos permitindo explorar objetivamente os talentos psíquicos das pessoas dotadas. A pesquisa atual indica que estes fenômenos ocorrem por meios de frequências de energia, algumas das quais são tão sutis que só eram percebidas conscientemente por sensitivos psíquicos até o desenvolvimento de instrumentos sensíveis a estas forças.

Então, o que precisamos ter em mente em nossas investigações é que a pirâmide não está isolada; ela existe num ambiente saturado de campos de energia. Parece, então, que a tarefa consiste em determinar por que estes campos de energia funcionam de forma diferente dentro e fora dela. Uma das hipóteses seria a de que todos os recipientes de espaço, dos maiores aos menores, afetam de algum modo os campos de energia, quer amplificando-os, modificando-os ou inibindo-os.

No livro *Waves From Forms* (Ondas Provindas das Formas), escrito há vários anos por L. Turene, professor e técnico de rádio francês, explica-se que as várias formas, tais como cones, pirâmides, esferas e cubos, atuam como diferentes tipos de ressoadores para a energia do universo — raios cósmicos, raios solares, etc. A pergunta feita por Turene e muitos outros é: qual o efeito destas várias formas sobre os seres humanos? Nós passamos uma grande parte de nossas vidas dentro de diversos recipientes: quartos de diferentes formatos, automóveis, trens, aviões e anfiteatros.

Ostrander e Schroeder citam Drbal dizendo que algumas destas formas são saudáveis para os seres humanos, que a esfera e a pirâmide são duas dessas formas. Ele sustentava que os pesquisadores são de opinião que se os hospitais fossem construídos na forma de esferas

ou de pirâmides, a cura dos pacientes seria mais rápida. É curioso que certas pessoas sofram de claustrofobia em determinados quartos ou recintos fechados, enquanto que outras não.

Buckminster Fuller afirma, desde há muito tempo, que deveríamos dar muito mais atenção às formas de nossas edificações. Sua bolha geodésica seria, aparentemente, um ambiente sadio. Arquitetos de Saskatchewan, no Canadá, construíram quartos trapezoidais e corredores irregulares num hospital para doentes mentais e descobriram que o novo ambiente era benéfico aos pacientes.

Assim, os campos estranhos de energia não são propriedade particular das pirâmides, mas até agora são elas que têm fornecido as possibilidades mais excitantes.

De todas as formas e formatos que se encontram no universo o homem é o mais diverso e complexo usuário, modificador e criador de forças energéticas. Ele é um universo dentro de si mesmo. E desde que está sempre e vitalmente envolvido nas experiências — planejando, desenhando, examinando, analisando — não pode se divorciar totalmente dos resultados. Resta sempre saber qual o efeito que o experimentador tem sobre a experiência.

Já estamos bem certos da capacidade do ser humano em manipular a matéria física sem o emprego da força física. Demonstrações de psicocinese (capacidade de deslocar ou alterar os objetos por meios psíquicos), feitas por indivíduos como Nelya Kulagina, Alla Vinogradova, H. H. Rama, Uri Geller e outros, alcançaram êxito realizadas sob as mais estritas condições de laboratório. Os fenômenos da projeção de imagens mentais num filme por Ted Serios é outro exemplo, bem como a capacidade da médica Olga Worrall de alterar a emissão elétrica das plantas como é demonstrado pela fotografia de alta-frequência. Outros cientistas têm alterado as propriedades químicas da água e mumificado a carne, segurando os objetos em suas mãos. Cleve Backster tem registrado os esquemas elétricos nas plantas por meio de mensagens mentais, e Marcel Vogel alterado a estrutura de formas de vida microscópicas. Há inúmeros exemplos de médiuns que deslocam objetos físicos por meio de emanções psíquicas inconscientes, das quais nem sempre eles se apercebem. O afastamento do pesquisador da experiência não

o elimina como fator influenciador. Backster conseguiu afetar a resposta de suas plantas a centenas de milhas de distância; o Dr. Robert Miller registrou profundas alterações em testes feitos com plantas durante demonstrações da influência da oração sobre as plantas, embora aquelas orações fossem feitas a quase mil milhas de distância. Douglas Dean, por meio de um pietismógrafo, demonstrou que o volume sanguíneo de um indivíduo modifica-se no momento em que ele recebe uma mensagem telepática. Geller entortou colheres e garfos com ondas de televisão.

A medicina psicossomática demonstrou que nossos pensamentos, atitudes e até as motivações inconscientes têm efeitos sobre nossos corpos materiais. Qualquer pessoa que tenha sentido uma dor de cabeça durante um momento de tensão, ou ficado nauseada pelo nervosismo de um ator no palco pode confirmar a realidade da mente sobre a matéria. Que os pensamentos e os sentimentos, embora não demonstrados, podem influenciar os outros foi medido, controlando os níveis de energia dos indivíduos. O Dr. John Pierrakos, psiquiatra, notou que as plantas no seu consultório murchavam na presença de pacientes deprimidos.

Estudos feitos às cegas, onde o indivíduo submetido ao teste desconhece qual o objeto que foi tratado até depois de registradas suas reações, ajudam a reduzir o grau de influência exercida pelo componente humano. E estudos nos quais nem o indivíduo nem o experimentador conhecem o objeto senão depois de registrados os resultados são ainda menos passíveis de fraudes. Por exemplo, se a pesquisa se destina a testar a afiação de lâminas de gilete, o estudo às cegas obriga o indivíduo a experimentar tanto as lâminas tratadas quanto as de controle, sem saber qual é qual. Uma dupla experiência deste tipo (às cegas) implica marcar as duas lâminas de tal modo que nem o indivíduo que está sendo testado, nem o experimentador sabem distinguir uma da outra até serem registrados os resultados finais. Diz-se que este critério impede o experimentador de enviar uma mensagem telepática ao indivíduo em prova, o que poderia fazer mesmo inconscientemente. Usamos fotografias intervaladas para medir o crescimento e o movimento das plantas dentro e fora das pirâmides e não ficamos presentes durante os registros. Contudo, isto não elimina total-

mente a possibilidade de influenciarmos inconscientemente as plantas a distância.

O fato de podermos minimizar, mas sermos incapazes de reduzir a zero a influência do fator humano em nossas experiências não desencoraja nossos esforços. Isto ocorre em todos os tipos de pesquisas, um fato que os cientistas vêm aceitando cada vez mais. O ex-astro-nauta Edgar Mitchell abandonou o programa espacial para dedicar seu tempo e suas energias aos estudos parapsicológicos por acreditar que eles tinham maior prioridade para o benefício da humanidade. Em 1972, na convenção anual da Associação Americana de Psiquiatria, em Dallas, o comandante Mitchell declarou que a ciência atingiu um ponto em que o experimentador não pode mais se dissociar de suas experiências. Ele não considera este envolvimento pessoal prejudicial à pesquisa; pelo contrário, via neste fato um maior esforço da ciência, através do qual o homem poderá descortinar, por meio de novos conhecimentos, as vastas dimensões do universo. Este maior conhecimento do próprio homem abrirá, então, novas portas para a compreensão do universo, acreditava Mitchell, doutor em ciência, e que fundou recentemente o Instituto de Ciências Noéticas (noética — o estudo da consciência).

Este espírito de envolvimento e desdobramento pessoal parece ser o certo para nós que trabalhamos com as pirâmides, pois quanto mais aprendemos sobre o objetivo da Grande Pirâmide, mais forte se tornam nossas suspeitas de que ela foi construída como instrumento para o crescimento do homem. Torna-se cada vez mais visível que só poderemos descobrir os segredos da Grande Pirâmide à proporção que formos aprendendo sobre nossas próprias dimensões. Parece ter sido esta a intenção dos grandes construtores.

2. O ENIGMA HISTÓRICO

A mais antiga e a maior construção do homem que ainda se mantém de pé. Meditar neste fato é lançar até mesmo os curiosos moderados na busca de respostas a muitos quês, porquês e quando. A história das pirâmides e, em particular, da Grande Pirâmide é um estudo fascinante, as lendas são ainda mais intrigantes. No entanto, no decurso de um único capítulo, mal podemos oferecer mais do que um esboço dos fatos e acontecimentos mais significativos. Entretanto poderemos apresentar uma espécie de panorama geral para salientar os pontos principais que servirão como fundo para as atuais explorações.

A mística que cerca a Grande Pirâmide não diminui com os conhecimentos que possuímos dela. Pelo contrário, quanto mais sabemos sobre sua história, construção e objetivo, mais o mistério se torna complexo. Vários livros têm sido escritos para tratar adequadamente este assunto, e muitos deles estão relacionados na bibliografia para os interessados em leituras adicionais. Não nos intrometeremos aqui em suas tarefas, pois isto seria o mesmo que querer gravar um dicionário na cabeça de um alfinete. Pelo contrário, nosso trabalho consiste em tocar o passado aqui e ali, a fim de preparar o palco para as atuais considerações.

Muitos podem perguntar por que a principal preocupação é com a Grande Pirâmide de Gizé, quando existem muitas outras. Na verdade, descobriram-se pirâmides em muitas partes do mundo, inclusive na América do Sul, na China, nas montanhas do Himalaia, na Sibéria, no México, na América Central, na França, no Camboja,

na Inglaterra e nos Estados Unidos, juntamente com as 30 principais e muitas outras menores no Egito. Por que então todo este interesse pela Grande Pirâmide, ou Pirâmide de Queops, como às vezes é chamada? Principalmente porque é a maior, a mais perfeita do ponto de vista matemático e geométrico, e porque possui certos aspectos que faltam nas demais.

Acredita-se que a Grande Pirâmide represente a síntese do conhecimento egípcio e que, se há segredos a serem descobertos, isto ocorrerá dentro dela ou nas imediações de sua entrada. A cultura tradicional situa a Grande Pirâmide em algum ponto do período inicial de construção das pirâmides, na Quarta Dinastia. Segundo o sábio egípcio I.E.S. Edwards, autor de *The Pyramids of Egypt* (As Pirâmides do Egito), diz-se que ela foi precedida de seis grandes pirâmides e seguida de outras 23. Alguns estudiosos acreditam que as pirâmides erigidas antes da Grande Pirâmide são indicadoras de um período menos sofisticado, e que as que se lhe seguem representam uma deterioração ou corrupção do conhecimento e do artesanato.

A Grande Pirâmide situa-se a dez milhas oeste do Cairo, no platô de uma milha quadrada da Planície de Gizé, nivelado pelo homem, dominando de uma altura de 39 metros os pequenos bosques de palmeiras do vale do Nilo. A base da Grande Pirâmide cobre pouco mais de 13 acres e acha-se nivelada a uma fração de polegada. Mais de 2 600.000 blocos de granito e calcário — pesando de duas a 70 toneladas cada — se elevam à sua atual altura de 135 metros. Os blocos talhados com uma precisão de um centésimo de polegada acham-se tão perfeitamente unidos que as juntas nunca apresentam mais de 1/50 de polegada de espaço. Calcula-se que a Pirâmide contém mais pedra e cal do que todas as catedrais, igrejas e capelas construídas na Inglaterra desde o tempo de Cristo.

Juntamente com a Grande Pirâmide há duas outras, uma ligeiramente menor e atribuída ao sucessor de Queops, Kefren, e a outra, ainda menor, imputada ao sucessor de Kefren, Miquerinos. Estas três, com mais seis pirâmides menores, supostamente construídas para as esposas e filhas de Queops, formam o que se conhece como o Complexo de Gizé.

Originalmente, a Grande Pirâmide era recoberta por uma camada de lápidas de calcário polido, que tornavam seus lados lisos em vez de escalonados. Algum tempo depois da primeira parte do século XIII da era cristã uma série de terremotos destruiu grandes áreas no norte do Egito. No decurso de várias gerações todos os 22 acres da espessa cobertura de 100 polegadas da pirâmide foram arrancados para reconstruir o Cairo.

A Pirâmide permaneceu selada durante séculos; com efeito, qualquer conhecimento de uma entrada perdeu-se na mais remota antiguidade. Então, no ano 280 D.C., o jovem califa Abdulah Al-Mamum, filho de Harum Al-Rachid, cujos feitos foram celebrados na *Mil e Uma Noites*, ouviu falar dos grandes tesouros e dos inestimáveis documentos guardados dentro da Pirâmide. Juntamente com um grupo de engenheiros, arquitetos, construtores e pedreiros, Al-Mamum procurou durante dias e dias uma entrada ao longo da superfície de pedra lisa. Não a encontrando, o califa decidiu penetrar a rocha sólida da estrutura. Porém, os martelos e talhadeiras nem conseguiram arranhar as pedras. Recusando-se a abandonar a aventura, Al-Mamum recorreu ao aquecimento da pedra até ela ficar incandescente, e então verter vinagre frio sobre ela a fim de rachar os blocos. Depois foram empregados aríetes para deslocar a pedra. Depois de perfurar um pequeno túnel de 30 metros, Al-Mamum estava prestes a abandonar o projeto quando um operário ouviu o que pareceu ser uma grande pedra se deslocando em algum lugar, não muito distante de onde eles estavam trabalhando. Renovando seus esforços, eles cavaram na direção do som e chegaram a uma pequena galeria que tinha pouco mais de noventa centímetros de altura por noventa de largura.

A galeria se inclinava num ângulo muito pronunciado, mas os árabes perfuraram o túnel e descobriram a entrada secreta original que fora colocada a 49 pés (14,70m) acima da base da Pirâmide. Al-Mamum e seus homens abriram caminho através da baixa e traiçoeira Galeria Descendente, aberta profundamente na rocha platô. Mas, no fundo do local que ficou conhecido como o Poço, nada encontraram senão pó e destroços. No lado oposto mais distante do Poço eles acharam um túnel horizontal, ainda mais estreito, com uma extensão de 15

metros que levava a uma parede nua. No chão havia o que parecia ser o eixo de um poço. Estava escavado a uma profundidade de 9 metros e não conduzia a lugar algum.

Recuando até à grande pedra que havia caído na Galeria Descendente, Al-Mamum e seus homens consideraram que a pedra havia coberto uma grande cunha de granito vermelho, a qual bloqueava uma outra passagem que subia para o interior do corpo da Pirâmide. A cunha de granito mostrou ser intranponível, e então eles contornaram-na através do calcário mais macio. Mais duas cunhas de granito bloqueavam a passagem e depois delas seguiam-se muitos outros blocos de calcário. Os operários persistiram no trabalho e por fim chegaram a uma galeria ascendente que tinha um teto muito baixo. Arrastando-se sobre os joelhos, os homens subiram 45 metros de rocha escorregadia, passando então para um outro túnel, com o teto igualmente baixo. No fim do segundo túnel eles se encontraram num quarto vazio, com aproximadamente 1,60m² e com o teto de empena. Como os árabes colocavam suas mulheres em tumbas com teto de empena, o aposento tornou-se conhecido como *Câmara da Rainha*. Porém, nada se encontrou ali senão um nicho vazio na parede leste.

Os árabes retornaram à Galeria Ascendente e, levantando suas tochas, descobriram um espaço vazio sobre eles. Trepando nos ombros uns dos outros, conseguiram subir o bastante e verificaram que se achavam no fundo de uma galeria estreita, porém alta. Ela se estendia para cima, com a mesma inclinação que a Galeria Ascendente, por aproximadamente 47 metros e tinha 8,50 metros de altura. No fim de seu auge chegaram a uma enorme pedra com cerca de 90 centímetros de altura, que se viu ser uma plataforma de 1,80 por 2,40 metros. Além da plataforma, o chão era nivelado, porém o teto tinha apenas 1,05m de altura. Formava uma espécie de entrada para uma pequena antecâmara. Seguiu-se uma outra passagem curta e baixa, e Al-Mamum e seus homens se acharam num grande recinto com as paredes, o chão e o teto de granito vermelho polido. Este aposento com 102 metros de comprimento, 51 de largura e 5,70 metros de altura tornou-se conhecido como a *Câmara do Rei*.

Freneticamente os árabes se lançaram à busca de tesouros, porém tudo o que acharam foi um sarcófago

vazio, feito de granito cor de chocolate e altamente polido.

Al-Mamum pagou e despediu seus homens — e possivelmente salvou sua garganta — colocando ouro numa das câmaras e providenciando para que ele fosse descoberto, ou pelo menos assim o diz a lenda. De qualquer modo, assim terminou a primeira tentativa de fazer com que a grande estrutura revelasse seus segredos.

E vieram os tremores de terra 450 anos mais tarde; o revestimento de pedra exterior foi retirado, mas ainda se passariam vários séculos antes que alguém entrasse na Pirâmide. A Pirâmide passou a ser cercada de superstições. Dizia-se que ela era habitada por espíritos nefastos e cheia de pragas e serpentes. Um aventureiro do século XII, Rabi Benjamin Jonah de Navarre, proclamava que a Pirâmide fora construída por meio de feitiçaria. Abd-al-Latif, professor de Medicina e História em Bagdá, teve a coragem de entrar na Pirâmide pouco depois da visita de Benjamin, porém diz-se que desmalou de medo e, mais tarde, teria saído mais morto do que vivo.

Só em 1638 a Grande Pirâmide iria receber um outro visitante. John Greaves, professor de Matemática e astrônomo inglês, entrou na Pirâmide com a esperança de encontrar um tesouro diferente do de Al-Mamum. Ele buscava os dados que determinariam as dimensões do planeta. Depois de algum esforço ele conseguiu chegar à *Câmara do Rei* onde, segundo Peter Tompkins em seu livro *Secrets of the Great Pyramid* (Os Segredos da Grande Pirâmide), ficou "intrigado com o fato de uma estrutura tão incrivelmente imponente quanto a Pirâmide ter sido construída em torno de uma simples câmara, com um simples esquite vazio. Ele não via razão aparente para sua entrada protegida por grades corrediças, ou para a complexidade de sua antecâmara, onde as paredes se alternavam misteriosamente do calcário para o granito. Sendo porém um cientista por natureza, Greaves pôs-se a coletar dados sobre a construção."

Greaves descobriu uma outra parte misteriosa da Pirâmide — uma seção que aparentemente também não tinha nenhum objetivo. Ao longo da rampa da Grande Galeria, Greaves descobriu um bloco de pedra que dava diretamente para as entranhas da Pirâmide. O túnel

tinha pouco mais de noventa centímetros de largura. Contudo, haviam sido abertas brechas ao lado, e Greaves desceu 18 metros pelo *Poço*, até onde ele se alargava numa pequena câmara ou *Gruta*, como é agora chamada. O *Poço* continuava até um pouco mais abaixo da *Gruta* e ali terminava. Greaves dedicou o resto de sua estada à matemática, medindo cuidadosamente tudo o que havia dentro e fora da Pirâmide.

As medidas tomadas por Greaves na Pirâmide chamaram a atenção de Sir Isaac Newton que, posteriormente, escreveu um artigo intitulado "A Dissertation upon the Sacred Cubit of the Jews and the Cubits of Several Nations: In which, from the dimensions of the Great Pyramid, as taken by Mr. John Greaves, the ancient Cubit of Memphis is determined". (Dissertação sobre o Cúbito Sagrado dos judeus e os Cúbitos de Várias Nações: Na qual, pelas dimensões da Grande Pirâmide, conforme tomadas por Mr. John Greaves, se determina o antigo Cúbito de Mênfis.)

"A preocupação de Newton em determinar o cúbito dos antigos egípcios não era simples curiosidade", declara Tompkins. "nem apenas o desejo de encontrar um padrão universal de medida; sua teoria geral da gravitação, que ele ainda não havia anunciado, dependia de um acurado conhecimento da circunferência da terra. Tudo em que ele se apoiava eram os antigos cálculos de Eratóstenes e seus seguidores, e segundo estes números sua teoria não funcionava com precisão."

As medidas que Greaves fez no exterior da Pirâmide deixaram de ser precisas devido ao entulho acumulado na base, e a teoria da gravitação de Newton teve de se basear, alguns anos mais tarde, nos achados do astrônomo francês Jean Picard. Pouco se b'a Newton, seus seguidores e seus críticos, que a Esfinge podia ser usada como marco geodésico para indicar o equinócio, e que houvera outrora, entre suas patas, um obelisco cuja sombra era usada para computar a correta circunferência da terra e a variação no grau de latitude.

Nathaniel Davison, que serviu mais tarde como Cônsul-Geral da Inglaterra na Argélia, desceu ao *Poço* descoberto por Greaves e à *Gruta* existente no fim dele, onde só encontrou entulho. Escreve Tompkins: "Davison achou estranho que alguém fizesse um esforço tão gran-

de para cavar um poço de quase 60 metros de profundidade no interior do coração da Pirâmide para, simplesmente, acabar num beco sem saída. Porém, não pôde fazer mais nada. O fundo do *Poço* era muito apertado e empastado, e logo sua vela consumiu o pouco ar disponível. Além do mais, um grande número de enormes morcegos impedia Davison de conservar sua vela acesa; assim, laboriosamente, ele retornou à superfície."

Contudo, Davison descobriu outros aspectos da Pirâmide. Localizou uma pequena abertura retangular no alto da Grande Galeria. Com alguma dificuldade conseguiu arrastar-se através desta abertura e encontrou uma câmara tão grande quanto a *Câmara do Rei* porém, com um teto muito baixo para permitir que ficasse em pé. Verificou que o assoalho da câmara era formado por nove lajes de granito monolítico, cada qual, calculou, pesando mais de 70 toneladas. A parte inferior das lajes servia de teto à *Câmara do Rei*. O teto deste recinto, situado por cima da *Câmara do Rei*, era construído de lajes semelhantes.

Esta câmara, como todas as demais, não tinha nenhum tesouro, nenhum artefato de qualquer espécie, e nem mesmo uma inscrição. Ficaria conhecida como a *Câmara de Davison* e, mais tarde, serviria como alojamento para o Capitão G. B. Caviglia.

Napoleão, ao conquistar o Egito, levou consigo uma equipe de matemáticos e cientistas franceses, incluindo Edmé-François Jomard e o Coronel Jean Marie Joseph Coutelle, que fariam medidas da Pirâmide muito mais precisas do que as anteriormente realizadas. O que os ajudou em seus esforços foi a limpeza dos destroços situados na base. Eles localizaram a esplanada sobre a qual foi construída a Pirâmide e os receptáculos cavados na rocha, onde tinham sido postas as pedras angulares.

Pouco depois do início do século XIX, o Capitão Caviglia, mestre de um navio maltês, cujas explorações serão descritas noutra parte deste livro, limpou o poço dos destroços e descobriu que ele se ligava com a Galeria Descendente. Em 1836, o coronel Howard-Vyse uniu-se a Caviglia na exploração da Pirâmide, e descobriu três câmaras adicionais por cima da de Davison, mais ou menos do mesmo tamanho. As câmaras eram separadas por lajes de granito e as superiores eram empenadas

com enormes blocos de calcário. Howard-Vyse elaborou uma teoria pela qual as cinco câmaras superpostas eram destinadas a aliviar o teto da *Câmara do Rei* da pressão dos 60 metros de material de construção sólido que ficava por cima dela.

Howard-Vyse descobriu também dois condutores de ar que atravessavam 60 metros de rocha até à *Câmara do Rei*. Quando estes foram liberados do entulho, o ar fresco manteve o recinto a uma temperatura constante de 20 graus durante todo o ano.

A medida que se tornava cada vez mais evidente que a Grande Pirâmide não abrigava nem ouro, nem jóias, nem artefatos e parecia cada vez mais ser um túmulo, sábios com os mais variados interesses passaram a especular sobre a origem e o objetivo para o qual foi construída. Embora os egiptólogos tradicionais continuem a sustentar que ela foi erigida como túmulo para Queops, a evidência — graças à erudição de John Taylor, Sir John Herschel, Piazzi Smyth, William Petrie, David Davison, Robert T. Ballard, Moses B. Cotsworth, Joseph Norman Lockyer, Richard A. Proctor, Livio Stecchini, e outros — se inclina para um objetivo — ou objetivos — muito maiores.

O acúmulo de provas que se tem hoje indicaria que a Grande Pirâmide encerra uma ciência perdida. É ela a última remanescente das sete maravilhas do mundo, criação de arquitetos desconhecidos que possuíam um conhecimento mais profundo do universo do que os que lhes sucederam. Até recentemente, havia poucas provas de que os egípcios de há cinco mil anos fossem capazes de cálculos astronômicos exatos e das soluções matemáticas necessárias para localizar, orientar e construir a Pirâmide.

Em sua introdução Tompkins declara: "Atribuiu-se ao acaso o fato de as fundações terem sido orientadas, quase perfeitamente, no sentido norte-sul, de sua estrutura ter incorporado um valor para pi (a constante pela qual o diâmetro de um círculo pode ser multiplicado para dar a verdadeira circunferência) com uma aproximação de vários decimais." Ele mostra que a câmara principal da Grande Pirâmide incorporava o famoso teorema de Pitágoras, que Platão em seu *Timeo* proclamava ser o bloco construtor do universo. "Diz-se que foi o

acaso o responsável pelo fato de os ângulos e inclinações da Pirâmide demonstrarem um avançado conhecimento dos valores trigonométricos, e de sua forma apresentar exatamente as proporções fundamentais da Seção Dourada."

Os matemáticos de hoje afirmam que só se começou a empregar, e assim mesmo grosseiramente, o número pi no Egito em 1700 A.C., ou seja, pelo menos mil anos após a construção da Grande Pirâmide. Supõe-se que o teorema de Pitágoras tenha sido criado durante o quinto século A.C., e a trigonometria foi atribuída a Hiparco no segundo século A.C. Isto é o que vemos em nossos compêndios. Mas agora, toda a questão de quem fez o que, e quando, está sujeita a revisão.

Tompkins diz que "recentes estudos dos antigos hieróglifos egípcios e das lousas cuneiformes matemáticas dos babilônios e sumérios estabeleceram ter florescido uma ciência muito avançada no Oriente Médio pelo menos três mil anos antes de Cristo, e que Pitágoras, Eratóstenes, Hiparco e outros gregos, considerados como criadores da matemática neste planeta, simplesmente colheram fragmentos de uma antiga ciência desenvolvida por predecessores remotos e desconhecidos... A Grande Pirâmide, como a maioria dos grandes templos da antiguidade, foi projetada tendo como base uma geometria hermética, conhecida apenas por um restrito grupo de iniciados, da qual meras informações passaram aos gregos clássicos e alexandrinos.

Estas e muitas outras descobertas, cuja lista continua a crescer, estão exigindo uma nova avaliação da Grande Pirâmide, um estudo mais acurado de sua história; atualmente, parece ser obrigatória uma reformulação de todos os pontos de referência. Estamos agora na posição de meditarmos seriamente se os construtores da Grande Pirâmide realizavam e conheciam muito mais do que lhes creditamos. As implicações da existência deste corpo de conhecimentos são explosivas e de longo alcance. Não é mais sustentável o fato de que a Grande Pirâmide tenha sido construída para servir de túmulo montanhoso, a fim de satisfazer o ego de um faraó.

Deve-se lembrar que jamais foram encontradas múmias na Grande Pirâmide. A controvérsia levantada por alguns egiptólogos de que os sarcófagos e galerias te-

nham sido selados a fim de proteger as múmias dos faraós contra os ladrões e pilhadores, mal pode ser defendida depois que se abriu a chamada câmara funerária pela primeira vez, desde que foi selada, e verificou-se que estava vazia.

Alguns estudiosos acreditam que a Grande Pirâmide foi construída como local de iniciação: não somente como lugar de iniciação pela Escola de Mistérios, mas também como instrumento da iniciação. Em outras palavras, segundo este conceito, os campos de energia gerados ou amplificados pela Pirâmide contribuem para uma elevação da consciência.

Em *The Secret Teaching of All Ages* (O Ensino Secreto de Todos os Tempos), Manly Palmer Hall considera a Grande Pirâmide como o pacto entre a Sabedoria Eterna e o mundo. Os ângulos representam o Silêncio, a Profundidade, a Inteligência e a Verdade. As faces triangulares são o símbolo do triplice poder espiritual. A face sul da Pirâmide representa o Frio; a norte representa o Calor; a oeste significa a Escuridão; e a leste, a Luz.

Hall considera a Grande Pirâmide como o "primeiro templo dos Mistérios", um repositório de verdades secretas. Os homens atravessavam os portais da Grande Pirâmide e saíam como os iluminados da antiguidade. O drama da "Segunda Morte" encenava-se, acredita-se, dentro da *Câmara do Rei*, onde o candidato à iniciação era, simbolicamente, crucificado e colocado no sarcófago. Então o iniciado experimentava a transição do mundo material para os níveis transcendentais da natureza.

Num determinado ponto durante o ritual supõe-se que o sarcófago era golpeado, produzindo um som incozum. No capítulo, "A Voz da Pirâmide", discutiremos as experiências com os sons quanto aos seus efeitos sobre os objetos materiais, o crescimento das plantas, seu emprego na terapêutica e seu uso, antigo e moderno, como ferramenta para influenciar os estados de consciência.

Terminado o ritual dizia-se que o iniciado havia nascido, tinha experimentado o segundo nascimento, e tornava-se um habitante de dois mundos. Passava a ser então um iluminado ou um esclarecido e possuía o conhecimento do mundo.

De acordo com a filosofia iogue o homem possui três níveis de percepção ou experiência: o material, o psi-

quico e o noético ou espiritual. A medida que se processa a evolução no homem, ele reage a si mesmo e ao mundo, não apenas com seus sentidos físicos, mas também com seus receptores psíquicos. Isto é possível graças à ativação energética dos *châkras* ou vórtices de energia existentes no interior do envoltório etéreo ou elétrico do corpo. A amplificação da atividade dos *châkras* ou centros permite ao indivíduo responder não apenas aos estímulos físicos, mas também aos fenômenos psíquicos. Uma crescente consciência e aumento do nível de funcionamento acaba por levar à ativação simultânea de todos os *châkras*, descarregando energia por todo o corpo e elevando a consciência ao seu nível mais alto ou despertar espiritual. Este estado é encarado como de esclarecimento, provocado por um maior ajustamento dos mecanismos psicofisiológicos do homem e a expansão das fontes de energia. Com a ativação de todos os sete *châkras* o indivíduo irradia maior quantidade de luz ou halo. A energia flui através dos centros, desde sua sede na base da espinha, e a consciência se focaliza nos centros mais altos, por meio de uma interação entre a hipófise e a glândula pineal no cérebro. O fluxo da energia prânica através dos centros é encarado pela filosofia iogue como o acordar do Poder da Serpente, o despertar do Kundalini, ou o Batismo de Fogo.

De acordo com este sistema, o despertar espiritual pode ser provocado de várias formas, embora nenhuma atue isolada ou inteiramente à parte dos outros métodos: 1. por meio do desdobramento natural de níveis de funcionamento cada vez mais altos, provocados pelos processos de evolução, e que podem ser retardados ou acelerados pelos atos do indivíduo; 2. por meio da assistência especial de um guru ou mestre que controla, ele mesmo, esta energia, podendo portanto dirigi-la de modo a atuar sobre o indivíduo; e 3. através do emprego de exercícios, disciplinas e técnicas especiais, destinadas a ativar os *châkras* e despertar o poder do Kundalini.

Estamos nos entretendo com a hipótese de que a Grande Pirâmide foi projetada para servir como instrumento para ativar níveis de energia mais altos e elevar a consciência. Nossas experiências e a de outros, cuja capacidade psíquica aumentou em consequência do tempo passado dentro de pirâmides, pode indicar que foi

este o objetivo dos projetistas e construtores da Grande Pirâmide. Este assunto será considerado com mais detalhes no capítulo sobre os estados alterados da consciência.

Embora os árabes há muito sustentassem que a Grande Pirâmide foi construída como observatório astronômico, só na passagem do século foi que se admitiu uma solução quanto ao modo de usar as faces polidas e o interior das passagens para observações.

O astrônomo britânico Richard Anthony Proctor encontrou um antigo documento romano sugerindo que a Grande Pirâmide devia ter servido muito bem como observatório quando da construção ao nível da Grande Galeria. Esta devia ter fornecido uma grande plataforma quadrada, de onde os antigos astrônomos poderiam ter registrado os movimentos dos astros. Eles devem ter precisado de um meridiano verdadeiro através da abóbada celeste, para determinar o momento da passagem das estrelas, do sol e da lua por este meridiano.

Proctor acreditava que os construtores teriam feito primeiro uma abertura graduada alinhada sobre o meridiano. Dos vários níveis ao longo desta abertura eles podiam observar o movimento das estrelas e seus vários trânsitos.

Em seu livro *The Great Pyramid, Observatory, Tomb, and Temple*, (A Grande Pirâmide, Observatório, Túmulo e Templo), Proctor descreve como os arquitetos devem ter procedido para construir um tal observatório. A fim de obterem um verdadeiro eixo norte-sul para o seu meridiano terrestre, eles teriam usado os cimos de um par de pilares para focalizar a estrela que estivesse mais próxima do pólo norte celeste e determinar os pontos, superior e inferior, de sua trajetória circular. Uma linha traçada entre estes dois pontos — facilmente medida com o prumo — seria o norte verdadeiro.

Uma vez que os antigos arquitetos transferissem um meridiano verdadeiro do céu para o solo, podiam ter consolidado a linha cavando uma passagem descendente através da rocha, usando a estrela escolhida para guiar o túnel para baixo, obedecendo à exata angulação de seus raios. Este túnel, calculou Proctor, teria proporcionado uma perfeita estabilidade para a linha direcional

e quanto mais longa a passagem, mais verdadeira a orientação.

A teoria de Proctor oferece uma explicação para a perfeita verticalidade das paredes da Galeria Descendente. Conhecendo sua extensão e medido o seu ângulo de descida, os arquitetos teriam usado a trigonometria elementar para localizar um ponto central imediatamente acima da extremidade da Galeria Descendente como centro para construção da Pirâmide. Possuindo um ponto central e um meridiano verdadeiro, os construtores teriam aberto os buracos para uma base quadrada e começado a estender as fiadas de pedras sobre uma plataforma nivelada. Proctor achava que os arquitetos teriam obtido os níveis verdadeiros empregando canaletas de água em conjunção com os raios luminosos da estrela.

O túnel podia ter sido continuado através de camadas mais inferiores de pedras, a fim de manter a exata direção destas, até alcançar o exterior da Pirâmide. Para continuarem a dispor com exatidão as camadas restantes, Proctor calculou que os construtores teriam aberto uma passagem ascendente, exatamente com o mesmo ângulo de reflexão (27 graus e 17 minutos) que a Galeria Descendente. Eles teriam enchido esta Galeria de água, podendo assim refletir a estrela polar para cima, para a Galeria Ascendente, mantendo a passagem realmente alinhada com o nível da Pirâmide.

Proctor observou que, para a Galeria Descendente conservar a água, a obra de cantaria devia ser de rocha dura e cuidadosamente unida. É interessante o fato de que as pedras, neste ponto particular, são muito mais duras que as do resto da Galeria e unidas com maior perfeição.

Mas, de repente, a Galeria Ascendente passa para uma galeria superposta com 8,4 metros de largura. Aparentemente não desempenha nenhum papel na orientação das carreiras de pedras, mas deve ter servido a algum objetivo importante, raciocionou Proctor, tão notável era o projeto arquitetônico e tão cuidadosamente foi construído.

Proctor concluiu que se um astrônomo da antiguidade desejasse uma grande abertura dividida exatamente ao meio por um meridiano que passasse pelo pólo norte a fim de observar o trânsito dos corpos celestes, teria

solicitado de um arquiteto que construísse uma fenda muito alta com paredes verticais — uma galeria cuja abertura, usando a reflexão da estrela polar —, destinada a ser dividida exatamente ao meio por um meridiano verdadeiro. Espiando através desta fenda, ele poderia observar a passagem de todo o zodíaco e anotar o trânsito de cada estrela através de um meridiano perfeito. É exatamente isto o que faz o astrônomo moderno quando fixa sua luneta em direção aos meridianos.

Proctor admite a hipótese de que uma pessoa, colocada na *Câmara da Rainha*, podia medir o tempo por meio de uma ampulheta ou um relógio d'água, em coordenação com outros observadores na Grande Galeria, e marcar o início ou o fim do trânsito pelo campo visual da Galeria. Olhando para a piscina de água refletora colocada lá embaixo, na Galeria Descendente, o astrônomo poderia ter determinado o momento exato do trânsito de uma estrela, já que aquele era o único instante em que seus raios eram refletidos. Tompkins lembra que este é o mesmo sistema empregado hoje no Observatório Naval dos EUA em Washington D.C., onde o trânsito das estrelas é registrado numa fração de segundo pelas reflexões delas num tanque de mercúrio.

Tompkins refere-se a George Sarton, professor de Ciência em Harvard, como tendo declarado que a habilidade astronômica dos primitivos egípcios "está provada, não somente por seus calendários, tábuas de culminações estelares e tábuas do nascimento das estrelas, mas também por alguns de seus instrumentos, como os engenhosos relógios solares ou a combinação de um fio de prumo com uma vareta em forquilha que lhes possibilitava determinar o azimute de uma estrela."

Pouco depois da passagem do século, uma série de estudiosos da pirâmides tentou provar que a Grande Pirâmide encerrava uma história profética do mundo de 6 000 anos, começando em 4 000 A.C. e indo até o ano 2 045 D.C. Estas profecias foram comparadas com a Bíblia. Elas prefiguravam uma alegoria em pedra, na qual a Galeria Descendente representava a humanidade na sua descida para a ignorância e o mal. No local em que as Galerias Descendente e Ascendente se juntavam, os espíritos do mal continuavam no *Poço*, enquanto que o resto da humanidade, salvo pela Providência Cristã, su-

bia pela Galeria Ascendente na direção da Luz da Grande Galeria. Havendo ultrapassado o Grande Estágio, a humanidade deve continuar curvada em submissão pela Antecâmara do Caos, antes de emergir na *Câmara do Rei* e na Glória da Segunda Era.

Segundo Tompkins, a cronologia Profética estaria supostamente marcada ao longo das passagens e câmaras, com um ano correspondendo a uma polegada de Pirâmide, começando com a criação do primeiro homem e terminando no dia do Juízo Final.

Em seu livro, *The Source of Measure*, J. Ralston Skinner afirma que a Grande Pirâmide era um templo de iniciação. Ele une a Pirâmide à cabala judaica, um sistema de simbolismo alegórico que supostamente esclarece os ensinamentos secretos da Bíblia e revela os grandes princípios cósmicos da origem do homem.

Quando se consideram hoje os inúmeros seguidores do profeta medieval Nostradamus e dos modernos profetas, como Edgar Cayce e Jeane Dixon, não é difícil para muitos admitir que os antigos profetas deixaram um registro na pedra. Contudo, com as atuais pesquisas sobre a natureza da profecia e os estudos sobre os estados alterados da consciência, a maioria dos interesses acha-se agora focalizada na Grande Pirâmide e, particularmente, em suas pequenas reproduções, como instrumentos para induzir os estados de consciência com uma compreensão profética.

Nunca se determinou quem construiu a Grande Pirâmide, nem quando foi construída. Jamais se encontrou qualquer registro referente à sua construção. Os egiptólogos não estão de completo acordo mas, em geral admitem que ela foi levantada durante a Quarta Dinastia, entre 2 720 e 2 560 A.C. Calcula-se, geralmente o tempo de construção entre 30 e 55 anos.

Há, porém, muitos dissidentes. Um fato que confunde os sábios é que a construção das pirâmides, em particular da Grande Pirâmide, revela um avançado conhecimento da matemática, astronomia, navegação, engenharia, arquitetura, etc., na época em que foi construída, sem que haja provas de um período de tempo suficiente para o aprendizado destas ciências.

Muitos propuseram que seus construtores tenham vindo da adiantada civilização da Atlântida, e que erigi-

ram a Pirâmide como meio de preservar todas as ciências conhecidas, bem como no intuito de estabelecer um templo de iniciação e um instrumento para a geração de poderosos campos de energia.

Esta versão fortaleceu-se com as leituras dos textos de Edgar Cayce. Segundo Cayce, um grupo de noventa e duas pessoas providas de uma avançada civilização entrou no Egito por volta do ano 12 000 A.C. Entre elas estava um jovem sacerdote, Ra-Ta, que era um verdadeiro condutor para as Forças Criativas. Por que escolheram elas o Egito? A passagem 281-42 afirma: "Este foi escolhido pelo líder ou mestre (não um líder material, mas um guia ou intérprete espiritual), como centro das atividades universais da natureza e das forças espirituais, e como local de menores perturbações causadas pelos movimentos convulsivos que se abateram sobre a terra com a destruição da Lemúria, da Atlântida e — em períodos posteriores —, pelo dilúvio."

A principal realização de Ra-Ta foi a construção da Grande Pirâmide, que viria a ser um arquétipo através dos tempos. Como tal ela foi destinada a incorporar — na estrutura de suas passagens e câmaras, e em suas relações matemáticas e geométricas —, o conhecimento adquirido por aquelas pessoas, bem como as profecias para os futuros séculos. Esta monumental estrutura servia também, de acordo com a passagem 5748-5 de Cayce, como templo de iniciação "ao que às vezes é referido como a Irmandade Branca", e foi construída por outros meios que não apenas o trabalho físico, pois os Atlantes colaboravam na construção. Como foi construída a Grande Pirâmide? "Pelo emprego daquelas forças da natureza que fazem com que o ferro flutue na água e as pedras no ar." (5748-6)

Alguns eruditos como Piazzí Smyth e Joseph A. Seiss acreditavam que a construção da Grande Pirâmide tinha sido possível pelas revelações de Deus. Erich von Däniken e outros propõem que a Grande Pirâmide, assim como várias outras estruturas antigas, foi projetada por seres inteligentes vindos do espaço e que visitaram este planeta há muitos milhares de anos. Autores russos modernos postulam que os construtores vieram da Indonésia, há cerca de dez ou doze mil anos, depois que sua adiantada civilização foi destruída por uma catástrofe

natural. Os russos afirmam ter encontrado vários objetos que apóiam esta teoria, inclusive mapas astronômicos e lentes de cristal de tal natureza que só poderiam ter sido polidas por meio de processos elétricos. Em *Meetings With Remarkable Men* (Encontros com Homens Notáveis), George Ivanovich Gurdjieff relata como conseguiu, certa vez, um mapa completo do Egito, antes de estar coberto pelas areias, com as pirâmides e a Esfinge.

Uma das mais antigas datas para a Grande Pirâmide foi dada por um escritor árabe, Abu Zeyd el Balkhy, que declara citar uma antiga inscrição pela qual a Pirâmide foi construída no tempo em que a Lira se achava na constelação do Câncer, o que tem sido interpretado como "duas vezes 36 mil anos antes da Hégira" (1), ou cerca de há 73 000 anos. Este período corresponderia aos testes com o carbono-14 a que foi submetida a estrutura, e que teriam dado como resultado 71 000 A.C., não obstante existirem, agora, certas dúvidas quanto à fidelidade do método do carbono-14 para determinação da idade.

Quanto à própria construção das pirâmides reina muita controvérsia. Acredita-se que a maioria dos blocos de calcário para a construção da Grande Pirâmide foi trazida das pedreiras de Mokattam a algumas milhas do Nilo, embora alguns blocos pareçam ter vindo das montanhas de Gizé. A origem mais próxima dos blocos de granito de 70 toneladas usados na *Câmara do Rei* é a pedreira de Assuá localizada perto de Siena, que se situa 500 milhas acima do Nilo.

Alguns sábios parecem se satisfazer com o fato de que os 2.600.000 blocos de pedra, pesando de duas a 70 toneladas, tenham sido extraídos e finamente talhados com instrumentos de cobre, depois arrastados sobre trenós ou roletas até barcaças, descarregados e novamente arrastados até o local da construção, e colocados em seus lugares por meio de cordas, polias, planos inclinados e guindastes de madeira.

(1) — Data da fuga de Macmé de Meca para Iatrib e depois para Medina, em 16 de julho do ano 622 da nossa era, e pela qual os muçulmanos iniciam a contagem do seu calendário. (H. do T.)

Outros escritores acham difícil acreditar que as primitivas ferramentas tenham conseguido realizar esta tarefa, quando os arquitetos e engenheiros de hoje, com todos os seus recursos técnicos, não poderiam repetir aquele efeito.

Toth e Nielsen declaram em *Pyramid Power* (O Poder da Pirâmide): "Os feitos de engenharia realizados pelos egípcios no transporte e descarregamento rivalizam com os conseguidos, hoje, com as técnicas e equipamentos modernos de nossos peritos. Isto tornou-se evidente quando se estava para terminar a Represa de Assuã, em 1960. Reunindo equipamentos sofisticados de todas as partes do mundo, alguns engenheiros juntaram seus esforços no sentido de salvar o maior número possível de templos, palácios e estátuas, antes que Assuã inundasse e cobrisse para sempre aquelas colossais obras-primas. Mas, nem com todo o moderno conhecimento e equipamentos dos engenheiros altamente treinados foi possível levantar muitos dos monólitos. As pedras, na verdade, tiveram de ser quebradas em pedaços a fim de tornar possível sua remoção. Como os especialistas tiveram de cortar os blocos de pedra que, obviamente, os egípcios tinham conseguido manusear intactos, só foi possível salvar uma pequena porcentagem dos edifícios da inundação das águas da Represa de Assuã.

Quando se estuda a Grande Pirâmide sob qualquer ponto de vista, em qualquer de seus muitos aspectos, parece que nos envolvemos com várias perguntas para cada resposta. Embora muitos tenham se arrastado por sobre a Pirâmide e através dela com fitas métricas, réguas de cálculo, substâncias químicas e instrumentos de todos os tipos, a Grande Pirâmide ainda permanece um enigma.

3. OS MISTERIOSOS CAMPOS DE ENERGIA

A palavra *pirâmide* deriva do grego *pyro*, que quer dizer fogo; e *amid*, que significa estar no centro. Na antiga cosmologia, o fogo era um dos quatro elementos do universo, sendo os outros três a terra, a água e o ar. Segundo os ensinamentos da antiguidade, o fogo era definido como a energia universal, a vitalidade que permeava toda a vida.

Num panfleto intitulado *The Pyramid and Its Relationship to Biocosmic Energy* (A Pirâmide e sua Relação com a Energia Biocósmica), G. Patrick Flanagan, Ph.D., declarou: "O principal segredo da Grande Pirâmide de Gizé, a Sétima Maravilha do Mundo, é tão óbvio que se acha oculto na palavra pirâmide. Tentaremos demonstrar que a energia biocósmica é o fogo que se acha no meio e que vem iludindo os cientistas há milhares de anos."

A pesquisa atual da *nova* forma de energia pode fornecer as chaves, há tanto aguardadas, para uma série de acontecimentos, desde a telepatia mental à PES (Percepção Extra-Sensorial) e à cura espiritual.

Em inúmeros laboratórios estão sendo realizados estudos sobre esta misteriosa energia. Acredita-se que o entendimento das leis que governam esta força fornecerá as explicações práticas para vários fenômenos que até hoje têm confundido os cientistas *obstinados*.

A Lei da Gravidade de Newton e a Teoria da Relatividade de Einstein forneceram a explicação para a compreensão da aplicação universal de certas forças físicas. Assim, também, espera-se que a revelação da força especial "X" proporcione o denominador comum para

fenômenos tais como a psicocinese (PC) — o efeito do pensamento sobre objetos materiais — e o envio de mensagens telepáticas a distância, como os esforços do astrônomo Edgar Mitchell para se comunicar desde a lua.

"A medida que continuarmos a descobrir as propriedades deste campo de energia e formos capazes de definir suas leis, parece razoável propor que os vários tipos dos chamados fenômenos psíquicos ocorrem como resultado desta força e não são fatos isolados", disse o Dr. Stanley Krippner, diretor do Laboratório de Sonhos do Centro Médico de Maimonides em Brooklyn, Nova York.

O estudo do campo de energia tem sido o ponto principal dos testes que o cientista soviético Dr. Genady Sergeev vem realizando com Nelya Mikhailova, dona-de-casa de Leningrado que provocou sensação em todo o mundo com a sua capacidade de deslocar, com o poder de sua mente, qualquer objeto, desde xícaras de chá até cigarros. Usando um detetor de campos de força, o Dr. Sergeev registrou uma intensa radiação de campos eletrostáticos e eletromagnéticos a cerca de quatro metros de distância da Sra. Mikhailova durante uma experiência numa câmara encefalográfica isolada, segundo os relatórios recebidos neste país. Equipamento semelhante tem sido empregado para medir e confirmar a poderosa força de PC de Uri Geller.

Os Drs. Abram Hoffer e Harold Kelm, na Universidade de Saskatchewan, no Canadá, mediram os campos de força humanos a distância, usando um detetor que consistia de dois condensadores, um pré-amplificador e uma linha de registro semelhante à de um eletrocardiograma. O detetor registra, a distância, o campo de energia invisível do corpo ou aura elétrica.

"Nos sistemas do mundo da física oculta há um conceito de energia (e conseqüente teoria de campo), notavelmente semelhante ao da física moderna. Isto é, declarou o Dr. Elmer Green, diretor do Laboratório Psicofisiológico da Fundação Menninger em Topeka, no Kansas, existe uma forma primária de energia a partir da qual tudo mais é construído. E acrescentou: "Contudo, na física oculta, postula-se que a elaborada estrutura básica de uma energia inclui não apenas a substância material, mas também a emocional, a mental e outras

matérias mais rarefeitas, e que no ser humano se acham reunidos todos estes materiais."

Comentando isto, Manly Palmer Hall, presidente da Associação de Pesquisas Filosóficas, em Los Angeles, na Califórnia, disse: "Os primitivos gregos explicavam que esta união dos elementos — simbolizados pela terra, água, fogo e ar — era o que fazia do homem um microcosmo. Nele, diziam, encontravam-se todos os materiais do macrocosmo, o universo."

Sri Aurobindo, professor e filósofo hindu, escreveu: "Pode-se pensar no universo como todo espírito, sendo a matéria sua forma mais densa; pode-se pensar no universo como sendo toda substância, o espírito representando sua forma mais rarefeita."

A idéia da bioenergia não é nova. Os antigos chineses diziam que o homem está ligado ao cosmos pela energia vital que enche o universo. Na Índia eles se referem a esta força como *prana*, que envolve todas as coisas. Mesmer chamava-a de magnetismo animal. Reichenbach referia-se a ela como força óptica. Blondot chamava-a de *raios-N*. Os cientistas soviéticos intitularam-na de energia bioplásmica, e os cientistas checos a chamam de energia psicotrônica. Embora os nomes difiram, parece haver um acordo geral quanto às características desta energia.

Os cientistas checos Zdenek e Karel Drbal escreveram: "Os seres humanos e todas as coisas vivas estão cheias de um tipo de energia que até recentemente era desconhecida da ciência ocidental. Esta bioenergia, que chamamos de energia psicotrônica, parece estar por trás da PC; pode ser a base da rabiomancia. Pode provar estar implicada em todos os acontecimentos psíquicos."

Os checos apresentaram aos cientistas deste país os geradores psicotrônicos, às vezes chamados de geradores de Pavlita, segundo o nome de seu inventor, Robert Pavlita. Carregados com energia provinda da força psíquica humana, os geradores — de diversos formatos e feitos de vários materiais — conseguem deslocar, diz-se, objetos materiais metálicos e não metálicos. Esta pesquisa é apoiada pela Academia Checa de Ciências.

Trabalhando com esta energia, os cientistas soviéticos afirmam que sua *nova descoberta* da energia bioplásmica pode ser vista por qualquer um nas fotografias

e ao microscópio eletrônico graças à fotografia Kirlian. Semion Kirlian inventou um novo processo de fotografia, compreendendo cerca de quatorze patentes, que usa campos elétricos de alta-frequência, inclusive um gerador que gera de 75.000 a 200.000 oscilações elétricas por segundo.

Agora, o processo Kirlian foi desenvolvido neste país por muitos cientistas, inclusive a Dra. Thelma Moss da UCLA (Universidade da Califórnia em Los Angeles) e Henry Montelth, da Universidade do Novo México. Como o equipamento da bobina de tesla para produção da aura elétrica é relativamente barato, muitos pesquisadores caseiros — inclusive nós mesmos — construíram algumas unidades e estão estudando os resultados.

Olga Worrall, a internacionalmente conhecida curadora, mostrou-nos recentemente uma série de fotografias de alta-frequência feitas na UCLA, revelando a aura em torno de uma folha arrancada antes e depois de ela ser tratada com a energia curadora. As fotos revelaram um considerável aumento no tamanho e na atividade da aura, subsequentes à administração da energia.

Diz-se que o processo Kirlian tira fotografias do campo de energia bioplásmica ou etérica que contorna e penetra o corpo humano e outros seres vivos. Este campo é igualado pelos cientistas ao conceito da aura humana, nuvem de radiação luminosa que cerca o corpo. A arte egípcia, grega e hindu mostravam figuras sagradas dentro de uma aura luminosa antes que os artistas da era cristã pintassem os santos com seus halos.

Em seu livro, *Awareness* (Consciência), a falecida e famosa física Eileen Garret, ex-presidente da Fundação de Parapsicologia de Nova York, declarou: "Sempre vi as plantas, animais e pessoas envolvidas por uma névoa." Informou também ter visto espirais da mesma energia saindo de corpos recém-falecidos até três dias depois da morte.

Em outra parte do livro, a Sra. Garret disse: "Durante toda minha vida tive a certeza de que cada um possui um segundo corpo — um duplo. O duplo é algo diferente no Oriente e nos ensinamentos teosóficos e, como tal, diz-se que é um corpo de energia, uma área magnética associada ao corpo físico humano, uma área na qual as forças imateriais do cosmos, do sistema solar, do planeta e do ambiente mais próximo de cada um são

transformadas em vida e na falsa aparência do indivíduo." E acrescenta: "O duplo é o meio da projeção telepática e da clarividência."

O Dr. Wilden Penfield da Universidade McGill em Montreal, no Canadá, realizou inúmeras operações nas quais foram removidos grandes segmentos dos cérebros dos pacientes. O Dr. Penfield declarou que a mente continuou a funcionar como antes. E aventurou: "Talvez sejamos sempre obrigados a visualizar um elemento espiritual — uma essência espiritual capaz de controlar o mecanismo."

Swami H. H. Rama, durante sua recente visita à Fundação Menninger, disse: "O corpo energético — às vezes chamado de corpo astral — pode ser usado por um logue treinado para viajar, através da consciência, independentemente do corpo físico. Ao morrer, o indivíduo deixa seu corpo material e continua a viver no corpo energético." Em todas as suas experiências com o domínio da mente sobre a matéria, Swami Rama se refere à sua capacidade de controlar seu corpo e sua mente, e de exibir suas visões psíquicas em harmonia com a energia prânica.

A projeção da energia corporal está sendo estudada pelo Dr. Charles Tart na Universidade da Califórnia, em Davis, e por Harold Sherman, diretor da Fundação para Pesquisas Associadas sobre PES, no Arkansas. Isto constitui também assunto de um livro editado pela Doubleday, intitulado *Journeys Out of the Body* (Viagens Fora do Corpo), de autoria de Robert A. Monroe, negociante em Charlottesville, na Virgínia. Ele revela algumas das noventa e duas viagens realizadas fora do seu corpo físico. Quando o visitamos na Conferência Interdisciplinar do Controle Voluntário dos Estados Internos, realizada em Council Groves, no Kansas, e patrocinada pela Fundação Menninger, ele nos disse que quando deixava seu corpo material parecia entrar ou se transformar num corpo de energia.

A projeção desta energia "X" foi reportada pelo Dr. Bernard Grad, da Universidade McGill. Ele fez com que uma médium psíquica segurasse um jarro d'água e depois o derramasse sobre uma semente de cevada. De acordo com o Dr. Grad, o crescimento da semente ultrapassou de modo significativo o da que não foi trata-

da com a mesma água. Ele adiantou ainda que esta energia, antes desconhecida, tem as mais amplas aplicações na medicina, desde a terapêutica até os testes de laboratório.

Em seu livro *Psychic Discoveries Behind the Iron Curtain* (Experiências Psíquicas Além da Cortina de Ferro), os autores Sheila Ostrander e Lynn Schroeder relatam que Jacque Errera, Conselheiro para Assuntos Nucleares do Governo Belga, envolveu-se recentemente com uma médium que colocou as mãos sobre um pedaço de carne fresca. Depois deste *tratamento* pela médium, a carne aparentemente ficou conservada sem se decompor durante um mês, embora permanecesse sem ser congelada.

Alguns cientistas acreditam que existe um elo entre a energia do corpo e a prática chinesa da acupuntura, método de tratamento que realiza curas por meio de agulhas. (1) De acordo com as teorias que seguem a acupuntura, a energia vital circula através do corpo segundo trajetos específicos. Ela pode ser interceptada em várias centenas de pontos na pele, e os chineses inserem finas agulhas nestes pontos para corrigir os desequilíbrios no fluxo da energia. John Hersey, em seu livro *Hiroshima*, relata que a acupuntura é capaz de curar os efeitos da radiação. Grande número de médicos americanos, osteopatas e quiropráticos, estão usando agora a acupuntura que está sendo intensivamente estudada pelas sociedades, academias e associações de medicina.

O fluxo de energia de uma mensagem telepática afeta o volume sanguíneo do receptor, de acordo com experiência realizada pelo Dr. Douglas Dean, na Escola de Engenharia de Newark, em Nova Jersey. A pesquisa foi feita com um pletismógrafo que mede sem nenhum erro o volume de sangue no polegar. E pesquisas efetuadas no Colégio de Rosary Hill em Buffalo, Nova York, pela Irmã Justa Smith, revelam que a mente pode afetar as enzimas.

(1) — Para maiores detalhes sobre este método consulte-se "QUE É A ACUPUNTURA", de David J. Sussmann, editado no Brasil pela Record. (N. do T.)

A projeção de uma energia, de uma força, é também revelada pela estranha capacidade de Ted Serios, de Chicago, no Illinois, em projetar a imagem de seus pensamentos num filme Polaroid. Numa série de experiências cuidadosamente controladas pelo Dr. Jule Eisenbud, professor adjunto de psiquiatria na Escola de Medicina da Universidade do Colorado, Serios produziu centenas de imagens num filme à custa de uma intensa concentração de sua mente. Acredita-se que a força que ele dirige para o filme seja a mesma energia controlada empregada pela Sra. Mikhallova, Geller e outros, para mover objetos materiais.

A natureza universal do campo de energia, indicando que ela é partilhada por todos os seres vivos, nasceu das raras experiências realizadas por Cleve Backster, fundador da Fundação de Pesquisas Backster, em Nova York. Reconhecido perito em polígrafos, Backster demonstrou, por meio de várias experiências cuidadosamente planejadas, que as plantas reagem aos pensamentos, emoções e ações dos animais e pessoas que as cercam. A morte de seres vivos, tais como camarões e peixes, ocorridas na vizinhança das plantas, provocou uma intensa reação no polígrafo. "Isto parece indicar uma espécie de percepção primária ou consciência em cada célula viva," informou Backster. As experiências de Backster foram agora repetidas e confirmadas pelo Dr. Marcel Vogel, veterano químico da IBM em San Jose, na Califórnia, e por um grupo de pesquisadores particulares, inclusive nós mesmos. As experiências com as plantas serão mais detalhadamente descritas no Capítulo Quatro, *As Pirâmides e a Força das Plantas*.

Um resumo dos relatórios revela que a nova energia pode ser refratada, refletida, polarizada e combinada com outras energias, e produz efeitos semelhantes aos da eletricidade, magnetismo, calor e radiações luminosas, não sendo, entretanto, em si mesma, nada disso.

As pesquisas efetuadas até agora com as pirâmides fornecem alguma evidência de que o espaço dentro da Grande Pirâmide e de suas réplicas miniaturizadas aumentam, intensificam, e/ou geram energia do espectro eletromagnético e outras formas ou graus da chamada energia universal. Conforme descreveremos nos próximos capítulos, a atividade dentro de uma forma piramidal se

equipara a uma ampla variedade de fenômenos paranormais: o tratamento da água por médiuns e seus subsequentes efeitos sobre as plantas tratadas com ela; a água tratada pelas células de Brown — células isoladas que contêm pigmentos sensíveis à luz, partículas de luz cristalizada — e dada às plantas e aos animais, e revelando também um processo de purificação consoante aos testes de laboratório; a restauração e aumento da energia do corpo semelhante à obtida pelas telas de Eeman, aplicação de pilhas secas ou úmidas, oscilador de ondas múltiplas, acumuladores de energia orgânica, etc.; a cura psíquica e a intensificação dos estados transcendentes, conforme descritos na literatura metafísica, e que ocorrem quando um guru ou mestre eleva o nível de energia de um discípulo.

Na pesquisa científica realizada nos campos de energia da Grande Pirâmide pelo Dr. Luiz Alvarez, detentor do Prêmio Nobel de Física, em 1968, foram empregados princípios científicos padronizados. A idéia era a de que os raios cósmicos atravessando a Pirâmide revelariam câmaras que ainda não tinham sido descobertas. Um dispositivo registrador de partículas cósmicas evidenciaria menos perda de energia na passagem através de um aposento oculto, do que através da pedra sólida. Esta pesquisa envolveu várias instituições, bem como um acordo governamental entre os Estados Unidos e o Egito.

Fitas magnéticas, que registraram os dados, foram colocadas nos mais modernos computadores para análise dos resultados. Segundo um dos colegas do Dr. Alvarez, as fitas revelaram a impossibilidade de se estabelecer um padrão pelo qual se pudesse determinar um ponto zero estável de referência, e de cada vez que eram repassadas davam um tipo de leitura diferente. Não só as partículas eram diferentes, como certos dados desapareciam das fitas. A conclusão foi a de que o que estava ocorrendo não só era impossível, mas também que estava sendo registrada alguma energia que não correspondia às leis científicas.

De acordo com George W. Van Tassel, diretor do Ministério da Sabedoria Universal, Inc., o máximo de energia a ser gerada exige 28 dias ou um mês magnético. Van Tassel afirma que um cristal de quartzo colocado no cimo da pirâmide, onde deve ter estado a pedra de

arremate da Pirâmide de Gizé, intensifica os efeitos, e que um condensador de quartzo laminado, com as lâminas de quartzo separadas por germânio, posto no alto da pirâmide produz energia capaz de ser registrada nos equipamentos científicos existentes.

As pedras da Grande Pirâmide pesam setenta toneladas. A *Câmara do Rei* foi cercada de blocos de granito, supostamente porque o granito produz um efeito piezotétrico devido aos cristais de quartzo, mica e feldspato, que entram na sua composição. A maior parte da Pirâmide de Gizé é de calcário, que não possui propriedades elétricas. Há quem acredite que as câmaras de granito por cima da *Câmara do Rei* formem uma espécie de condensador granítico do ar para armazenar energia.

Energia orgânica foi o nome dado pelo Dr. Wilhelm Reich ao que ele achou ser a energia cósmica vital, primordial, livre de massa, na qual estamos imersos e tudo o mais que existe em nosso planeta. O *oraccu* foi inventado por Reich para, segundo se afirma, reunir e acumular na atmosfera a energia da vida e torná-la utilizável para fins médicos e científicos. Reich declara que a energia orgânica é capaz de penetrar todas as coisas, mas com velocidades diversas e, embora presente em toda a parte, varia consideravelmente em concentração e qualidade.

Reich descobriu que a matéria orgânica (madeira, lã, algodão, etc.) absorve-a rapidamente, enquanto que os metais primeiro absorvem-na, repelindo-a depois rapidamente. Assim nasceu o princípio fundamental que governa a construção dos dispositivos do *oraccu*.

O *oraccu* básico é uma simples caixa de seis lados, cujas paredes são todas construídas exatamente do mesmo modo. A camada mais externa de cada parede é construída de material orgânico como madeira ou uma composição de papelão prensado. A camada interna, metálica, pode ser feita de uma folha de ferro ou de fios de ferro (tela). Deve-se prestar atenção tanto à camada absorvente (orgânica), quanto à repelente (metálica), no que se refere à quantidade e tipo do material a ser empregado. Para fins médicos e científicos, Reich recomenda o ferro como o melhor material metálico. Outros metais, como por exemplo o alumínio, ele considera nocivos aos objetivos médicos. Os materiais orgânicos tam-

bém variam quanto à sua capacidade de absorver a energia e quanto à umidade.

A específica disposição das camadas orgânicas da parede externa e metálica da parede interna constitui um *oraccu* de um *envoltório*. Alguns pesquisadores construíram e usaram *oraccus* de dez envoltórios para experiências com as plantas; contudo, Reich advertiu contra o emprego de um *oraccu* mais forte do que três envoltórios para fins médicos sem a adequada supervisão, médica.

Segundo se afirma, a disposição das camadas das paredes orgânicas e metálicas estabelece uma direção do fluxo de energia orgônica do exterior para o interior do *oraccu*, onde o orgônio é concentrado num nível superior ao existente na atmosfera adjacente. A energia orgônica flui do potencial mais fraco para o mais forte (justamente o oposto do fluxo elétrico). Assim, o ser humano dentro do *oraccu* atrai a energia para o seu próprio sistema orgonótico, cujo potencial é mais alto do que o do *oraccu*.

A ciência tem demonstrado que o núcleo de cada átomo é cercado de partículas negativamente carregadas chamadas elétrons, cujo número pode ir de 1 a 92. Os elétrons giram em torno do núcleo positivamente carregado a uma velocidade de 300.000 quilômetros por segundo.

Uma partícula carregada de massa, girando em círculo à velocidade da luz, gera radiação eletromagnética. De cada átomo parte uma radiação eletromagnética de comprimentos de ondas extremamente curtos, variando de um milimícron a cem milimícrons ou mais. O átomo de cada elemento gera, continuamente, sua própria combinação de frequências.

Encontra-se uma excelente descrição desta teoria na obra *Physical Chemistry* (Física Química), de Sir William Ramsey: "O campo de radiação em si é produzido da seguinte maneira. Uma onda ou perturbação eletromagnética nasce de uma unidade polar vibrando eletricamente — um sistema molecular ou atômico com uma separação especial de cargas elétricas diferentes — cuja vibração envolve uma flutuação periódica de seu momento elétrico. A frequência da radiação emitida é idêntica à do próprio oscilador. Por outro lado, se uma

unidade eletricamente polarizada for colocada em um campo de radiação, cuja frequência se aproxima da frequência natural de vibração da unidade polarizada, esta última será induzida a vibrar em consonância com o vetor elétrico do campo, e a energia será continuamente absorvida do campo."

O Dr. Robert A. Millikan, ex-presidente do Instituto de Tecnologia da Califórnia e detentor do Prêmio Nobel de Física por seu trabalho sobre a pesagem do elétron, falando para várias sociedades técnicas em Kansas City, no Missouri, fez a seguinte declaração: "Um dia descobriremos que cada um dos elementos da substância material vibra com uma frequência, cada qual diferente do outro."

O Dr. I. I. Rabi, da Universidade de Columbia, ganhou o prêmio da Associação Americana para o Progresso da Ciência por seu trabalho sobre a ressonância nuclear. Na *Science News Letter* de 6 de janeiro de 1960, ele declara: "Os átomos podem agir como pequenos transmissores de rádio irradiando em ondas ultracurtas."

Numa entrevista concedida à Associated Press, em 30 de dezembro de 1939, o Dr. Rabi disse: "O próprio homem, bem como todos os tipos da suposta matéria inerte, emite constantemente raios. Na natureza, cada átomo e cada molécula é uma contínua estação de rádio transmissor. Aqueles que acreditam na telepatia, na intuição e na clarividência têm na declaração de hoje a primeira prova científica da existência de raios invisíveis que podem, realmente, atravessar de uma pessoa para outra."

O Dr. Flanagan, no panfleto mencionado anteriormente, declarou: "A Pirâmide de Gizé gera milimicroondas ou nanoondas de radiação pelo simples fato de ter cinco ângulos. Os quatro da base e o do ápice. Estes ângulos constituem, com efeito, um tipo de radiador de nanoondas. A radiação das moléculas ou dos átomos da matéria na Pirâmide combina-se pelos ângulos formados pelos cantos, num feixe que divide ao meio os ângulos dos cantos, e transmite um feixe desta radiação para o centro da Pirâmide."

E acrescentou: "Todas essas energias se combinam no centro ou área da *Câmara do Rei* da Pirâmide. As moléculas ou átomos, nesta área, absorvem estas energias

por meio da ressonância. A medida que a energia cresce, as órbitas dos elétrons começam a se expandir. Quanto mais energia é absorvida, maior é a expansão. Chegaria um ponto no qual, se a energia absorvida fosse demasiada, os átomos se desintegrariam e os elétrons se escapariam, porém a energia requerida para isso seria muito maior do que a Pirâmide pode concentrar. A proporção que a energia aumenta, há um aumento na circulação e, finalmente, chegamos a uma atmosfera altamente saturada de energia, numa faixa de ondas em torno de dez nanômetros. Esta energia também irradia para fora dos cantos da Pirâmide."

Esta energia, conhecida e desconhecida, parece ser a origem de todas as coisas vivas, ligando o homem ao homem, e o homem ao cosmos. Resta, talvez, provar se os antigos construtores da Grande Pirâmide conheciam a natureza desta energia e como usá-la, mas continua a crescer a evidência de que a Grande Pirâmide (e suas miniaturas feitas em casa e nos laboratórios) são, por acidente ou não — entre outras coisas — geradores de um campo de múltipla força.

4. AS PIRAMIDES E O PODER DAS PLANTAS

Ele ajoelhou-se à beira de um antigo espojadouro de búfalos, onde as pequenas flores do prado cresciam meio ocultas na grama azulada da região de pastagem de Kansas Flint Hill. Cuidadosamente, ele correu os dedos pelas pétalas brancas. "Estes irmãos podem refletir sua alma. Eles o vêem passar e informam ao Grande Espírito como você pisa sobre a terra."

— Você conhece as experiências de Cleve Backster com as plantas, as medidas que tomou de suas reações emocionais? — perguntou Shul.

Ele abanou a cabeça e passou muito tempo sem responder, enquanto parecia contemplar uma moita de sumagre a pouca distância (1). — Sim — disse por fim. — O homem branco tem seus métodos e levou muito tempo para descobrir o que os índios sempre souberam: que a vida é uma e não se pode dissociá-la. A forma nada significa. O homem começa a se comunicar consigo mesmo e com os outros no dia em que aprende que as plantas também compartilham da consciência universal.

Isto passou-se por ocasião da Conferência Interdisciplinar do Controle Voluntário dos Estados Internos da Consciência, em 1971, patrocinada pela Fundação Menninger. Vários de nós havíamos aproveitado um intervalo das sessões para acompanhar Trovão Reboante,

(1) — Tipo de plantas de folhas compostas que, quando secas e reduzidas a pó, servem como adstringente e para fabricar tintas. (N. do T.)

curandeiro chefe da Nação Índia Shoshone, num passeio pelos prados circunvizinhos. Ele havia sido convidado para assistir à conferência, a fim de compartilhar com os cientistas de vários países, algumas das grandes e antigas tradições do curandeiro índio. Quantas vezes pensei nele desde quando começamos nossos trabalhos com as plantas ou quando lia a respeito de alguma nova descoberta referente à relação do homem com elas. E fico então a imaginar Trovão Reboante lendo a mesma informação, com um sorriso calmo e enigmático, refletindo um traço de regozijo interior.

Talvez seja o inesperado contato com alguém como Trovão Reboante — uma voz do passado e guardião de um antigo corpo de conhecimentos —, mas nos apercebemos de que só descobrimos o que já é conhecido por uma inteligência superior à nossa. Saberia o curandeiro índio até onde, na cronologia de seus mestres, poderia ser traçada esta sabedoria? Estes pensamentos têm uma maneira de se insinuar, em particular quando procuramos os vislumbres de uma estrutura de há muito conhecida do homem. Observando nossas plantas realizarem o que para nós era um novo ritual dentro de seus espaços piramidais, lutamos por ler nesses movimentos as chaves do antigo conhecimento dos campos de energia.

Provas consideráveis indicam agora as plantas como uma dessas chaves. Poucos acontecimentos nas áreas científicas dos últimos anos têm despertado maior excitação, espanto e uma elevação da consciência, do que as experiências realizadas com as plantas. Nossas pesquisas com as plantas que crescem dentro de pirâmides proporcionaram alguns fenômenos que dão o que pensar. O que de fato iniciou o emprego das plantas como objeto para o novo estudo dos campos de energia e até da consciência em anos recentes, no entanto, foi uma fase de uma inocente pesquisa efetuada na manhã do dia 2 de fevereiro de 1966, que alterou completamente nossos conceitos das formas de vida. Naquele dia, Cleve Backster, perito polígrafo e ex-especialista em interrogatórios da CIA, descobriu que as plantas revelam uma reação emocional semelhante à observada nos seres humanos.

Procurando medir a taxa em que a água subia por uma planta desde a raiz até à folha, Backster fixou os eletrodos de um polígrafo modificado às folhas de uma

dracena doméstica. O polígrafo ou detector de mentiras mede a alteração da respiração, pressão arterial, número de pulsações e da sudorese provocadas por estímulos emocionais nas pessoas a ele submetidas. A alteração na transpiração é conhecida como reação galvânica da pele ou reflexo psicogalvânico (RPG). Os resultados são registrados na fita do polígrafo por um estilete que traça linhas sobre o papel, de acordo com a atividade elétrica do indivíduo.

Backster raciocinou que quando a água atingisse a folha da planta, a resistência diminuiria e o traçado subiria. Ocorreu justamente o contrário. O exame da fita revelou o traçado típico de um ser humano emocionalmente excitado. Como pode ter uma planta reações emocionais? Intrigado, Backster resolveu tentar o princípio da ameaça ao bem-estar queimando a folha da planta com um fósforo. No instante em que ele pensou em acender o fósforo houve uma dramática alteração no traçado do RPG. Ele se achava a vários pés de distância da planta e ainda não tinha acendido o fósforo, e o estilete já estava dançando sobre a fita registradora.

Insistindo no critério do princípio da ameaça, Backster deixou cair alguns camarões na água fervendo. Uma vez mais a planta revelou grande agitação. Ele pôs-se a imaginar se as células seriam capazes de irradiar alguma espécie de sinal de angústia para outras células vivas. Foi instituído um estudo científico cuidadosamente planejado.

Backster resolveu que podia eliminar a possibilidade de um erro humano automatizando suas experiências. Ele construiu aparelhagem programada para matar os camarões ao acaso, com o tempo precisamente registrado pelas máquinas. Nenhum ser humano permanecia no local. Renomados cientistas concordaram que o sistema não podia falhar ou ser adulterado.

Foram fixados eletrodos em três plantas separadas, colocadas em quartos separados e distantes da área onde o camarão seria morto pela imersão automática em água escaldante. As leituras dos traçados do polígrafo revelaram que a resposta emocional das plantas ocorria no exato momento da morte do camarão. Desde então a experiência tem sido repetida muitas vezes por Backster e outros, todos empregando sofisticados equipamentos to-

mados ao acaso, programadores e dispositivos mecânicos sendo os resultados sempre os mesmos. Têm-se obtido iguais resultados danificando ou destruindo outras formas de vida enquanto se controlam as reações das plantas a estes acontecimentos. Informalmente, confirmamos as experiências de ameaças realizadas na Fundação Menninger e, mais tarde, no laboratório em nossa garagem, com um polígrafo modificado.

Backster descobriu que o indefinido sistema sensorial ou capacidade de percepção na vida da célula não pode ser bloqueada por uma tela de Faraday (que impede a penetração elétrica), nem por lâminas de chumbo. O sinal continuava gerado, ao que parece, por uma força além de nosso espectro eletrodinâmico.

Trabalhando com Backster no conselho consultivo da Fundação Ernest Holmes para Pesquisas, tivemos a oportunidade de visitá-lo recentemente. Ele nos disse que esta força parecia ser um sinal de vida insuspeitado e que possivelmente unia toda a criação. Sua hipótese é a de que todas as formas de vida estão unidas pela consciência ao nível celular — que as plantas, assim como as pessoas e os animais, são capazes de se comunicar entre si a um nível muito mais alto do que qualquer forma de telepatia conhecida até agora.

Aparentemente, a distância não constitui uma barreira. Uma planta pertencente a um amigo foi deixada com Backster, e este descobriu que ela se tornou altamente excitada quando seu dono passou por uma crise de tensão quando seu avião aterrissou em Cincinnati. Desde então Backster mantém um tronco de árvore com um cronômetro toda vez que se ausenta de seu laboratório em Nova York. Seus momentos de excitação, tensão, etc., coincidem com os traçados poligráficos de suas plantas. Independentemente da distância em que ele se acha, quando pensa em voltar para o escritório, as plantas reagem com excitação. É interessante notar que as plantas demonstram afeto pelos que cuidam delas mas também medo dos estranhos e dos que as maltratam. Backster testou este ponto várias vezes desempenhando o papel do *bom moço*, enquanto seu assistente, Bob Henson, fazia o de *vilão*. Toda vez que Backster cortava o dedo ou se feria quando estava trabalhando no seu laboratório, suas plantas reagiam com grande simpatia.

Em suma, as experiências de Backster forneceram a prova de que as plantas — embora se creia não terem nervos — registram o medo, a apreensão, o alívio e o prazer. Porém, há quase três quartos de século, o mais notável físico da Índia, Sir Jagadis Chandra Bose, declarou: "O amor, o ódio, a alegria, o medo, o prazer, a dor, a excitabilidade, o estupor e muitas outras reações adequadas aos estímulos são tão universais nas plantas quanto nos animais."

A afirmação do Dr. Bose não foi uma vã especulação. Primeiro hindu a receber uma distinção internacional em física, psicologia e fisiologia, ele demonstrou que o reino vegetal vive e sente através de seu Crescógrafo — destinado a medir e registrar os impulsos nervosos nos animais — o qual revelou que as plantas exibem reações de excitação aos estímulos mecânicos e sofrem alterações fisiológicas idênticas às que se processam no tecido animal. Utilizando o seu Oscilador de Ressonância, que mede a velocidade de transmissão da resposta à excitação, e o Registrador de Oscilações, que registrava as pulsações da planta Telégrafo, Bose demonstrou a semelhança entre os impulsos da planta e os batimentos do coração animal.

Bose demonstrou que quando uma planta era espetada com um alfinete, sua taxa de crescimento reduzia-se imediatamente de um quarto, e que ela levava cerca de duas horas para se recuperar. Mostrou ainda que um fraco estímulo elétrico provocava uma alteração no pulvino (1) (ele se comporta de forma semelhante a um músculo contrátil num animal) de uma planta, e que um estímulo forte induzia uma alteração elétrica negativa. Ele considerou que o tom positivo era agradável à planta e o negativo desagradável ou doloroso.

Em sua *Autobiography of a Yogi* (Autobiografia de um Iogue), Paramahansa Yogananda relata como viu Bose introduzir um instrumento afiado através da seção de um feto. Observando a sombra do feto na tela do Crescógrafo, capaz de maximizar os impulsos 10 milhões

(1) — Intumescência que se desenvolve na base do pecíolo das folhas de certas plantas. (N. do T.)

de vezes, ele viu o feto tremer espasmodicamente no instante do golpe, e depois morrer tremendo violentamente, quando Bose atingiu o caule. Segundo Yogenanda, a contração da morte na planta parecia semelhante em todos os aspectos à contração da morte num animal.

O Cardiógrafo Ressorador de Bose mediu pulsações infinitesimais nas plantas, nos animais e nos seres humanos, à razão de um centésimo de segundo. De acordo com Patrick Geddes, professor de Botânica que escreveu *The Life and Work of Sir Jagadis C. Bose* (Vida e Obra de Sir Jagadis C. Bose), o Dr. Bose construiu o Cardiógrafo na esperança de que o instrumento levasse à prática da vivisseção nas plantas em vez de nos animais.

A força da oração nas plantas foi demonstrada muitas vezes. Talvez a pesquisa mais completa nesta área tenha sido efetuada pelo Reverendo Franklin Loehr, que criou a Fundação para Pesquisa Religiosa da América com este objetivo. Seus trabalhos durante três anos, nos quais 150 pessoas realizaram mais de 700 pesquisas e efetuaram mais de 100.000 medidas, demonstraram que a oração pode afetar o crescimento e a saúde das plantas. Os resultados foram publicados no *bestseller* *The Power of Prayer on Plants* (O Poder da Oração sobre as Plantas).

Tendo lido as experiências de Loehr, o Dr. Robert Miller, engenheiro químico em Atlanta e ex-professor do Instituto de Tecnologia da Geórgia, resolveu examinar o poder da oração a longa distância sobre as plantas. Ele empregou um transdutor rotativo eletromecânico e um registrador de fita para medir o crescimento da planta. Pediu-se aos Drs. Ambrose e Olga Worrall, conhecidos médiuns, que orassem pelas plantas desde sua casa, situada cerca de 600 milhas de distância. Durante um período de onze horas, as plantas cresceram a uma taxa de 52,5 milímetros por hora — mais de 800 por cento da taxa normal.

O Dr. Bernard Grad, bioquímico e professor de psiquiatria na Universidade McGill em Montreal, tornou-se internacionalmente conhecido por suas experiências com os efeitos de *apor as mãos* e, em particular, com o efeito telecinético no crescimento das plantas. Tendo encontrado um médium altamente capaz na pessoa de Oskar Estebany, ex-coronel do exército húngaro, Grad passou

sete anos investigando a natureza do poder de Estebany. Entre as experiências, incluiu-se a de fazer com que segurasse, durante alguns minutos, sementes em suas mãos antes de plantá-las, e de segurar também um recipiente com água que depois era derramada sobre as sementes em experiência. Em cada caso, a taxa de germinação superava de muito a das sementes não submetidas a este tratamento.

Estas experiências parecem corroborar o velho adágio do *dedo verde*, pelo qual certas pessoas parecem gozar de uma habilidade especial para cultivar as plantas. Há meio século, Luther Burbank afirmava: "... uma pessoa planta uma flor, trata-a com todo o cuidado, e ela murcha. No entanto, em idênticas condições físicas de cuidados e atenção, uma segunda pessoa pode fazer com que a mesma flor desabroche sadamente. O segredo ... é o amor."

A questão que se apresenta de imediato é como uma planta é capaz de reagir ao amor a não ser que possa senti-lo? Será que a demonstração de amor e carinho gera alguma energia ainda desconhecida à qual a planta reage? As experiências acima descritas demonstram claramente que alguma força invisível e desconhecida é capaz de alterar o comportamento das plantas, às vezes de modo drástico.

O importante é que quando você considerar estas e outras experiências, que serão mencionadas mais adiante neste capítulo, verá que podem ser traçados interessantes paralelos com as pesquisas realizadas na pirâmide. Sementes e plantas, colocadas dentro de um espaço em forma de pirâmide, comportam-se de maneira muito diferente daquelas que se acham fora dele.

Em nossas primeiras pesquisas com as plantas dentro de modelos de pirâmides, verificamos uma significativa diferença na taxa de crescimento das plantas em experiência e das de controle postas do lado de fora das pirâmides. Essas observações nos levaram a crer que uma força energética, capturada ou gerada pela pirâmide, estava afetando as plantas. Ficamos pensando se não se poderia observar este efeito com o uso de fotografias tomadas a determinados intervalos de tempo.

O que vimos — e depois foi mostrado a vários pesquisadores, cientistas e leigos — foi as plantas girarem

numa espécie de dança síntonica, como se dirigidas por um maestro invisível.

Nosso primeiro filme mostrou um girassol de aproximadamente seis polegadas (15cm) de altura, esguio, com duas folhas bem formadas, colocado no centro de uma pirâmide de vidro ao nível da *Câmara do Rei*, isto é, a um terço da distância entre a base e o ápice. A planta descrevia um movimento cíclico de leste para oeste. Ela se curvava para o leste quase tocando a base, descrevia um semicírculo para o sul e retornava para oeste, colocando-se por fim na vertical antes de iniciar mais uma dança. O movimento repetia-se a cada duas horas de acordo com um relógio colocado ao lado da planta. Desde então, a fotografia de tempo tem sido usada várias vezes num período de dois anos.

Durante mais de dois anos o movimento de leste para oeste jamais se alterou; o padrão era sempre o mesmo. Então, de repente, em julho de 1974, o movimento de leste para oeste parou e as plantas começaram a se mover num arco norte-sul. Admitimos a hipótese de que a alteração podia ter sido causada por variações das manchas solares ou das explosões solares. No entanto, verificações feitas junto às estações meteorológicas e espaciais que medem esses fenômenos não forneceram quaisquer pistas. No momento em que escrevemos, novembro de 1974, continua o movimento norte-sul. Acha-mos que esta mudança radical tem alguma significação e chegamos mesmo a especular que as plantas estão registrando alguma modificação em nosso ambiente. Naturalmente, estamos continuando nossas pesquisas neste sentido.

As plantas fora das pirâmides não mostram os movimentos giratórios das que se acham dentro delas. As fotografias de tempo revelam que elas procedem como as moças que, num baile, não encontram pares para dançar, ao contrário de suas iguais que se acham dentro das pirâmides.

Nossas experiências parecem indicar que existe uma espécie de vento cósmico que sopra de oeste. Quando se coloca uma tela de alumínio do lado ocidental da planta que se encontra dentro de uma pirâmide, a planta hesita em seu movimento giratório e depois pára completamente, até que a tela seja removida ou até que seu

crescimento ultrapasse a altura da tela. No entanto, somente a porção que fica por cima da tela se move, permanecendo inibida a porção bloqueada. Enquanto a tela permanece verticalmente colocada do lado oeste da planta, esta não murcha e continua sadia, se bem que estranhamente suspensa no limbo.

Parece que o campo de energia capturado, amplificado ou gerado pela pirâmide inclui uma parte do espectro eletromagnético, na medida em que a presença do anteparo de alumínio parece bloquear um campo de força e suspender o movimento da planta. Segundo nossas investigações, o alumínio é o único metal que serve de inibidor. O alumínio é fabricado por um processo elétrico e pode ser considerado como uma substância elétrica. Talvez o alumínio produza um campo negativo ou sirva para bloquear o campo positivo. Sementes colocadas em pilas sobre lâminas de alumínio não germinaram durante quatro dias, embora outras dispostas em pilas semelhantes sem a folha de alumínio germinassem em dois dias. Uma vez deixada dentro da pirâmide por duas semanas mais ou menos, parece que a folha ou a tela se saturam com a energia da pirâmide e não servem mais como inibidoras. No entanto, deixado fora da pirâmide por qualquer espaço de tempo, o alumínio perde sua carga e readquire o seu poder inibidor.

Quando se introduz na pirâmide um ímã, as plantas pequenas param os seus movimentos. Um ímã colocado ao lado de um girassol de 15 cm de altura interrompeu os movimentos giratórios da planta ao nível da base, embora no alto a planta continuasse a se mover. Retirado o ímã, a planta reiniciou seus movimentos da base do caule. Misteriosamente, quando as plantas são colocadas sob cúpulas de plástico, a permanência dos ímãs parece inibir o movimento da planta em qualquer lugar da pirâmide, exceto naquele que fica diretamente sob o ápice. Em outras palavras, é como se a energia naquele local fosse suficientemente forte para superar uma força contrária gerada pelo ímã.

Lembrando que a experiência do Dr. Bose revelou que as plantas alimentadas por fracos impulsos elétricos ficavam saudáveis e felizes, enquanto que as que recebiam cargas elétricas mais intensas se deterioravam, podemos supor que as telas de alumínio e os ímãs ten-

dem a gerar uma superdose de cargas elétricas dentro do espaço da pirâmide já carregado pela própria atividade de seu campo. Poderia parecer uma questão de excesso, levando mesmo ao abuso das experiências, o fato de os imãs colocados perto das plantas fora das pirâmides revelarem um aumento no crescimento das referidas plantas. Podemos também notar que, no caso da eletroterapia, as que a ela vão se submeter são avisados de que as baixas doses de eletricidade podem ser benéficas e que as altas doses são capazes de causar danos.

No que toca à geração de campos elétricos conhecidos, os cinco espaços abertos ou câmaras situados acima da *Câmara do Rei* na Grande Pirâmide podem proporcionar um efeito semelhante ao de um capacitor à *Câmara do Rei*, com as propriedades elétricas que acompanham as de um capacitor. O granito usado em muitas partes da pirâmide veio de Assuã e tem uma qualidade piezoelétrica muito semelhante à do quartzo.

O comportamento de um girassol — observado por meio de uma seqüência de fotos intervaladas — pareceu ser muito humano no que diz respeito à sua atração pelo ouro. Um cilindro feito de uma delgada lâmina de ouro de 22 quilates foi colocado dentro da pirâmide e a planta procurou por todos os meios girar em torno dele. Por fim, ela oscilou para trás, na direção oposta, porém não até tão longe quanto de hábito, e retornou rapidamente a abraçar o cilindro de folha.

Anton Mesmer, fortemente influenciado pelas obras do médico Paracelso, do século XVI, acreditava que as plantas e os astros desprendiam um fluido magnético sutil e invisível, que influenciava a saúde e o bem-estar do homem. Ele se referia a esta força como *magnetismo animal*. Após a morte de Mesmer, em 1815, seus seguidores passaram a se chamar de magnetizadores. Em 1841, um cientista e magnetizador francês, Charles Lafontaine, lançou-se a uma série de experiências com as plantas, a fim de determinar se o magnetismo, que Mesmer acreditava que ele era capaz de gerar e usar para curar, tinha algum efeito sobre as formas inferiores de vida.

Lafontaine fez passes sobre um gerânio que estava morrendo. A planta não só reviveu, como cresceu mais e floresceu mais profusamente que os outros gerânios que

lhe estavam próximos. Excitado pelo sucesso obtido por Lafontaine, um de seus colegas, o Dr. Picard, obteve resultados semelhantes com um pessegueiro. Outros pesquisadores, trabalhando com Lafontaine, também conseguiram curas espantosas de árvores frutíferas e obtiveram mais frutos do que os produzidos pelas árvores de controle plantadas em terra que teve o mesmo trato.

Atualmente, a Irmã Justa Smith, enzimologista e catedrática do Departamento de Química da Escola de Rosary Hill em Búfalo, Nova York, dedicou-se profundamente ao estudo do efeito da força que emana das mãos de um médium sobre as enzimas.

A Dra. Smith demonstrou que os campos magnéticos aumentam a atividade das enzimas, enquanto que a luz ultravioleta a prejudica. Agora ela está trabalhando com Estebany na pesquisa deste campo de força e de seus efeitos comparados aos de um forte campo magnético. Usando quatro recipientes com enzimas, o frasco não submetido ao tratamento permanece à mesma temperatura que as mãos de Estebany; o segundo frasco é seguro por Estebany durante setenta e cinco minutos; o terceiro contém enzimas danificadas pela luz ultravioleta, e Estebany trata-o do mesmo modo do segundo. O quarto recipiente de enzimas é exposto a um forte campo magnético de 8.000 a 13.000 gauss. A medida do campo magnético da terra revelou menos de um gauss.

Esta experiência foi realizada diariamente durante um mês, e a Dra. Smith descobriu um significativo aumento da atividade das enzimas contidas nos frascos tratados, em comparação com os de controle. Viu-se que as enzimas danificadas pela luz ultravioleta e depois tratadas por Estebany haviam-se "curado" e retornaram à atividade normal. A descoberta feita pela Dra. Smith, de que a atividade das enzimas no frasco tratado por Estebany era a mesma que a dos frascos submetidos a um campo magnético de 13.000 gauss, foi de considerável importância.

A pergunta que a Irmã Justa Smith faz é se a força irradiada por Estebany — e médiuns semelhantes — e o campo magnético carregado são a mesma força que

normalmente provoca a cura. Ela está trabalhando também como diretora do Instituto de Dimensões Humanas, em Rosary Hill, que está empenhado na pesquisa científica das dimensões desconhecidas do potencial do homem. Um dos projetos do Instituto é a mensuração dos efeitos da PES (Percepção Extra-Sensorial) sobre as plantas, e que está sendo realizado pelo Dr. Douglas Dean, da Escola de Engenharia de Newark. Ele descobriu que os estudantes que demonstram maior grau de PES são capazes de fazer crescer mais as sementes de cevada plantadas.

Que o crescimento e a cura são iniciados pelos mesmos campos de força não constitui surpresa para ninguém, porém a questão levantada pela pesquisa feita nas pirâmides é saber se a energia, aparentemente disponível dentro do seu espaço, é da mesma natureza. Há algumas provas que indicam ter ela propriedades semelhantes: influenciam o crescimento das plantas, a atividade bacteriana e das enzimas, e há indícios de que aumentam as qualidades curativas, descritas em outro capítulo deste livro.

A maior parte da literatura sobre as pirâmides sugere que as sementes germinam mais depressa e que as plantas crescem mais rapidamente quando colocadas dentro das pirâmides. Em seu livro, *Pyramid Power* (O Poder da Pirâmide), Max Toth e Greg Nielsen afirmam: "Os horticultores descobriram que as sementes colocadas dentro de uma pirâmide antes de serem plantadas germinam mais depressa e produzem uma planta mais forte e mais sadia num menor período de tempo do que as que não passaram por este processo."

A psicossensitiva Tenny Hale, do Oregon, diz que deixou uma muda fora d'água dentro de uma pirâmide durante cinco dias e que ela não morreu. Retirada da pirâmide e posta dentro d'água para criar raízes, a muda morreu em meia hora.

Segundo várias experiências foi possível incrementar o crescimento das plantas regando-as com água que permaneceu durante uma semana ou mais dentro de uma pirâmide.

Obtivemos excelentes resultados com tomateiros, deixando-os crescer dentro de uma pirâmide durante duas

semanas, antes de plantá-los na terra fora dela. Estes tomateiros produziram muito mais do que igual número de outros que serviam de controle. Com efeito, um deles chegou a dar mais de cem tomates de uma só vez. Outro grupo de tomateiros se conduziu muito bem depois de iniciar o seu crescimento dentro de uma pirâmide. Mais tarde ele foi atacado por pragas, o que nos fez construir uma estrutura coberta com uma tela galvanizada, colocada no alto de um poste que foi enterrado no solo, perto de uma das plantas, na esperança de que gerasse um campo magnético em torno dela. Ela atingiu a mais de 2,70m de altura e produziu tomates a uma distância de 2,40m do solo. No entanto, o restante das plantas morreu.

Mas nem sempre os resultados são consistentes. Como acontece com outros tipos de pesquisas, eventualmente os resultados são extravagantes e até mesmo opostos num mesmo tipo de experiência, onde as variáveis permaneceram as mesmas. Por exemplo, nem sempre as sementes germinam no interior das pirâmides e, às vezes, o fazem mais lentamente do que as que estão colocadas do lado de fora.

Numa das experiências, pegamos quatro bandejas e colocamos, em cada uma delas, duas sementes de favas, feijões e girassóis em cima de guardanapos de papel dobrados. Uma bandeja foi umedecida com água da bica, outra com água de uma célula-D (as células-D serão discutidas mais adiante neste livro), outra com água da pirâmide, e a quarta com água da bica e colocada no campo de um oscilador de ondas múltiplas (OOM) durante um minuto. As sementes tratadas com a água do oscilador cresceram três vezes mais depressa do que as das outras bandejas. Nestas, houve pouca variação na germinação e na taxa de crescimento.

Várias pessoas têm nos perguntado sobre a conveniência de se construírem estufas na forma de pirâmides. Temos sugerido que, antes de ser feito este investimento, há necessidade de ulteriores pesquisas. Embora as plantas não raro floresçam dentro das pirâmides, às vezes deixam de fazê-lo. Diversas verbenas, colocadas dentro de pirâmides em diferentes ocasiões, morreram. Desco-

brimos que os cogumelos duram ali muito pouco tempo. Tomateiros semeados em solos que anteriormente serviram como base para pirâmides sempre morreram. De vez em quando, uma planta colocada dentro de uma pirâmide pára de crescer e permanece durante dias como que suspensa no tempo.

Pode-se supor que o fato de as plantas se comportarem muito melhor e, eventualmente, muito pior dentro das pirâmides ou quando tratadas com a água da pirâmide, dependa da quantidade de energia benéfica presente ou gerada. Quando as plantas se atrasam no crescimento ou morrem, isto pode ser consequência de uma carga elétrica muito intensa ou, possivelmente, devido à presença de uma energia negativa qualquer. Já foi demonstrado que uma corrente elétrica fraca intensifica o crescimento e que uma forte o inibe, e nossas experiências de germinação com as sementes tratadas pelo OOM parecem confirmar este fato.

Nem todas as localizações dentro da pirâmide exercem efeitos iguais. Embora tivéssemos antecipado que o máximo do crescimento poderia ocorrer quando a planta fosse colocada no local correspondente ao da *Câmara do Rei* na Grande Pirâmide, o caso pareceu ser outro. Em cada um dos exemplos, a planta que mais cresceu foi a que se achava mais perto do ápice da pirâmide. Estas observações parecem reforçar as teorias existentes, segundo as quais a energia flui para cima e para fora do ápice da pirâmide.

A literatura sobre a Grande Pirâmide está cheia de referências às sensações de cargas elétricas ou à presença de um intenso campo de energia quando se fica no alto da enorme estrutura. Aqueles que passaram por esta experiência relataram suas reações de diversos modos, desde a sensação de "se sentir tão carregado de energia que se tinha a impressão de ser um feixe de luz," até "eu me senti tão consumido pelo campo de energia que fui obrigado a descer para não perder os sentidos." Contudo, há os que ali subiram e se referiram apenas à paisagem vista lá de cima. Ocasionalmente, há referências à presença de uma aura em torno do cume da Grande Pirâmide, ou de uma luz que foi vista por alguns. Vários clarividentes relataram sentir um fluxo de energia que

emana do cume dos modelos de pirâmides. Uma noite, enquanto alinhávamos uma pirâmide no eixo norte-sul com o auxílio de uma bússola, verificamos que quando o aparelho era mantido por sobre o ápice da pirâmide, a agulha oscilava desordenadamente. Mesmo fixando a bússola no alto da pirâmide, a agulha não deixava de se mexer. Porém, tentativas feitas para repetir este procedimento produziram apenas pequenos movimentos da agulha, ou nenhum.

Os aviões foram avisados para não voarem por sobre as pirâmides devido aos raios que se dirigem para cima, emanados do ápice. Pelos relatórios de pilotos que voaram por cima delas, sabe-se que os instrumentos de bordo ficam desregulados.

Se a Grande Pirâmide foi construída para produzir um fluxo de energia para o ápice e além dele, fica-se a pensar para que objeto era dirigida esta energia. Qual a diferença em qualidade e quantidade desta energia daquela produzida na *Câmara do Rei* ou noutras partes da Pirâmide? As respostas a estas e muitas outras perguntas que nos vêm à mente devem repousar nas pesquisas a serem ainda efetuadas.

O falecido Verne L. Cameron, de Riverside, na Califórnia, pesquisou as formas de pirâmides há mais de vinte anos. Um dos desenhos de seu caderno pessoal de notas mostrava um fluxo de energia atravessando a pirâmide para cima, para o ápice, e saindo através dele.

A fim de medir as diferenças, se é que existem, do crescimento das plantas em vários lugares dentro da pirâmide, resolvemos empreender uma série de experiências. Iniciou-se cada uma delas colocando-se 50 sementes de girassol sobre papel mata-borrão dobrado. O papel foi umedecido e posto dentro de jarros de boca larga. Sobre a boca de cada jarro foi colocado papel umedecido para permitir a passagem de oxigênio. Deixou-se que as sementes germinassem e crescessem 3/8 de polegada. Os brotos foram então transportados para potes de plástico de 1 1/4 polegadas, cheios de terra comum. Os potes foram fixados com arame de ferro para poderem ser pendurados dentro da pirâmide. Cada um dos rebentos era regado com 5g de água da bica por ocasião do plantio, e às 8 horas da manhã de cada dia do tempo que durou

a experiência. A tabela que se segue mostra o crescimento das plantas e a Fig. 8 suas respectivas colocações dentro da pirâmide. (1)

Inteiro	1.º Dia	2.º Dia	3.º Dia	4.º Dia	5.º Dia
A 3/8"	1 1/2"	2 3/8"	4-1/16"	5-9/16"	7-1/4"
B 3/8"	15/16"	1"	1 1/8"	1 7/8"	2 1/2"
C 3/8"	1-5/16"	1 3/8"	1 7/8"	2-3/16"	3-3/16"
D 3/8"	15/16"	7/8"	1-1/16"	1 3/8"	2"
E 3/8"	1"	1-1/16"	1-3/16"	1 3/8"	1-7/16"
F 3/8"	5/16"	3/4"	1 1/8"	1 1/4"	1-7/8"
G 3/8"	7/10"	1 1/4"	1 3/4"	2 1/8"	2 7/8"
H 3/8"	1/2"	5/8"	1-3/16"	2 1/2"	3-1/16"

É interessante notar que enquanto as plantas no alto foram as que mais depressa cresceram, as suspensas na metade da distância entre o ápice e o nível da *Câmara do Rei* cresceram menos. As que menos cresceram foram as que ficaram no chão, junto aos lados, o mais próximo possível que lhes permitia a inclinação.

Todas as plantas foram colocadas segundo um plano que se estendia através da pirâmide, desde o centro até o lado sul. A fim de reduzir ao mínimo a possibilidade de alterações da umidade e temperatura nos diversos locais dentro da pirâmide, colocou-se um ventilador de 18 polegadas a 3 metros a oeste dela, e outro semelhante e à mesma distância a leste. Abriu-se também um respiradouro de 25,80 cm² no ápice da pirâmide.

Talvez a pirâmide não seja a melhor de todas as formas possíveis para fazer crescer plantas no seu espaço interior. Falamos com dois pesquisadores que referiram altas taxas de crescimento das plantas com o uso de cones. Decidimos experimentar a pirâmide em relação a

(1) — Os resultados são dados em polegadas. Cada polegada corresponde a 2,54 cm. (N. do T.)

duas outras formas. Construímos uma pirâmide de três faces, com o mesmo grau de inclinação da pirâmide padrão. A base tinha 9 3/8 polegadas quadradas; os lados 8 7/8 polegadas e o ápice ficava a uma altura de pouco mais de 6 polegadas. Foram removidas 1 1/2 polegadas de vértice para permitir que se suspendesse um pequeno pote de plástico no alto. Construiu-se um cone do mesmo material, com um diâmetro de base de dez polegadas e altura também de dez polegadas. Duas polegadas foram retradas do vértice para se suspender um pote. A pirâmide padrão tinha uma altura de seis polegadas e foram retiradas 1 1/2 polegadas do vértice.

Cinco testes foram realizados sobre o crescimento das plantas. As médias foram as seguintes:

Formato	Altura da planta no					
	inteiro	1.º Dia	2.º Dia	3.º Dia	4.º Dia	5.º Dia
4 lados	3/8"	15/16"	2 1/2"	4 3/16"	5 3/4"	7 3/4"
3 lados	3/8"	1 3/4"	2 5/8"	4 3/8"	5-11/16"	8 1/8"
Cone	3/8"	1 7/16"	2 3/8"	4 1/2"	6"	8 3/8"

O maior crescimento se processou com o cone, depois com a pirâmide de três faces ou lados e, por fim, com a pirâmide padrão. E esta seqüência se repetiu em cada um dos testes.

Em seu caderno de notas, Cameron relata suas experiências sobre os efeitos dos cones sobre o crescimento das plantas.

"Finalmente pendurei seis cones de alumínio de vinte e duas polegadas de altura, e com a base fechada, numa grande árvore atrás de minha casa. Um único fio, ligando o vértice de um cone à base do outro, drenava a energia de um para o outro. Isto mantinha um circuito contínuo de energia, já que cada cone concentrava mais energia e a jogava no referido circuito. O excesso de energia era então drenado para baixo por um outro fio ligado a uma chapa comum de cobre, usada na cozinha para limpar legumes e outros alimentos.

"Inicialmente usei os cones com os fundos abertos porém, mais tarde, descobri que um cone com uma delgada lâmina de alumínio fechando o fundo era, aproximadamente, tão poderoso quanto três com as bases abertas. Verifiquei também que o cone não precisava ficar fora de casa, mas podia ser muito bem pendurado no alto de uma parede, dentro de casa.

"O comprimento do fio condutor não é importante (a corrente não está ansiosa por deixá-lo). Tampouco é o seu tamanho.

"Numa das experiências, pendurei um cone na cerca de um jardim e corri o fio por ela e, por baixo da terra, por sob até à metade de uma fileira de sementes de rabanetes. As sementes que não se achavam por cima do fio enterrado vingaram normalmente e produziram bem, mas quase todas as que estava plantadas em cima do fio abortaram. As poucas que sobreviveram logo murcharam e não se desenvolveram." Neste caso, uma vez mais, parece que temos um excesso de energia afetando negativamente o crescimento das plantas. Cameron usara os cones simplesmente para produzir um aumento na taxa de energia. Pode-se notar também que nas experiências de Cameron com a série de cones o material empregado foi o alumínio.

Wilhelm Reich, que trabalhou com campos especiais de energia, referiu-se a esta energia como orgônio, uma energia cósmica que obedece às leis funcionais em vez das mecânicas. Ele construiu acumuladores de orgônio conhecidos como *oraccus*. Com estes *oraccus*, Reich e outros demonstraram a existência e os efeitos da energia orgônica. Embora o trabalho de Reich seja discutido em outra parte deste livro, podemos assinalar neste capítulo sobre as plantas que os pesquisadores relataram um rápido e vigoroso crescimento delas dentro dos *oraccus*. Em geral, o *oraccu* é uma caixa de seis faces com todos os lados feitos de camadas alternadas de materiais orgânicos e inorgânicos. Em seu livro, *Cancer Biopathy*, Reich observa que "uma infusão de ervas não produz protozoários ou produz muito poucos, quando mantida desde o início no acumulador de orgônio. Claramente, a energia orgônica carrega os tecidos das ervas e impede sua desintegração para alimentar os protozoários."

O estudo de campos de energia que participam do espectro eletromagnético, e que também se situam fora dele — quer nos reframos a eles como energia cósmica, prânica, ótica, psicotrônica ou orgônica — nos trouxeram a um ponto onde enfrentamos o conhecimento abaixo do nível celular. A observação das plantas tem desempenhado um papel integral na investigação dessas energias desconhecidas e suas representações, através de canais emocionais e mentais. É como se houvesse uma íntima filiação entre as plantas e os seres humanos, uma relação que ultrapassa o simples partilhar de substâncias químicas.

A transferência de energia e a comunicação entre os seres humanos e as plantas têm sido estudadas, detalhadamente, pelo Dr. Marcel Vogel desde que ele leu as experiências de Backster. Vogel é um veterano químico pesquisador da International Business Machines e detentor de vários prêmios científicos. Ele provou a si mesmo que a energia dirigida pela mente é capaz de afetar os campos de energia das plantas, conservando viva e verde uma folha de olmo, arrancada da árvore, durante quatro semanas, enviando-lhe energia mental, enquanto que outra folha que servia de controle desidratou-se, perdeu a cor e murchou em poucos dias.

Vogel é de opinião que os cristais são trazidos ao estado sólido por formas preexistentes, ou imagens fantasmas de energia pura que antecipa os sólidos. Como ficou demonstrado que as plantas captam as intenções dos seres humanos, Vogel concluiu que a concentração mental produzia uma espécie de campo de energia.

Na primavera de 1971, Vogel iniciou experiências a fim de determinar o momento exato em que uma planta entrava em comunicação, capaz de ser registrada, com um ser humano. Ele fixou um galvanômetro, que se comunicava numa linha reta, a um filodendro. Ficou na frente da planta, relaxou, respirou profundamente, e enviou pensamentos de afeição e amor para a planta, como se o estivesse fazendo com um amigo. Cada vez que Vogel realizava esta experiência, o estilete imprimia na fita uma série de oscilações ascendentes. Vogel declarou que nestes momentos ele podia sentir, nas palmas de suas mãos, um fluxo de energia que provinha da planta.

Pode ser importante observar o paralelo entre o eventual procedimento irregular das plantas colocadas den-

tro das pirâmides e o fato de Vogel haver descoberto que alguns filodendros reagiam mais depressa do que outros, alguns mais distintamente, e que não só as plantas mas as próprias folhas, individualmente, revelavam seu próprio comportamento. Ele verificou que as plantas atravessavam fases de atividade e inatividade parecendo, às vezes, cheias de energia ou excitadas, e outras lerdas e caprichosas.

"Por suas próprias experiências, Vogel percebeu que os mestres da arte da Ioga, e os de outras formas de meditação profunda como o Zen, ignoram as influências perturbadoras que os cercam quando se acham em estado de meditação", declaram Peter Tompkins e Christopher Bird em *The Secret Life of Plants* (A Vida Secreta das Plantas). Um eletroencefalógrafo capta deles ondas cerebrais muito diferentes das que quando se acham em estado de vigília, alertas aos fatos do mundo que os cerca. Tornou-se mais evidente para Vogel que um certo estado de concentração focalizada de sua parte parecia integrar e equilibrar uma porção do esquema do circuito exigido para controlar suas plantas. Uma planta podia ser despertada de sua sonolência para um estado de sensibilidade, desde que ele abandonasse seu estado normal de consciência e se concentrasse numa parte aparentemente extraconsciente de sua mente, sobre a idéia de que a planta era feliz e se sentia amada, abençoada com um crescimento sadio. Deste modo, homem e planta pareciam interagir e, como uma unidade, captar sensações dos acontecimentos, ou de outras partes, que se tornavam registráveis através da planta. Vogel descobriu que o processo de se sensibilizar e a planta poderia levar de apenas alguns minutos até meia hora.

Solicitado a descrever o processo em detalhes, Vogel disse que primeiro ele serena as respostas sensoriais de seu organismo e depois dá-se conta da existência de uma relação energética entre a planta e ele próprio. Quando consegue atingir um estado de equilíbrio entre o potencial bioelétrico da planta e o dele, a planta deixa de ser sensível aos ruídos, à temperatura, aos campos elétricos normais que a cercam, ou às outras plantas. Responde apenas a Vogel, que na verdade sintonizou-se com ela — ou talvez simplesmente a tenha hipnotizado.

Servindo com Vogel no Comitê Consultivo da Fundação para Pesquisas Ernest Holmes (o mesmo comitê

no qual trabalha Backster), eu (Schul) tive oportunidade de visitá-lo uma noite e conversar sobre suas experiências. "Acredito que demonstramos que o homem é capaz de se comunicar com a vida das plantas" — disse ele. "As plantas são objetos vivos, sensitivos. Embora não possam ver nem ouvir no sentido humano, elas são sensitivos instrumentos para medir as emoções do homem. As plantas irradiam energia que é benéfica ao homem, e vice-versa."

A declaração acima concorda com a discussão sobre o fato de Trovão Reboante haver afirmado que os índios conhecem e entendem os campos de energia de várias plantas e árvores. Quando há necessidade de um impulso físico ou energético, o índio abraça um pinheiro ou se encosta nele durante vários minutos para restaurar sua força. É interessante notar que o psiquiatra de Nova York, John C. Pierrakos, que tabelou as pulsações de energia nos homens e nas plantas, afirma que o campo de energia pulsátil em torno dos abetos e dos pinheiros se situa entre 18 e 22 pulsações por minuto, aproximando-se intimamente das 15 a 25 pulsações por minuto do indivíduo médio.

Explicando os movimentos pulsáteis numa monografia intitulada *The Energy Field in Man and Nature* (O Campo de Energia no Homem e na Natureza), Pierrakos declarou:

"... mas, o que são esses movimentos pulsáteis interiores? São a soma total dos processos vitais; de todas as energias do metabolismo da vida dentro deste corpo. Esta soma total de energias internas flui, também, para fora do corpo, do mesmo modo que uma onda de calor se destaca de um objeto metálico incandescente. Elas criam um campo energético feito de linhas de força na periferia de seu organismo. O corpo do homem vive dentro deste campo de energia que se estende a vários pés de distância em sua vizinhança imediata, e que às vezes pode ser visto caminhando a alguns pés dele próprio... Os organismos vivos são capazes de emitir luz por toda a superfície de seus corpos; eles não perderam a capacidade de iluminar. Este fenômeno constitui o campo de energia ou aura, que é, com efeito, um reflexo das energias dos processos vitais."

Na seção: *O Campo de Energia das Plantas e dos Cristais*, o Dr. Pierrakos explicou:

"Quanto à sua natureza, é muito sensível, reage aos estados físicos e emocionais e possui características especiais na doença e na saúde. O campo de energia de cada pessoa afeta o de outra, desde que estamos constantemente cercados por ele e entramos em contato com o campo do indivíduo ou grupos de indivíduos que nos estão muito próximos. O campo pulsa de 15 a 25 vezes por minuto no homem em repouso, e se estende a vários pés além da periferia de seu corpo. O corpo material espelha o que está acontecendo no campo energético. O corpo material parece refletir o estado do campo de energia que revela, muitas vezes, as alterações patológicas que se tornam estruturais, posteriormente, nos órgãos e tecidos."

Adiante, no mesmo capítulo, ele declara:

"De minhas observações sobre os campos de energia das folhas reparei que a orientação da planta quanto aos pontos cardiais geográficos tem relação com o número de pulsações que cada folha emite. Por exemplo, numa rosa de gueldres, as folhas que apontam para o sul pulsam 28 vezes por minuto, as que se dirigem para o norte 32 vezes e as que se orientam no sentido de oeste para leste também, aproximadamente, 28 vezes por minuto. A mudança da posição da planta perturba este esquema de pulsações. Isto foi indicado pela primeira vez no trabalho feito por George e Marjorie de la Warr. Seguindo o trabalho destes pesquisadores, orientei as plantas em diferentes posições e vi que era verdade. A planta se orienta por si mesma no sentido dos pontos cardiais geográficos e, dependendo da espécie da planta, é diferente a taxa de pulsações de suas partes que apontam nestas direções. Depois de um certo tempo, as folhas giram e a planta retoma uma nova orientação, correspondente à sua natureza e às suas necessidades, a fim de trocar a sua energia com a atmosfera. O campo de energia pulsa para fora no ar circundante, por aproximadamente 2 a 4 segundos. A seguir, há uma inversão do movimento e a energia do ar circundante flui para dentro da planta. Acho que isto pode representar um importante papel no processo da fotossíntese."

Estas observações de Pierrakos levantam algumas interessantes questões no que se refere às experiências com as plantas nas pirâmides. Pareceria que o campo de energia dentro da pirâmide altera, de algum modo,

o movimento natural das plantas, a julgar por seus giros acentuados. Sendo este o caso, daí parece se seguir que também se alterariam as pulsações das diferentes partes da planta. A questão então passa a ser se os movimentos das plantas dentro das pirâmides constituem esforços feitos por elas para se orientarem segundo os pontos cardiais. Revelaria o controle das plantas, por meio de um polígrafo, uma "confusão" ou uma "afiliação" no seu esforço para "se encontrarem" neste novo campo de energia? Os achados de Pierrakos se basearam em observações das pulsações da aura da planta. Revelaria o efeito Kirlian, tomando-se fotos da aura ou do campo elétrico da planta durante sua permanência dentro da pirâmide, um aumento ou excitação do campo energético? Será que a diferença entre o campo normal e o campo aumentado nos forneceria um meio de medir a energia capturada ou gerada pela pirâmide? Mais ainda, segundo a indicação de Pierrakos de que diferentes plantas apresentam diferentes taxas de pulsação, se se pudesse efetuar a medida acima descrita de uma planta com a mesma pulsação de um ser humano, seria cabível admitir que um ser humano experimentaria o mesmo aumento de energia? Embora se possa perguntar por que não medir simplesmente o débito elétrico de um ser humano dentro e fora de uma pirâmide, o problema pode residir na eliminação de variáveis tais como a expectativa, a ansiedade, etc. Contudo, um número suficiente de medidas devia permitir aos pesquisadores tratar com estas variáveis. Por isto, à vista das investigações de Backster e Vogel, não se pode ignorar a presença dessas emoções nas plantas, quer intrínsecas a elas ou devidas ao controle das respostas humanas. Em qualquer caso, se algo se passa dentro da pirâmide e que não ocorre fora dela, observações de clarividentes ou medidas fotográficas pelo método Kirlian das auras das plantas ou do homem podem constituir um passo à frente para um maior entendimento do campo de força da energia da pirâmide. Além das questões expostas acima, já que as plantas evidentemente procuram orientar-se sobre os pontos cardiais e desde que é importante alinhar as pirâmides ao longo dos eixos norte-sul e leste-oeste, será que as alterações radicais nos movimentos das plantas indicam alterações nos raios cósmicos que alcançam

nossa atmosfera, nas manchas e explosões solares e, possivelmente, até nos movimentos do eixo da terra?

Vogel leva-nos a acreditar que seria extremamente difícil medir o comportamento das plantas sem levar em consideração a equação humana. Tompkins e Bird citam Vogel, dizendo: "Parece que eu atuo como um sistema filtrador que limita a resposta de uma planta ao ambiente exterior. Posso ligá-lo ou desligá-lo, de modo que as pessoas e as plantas reajam mutuamente. Carregando a planta com um pouco da energia que existe dentro de mim, posso fazer com que ela crie uma sensibilidade para este tipo de trabalho. É extremamente importante que se compreenda que a reação da planta, na minha opinião, não é a de uma inteligência na forma de planta, mas que a planta se torna a extensão de alguém. Pode-se então interagir com o campo bioelétrico da planta, ou através dele, com os processos mentais e as emoções numa terceira pessoa.

"Vogel concluía que uma Força da Vida ou Energia Cósmica, que cerca todas as coisas vivas, é dividida entre as plantas, os animais e os seres humanos. Através desta partilha, uma pessoa e uma planta tornam-se uma só coisa." Esta unidade é que torna possível a sensibilidade mútua, permitindo que planta e homens não só se comuniquem, como registrem essa comunicação por meio da planta ou de uma fita registradora.

Pierrakos usa as plantas para controlar as condições físicas e a saúde mental de seus pacientes. Sem chamar a atenção para suas observações, o psiquiatra vigia as reações de suas plantas domésticas e as pulsações de suas auras, a fim de ajudar a determinar seus diagnósticos. Parece que as plantas captam as pulsações dos pacientes, aumentando ou diminuindo suas pulsações de acordo com as deles.

Vogel e Backster parecem estar dizendo que o ser humano se encontra no centro do universo, que não podemos decifrar o que se passa com qualquer outra forma — mineral, planta ou animal — se afastarmos o componente humano da observação. Neste modelo, o homem é parte integrante de todos os fenômenos naturais. As pesquisas que deixarem de incluir a integral humana não poderão senão resultar incompletas ou distorcidas.

Até que extensão, então, controlam as plantas, o mundo para além de suas individualidades imediatas e, ainda mais, como e até onde interfere o homem neste esquema?

Será que o próprio ato de colocar uma planta dentro de uma pirâmide, compensando a atenção, é em si uma exigência da planta para espelhar certas condições que são principalmente aplicáveis à síntese humana? Terá sido esta a intenção dos construtores da Grande Pirâmide? Estarão as plantas, de algum modo, tentando entregar esta mensagem?

5. EFEITOS SOBRE OS LÍQUIDOS

Quando Ponce de Leon buscava a fonte da juventude era evidente que ele acreditava que, em algum lugar, naqueles pinheiros da Flórida, existia uma qualidade de água diferente da que ele tinha em sua terra.

Foi Ponce de Leon, por isso, considerado um excêntrico ou senil por seus contemporâneos? Absolutamente. Se bem que nem todos tivessem a mesma fé que ele, não era raro que os europeus do século XVI acreditassem na existência de segredos da natureza que, se descobertos, poderiam preservar e prolongar a vida. Eles se apoiavam nas lendas da antiguidade que lhes diziam que raças superiores haviam possuído, no passado, estes segredos. Suas religiões — o Cristianismo inclusive — lhes ensinavam que outrora o homem vivia centenas de anos, mas que se corrompera e tinha se contaminado. Entre eles, os alquimistas procuravam diligentemente pelas fórmulas e, sem dúvida, informavam constantemente aos seus patronos financeiros que as descobertas estavam iminentes.

E hoje? As lendas continuam vivas; os teólogos ainda advogam do alto de seus púlpitos um modo de vida melhor e mais sadio, e os alquimistas em nossos laboratórios espalhados pela terra ainda buscam o néctar que, na forma de líquido, pílula ou cápsula, reavivará nossa juventude e renovará nosso vigor.

Uma síndrome quixotesca? Um sonho vazio, impossível? Quem pode dar uma resposta além de uma opinião? O fato importante é que o homem crê que há respostas a serem descobertas e demonstra esta fé a cada vez que olha num microscópio ou atinge uma região mais extensa do espaço com seu telescópio. O homem é um crente e

talvez, afinal de contas, ele próprio crie o mundo no qual acredita.

Assim, o sonho é um fato comum. Existe hoje uma excitação gerada pela observação de alguns fenômenos estranhos resultantes da colocação de recipientes com água e outros líquidos dentro das pirâmides. Temos provocado uma certa agitação publicando pela imprensa, pelo rádio e pela televisão alguns resultados interessantes de nossas experiências e encorajando os outros a fazê-lo por si mesmos. Outras experiências com as células-B e os osciladores de ondas múltiplas têm contribuído, por seu lado, para esta excitação. Elas serão descritas resumidamente neste capítulo e com mais detalhes nos últimos.

Em suma, a água e outros líquidos têm sido submetidos a tratamento dentro das pirâmides ou por outros métodos, tendo sido observados os resultados no próprio líquido ou nos recipientes que os contêm. Estes resultados, medidos por nós ou relatados por outros, incluem a purificação da água, alterações no corpo subjetivamente controladas e observadas por outros, aumento do crescimento das plantas, ativação da cura dos ferimentos, remissão dos sintomas de doenças, preservação do leite, dos sucos de frutas, etc., sem o emprego de aditivos químicos ou de refrigeração, e a rápida maturação do vinho.

Antes de descrever este trabalho de pesquisas, as experiências específicas e os resultados correlatos, gostaríamos de chamar a atenção para o que pode muito bem ser uma importante, se bem que ainda pouco conhecida, área de pesquisa no campo da química. Isto precisa ser mencionado aqui porque parece estabelecer, em parte, uma base científica para os fenômenos que serão descritos.

A teoria das transmutações biológicas sustenta que certas substâncias químicas podem ser mudadas em outras. Isto contesta as leis químicas como são agora conhecidas. Lavoisier, o pai da Química Moderna, estabeleceu o princípio de que nada se perde, nada se cria, tudo se transforma. O átomo era considerado a menor partícula de matéria, uma constante na natureza, e admitia-se que não se podia criar nenhum elemento. O átomo não podia desaparecer. Se separado de uma molécula de dois ou mais átomos, ele seria encontrado, sem qualquer alteração, numa outra molécula.

O princípio de Lavoisier não podia ser refutado nem foi submetido a debates. Foi a base da ciência do século XIX. Só naquele século iria este princípio sofrer sua primeira contração oficialmente reconhecida. Esta consistiu na descoberta, feita por Marie Curie, da radioatividade natural, revelando que algumas substâncias podem ser transmutadas em outras diferentes, conceito devido ao qual os alquimistas da Idade Média seriam, mais tarde, ridicularizados. Um átomo de rádio se transforma num átomo não radioativo e estável de chumbo.

Em 1959, o químico francês Louis C. Kervran espantou o mundo da química com a publicação de seu livro *Biological Transmutations* (Transmutações Biológicas). No epílogo, Kervran declarava: "As páginas precedentes demonstraram que as transmutações biológicas dos elementos não contrariam de modo algum as leis da química. A Química é a ciência do deslocamento dos elétrons situados nas camadas periféricas dos átomos. É a ciência da molécula, não do núcleo dos átomos... O fenômeno que eu descobri ocorre ao nível do núcleo do átomo. É, assim, o resultado final do fenômeno da transmutação e, portanto, possui certas limitações."

No prefácio do livro de Kervran, Michel Abehsera nos oferece um pouco do passado histórico sobre o assunto. Ele conta que em 1799 o químico francês Vauquelin ficou intrigado com a quantidade de cal excretada diariamente pelas galinhas, e resolveu colocar uma delas numa gaiola e alimentá-la exclusivamente com aveia. Antes de alimentar a galinha ele mediu a quantidade de cal presente na aveia. Depois de comida a aveia, ele analisou a quantidade de cal excretada através dos ovos e das fezes, e descobriu que a galinha eliminara cinco vezes mais cal do que havia ingerido com o alimento.

Em 1822, um inglês chamado Prout foi o primeiro a definir claramente a natureza da transmutação dos elementos. Prout examinava sistematicamente o aumento da substância calcária dentro de um ovo em incubação, provando que a casca não contribuía para isso.

Em 1831, um francês de nome Cheubard estava fazendo germinar sementes de agrião num prato de material insolúvel cheio de água destilada e verificou que as jovens plantas continham minerais que não existiam nas sementes.

Aparentemente, esta pesquisa passou despercebida por mais de 120 anos. Contudo, a revelação de Kervran atraiu a atenção da Europa, onde químicos e outros cientistas se dividiram em suas opiniões sobre sua descoberta.

Kervran cita muitos casos em seu livro. Ele sustenta que os problemas da descalcificação e do fortalecimento dos ossos deve ser revisto, e indica a rápida recuperação dos ossos por meio da sílica orgânica. O cirurgião-chefe de um hospital solicitou o auxílio de Kervran quando se viu a braços com um caso muito delicado: o de um jovem que tivera os ossos seriamente fraturados num acidente. O tratamento clássico com vitamina-D e fosfato de cálcio não trouxe qualquer melhora. Kervran administrou sílica orgânica e os ossos se consolidaram rapidamente.

Com outro exemplo, Kervran afirma que sob certas condições o sódio do sangue pode se transformar em potássio, e que o magnésio e o silício constituem as duas fontes principais dos elementos calcários do homem.

"Lembro ao leitor as experiências feitas no Deserto do Saara onde, durante seis meses, os operários do petróleo excretavam por dia uma média de 320 miligramas a mais do cálcio que ingeriam, e isto sem nenhuma descalcificação," assevera Kervran. "Tudo o que tem sido escrito sobre o metabolismo do cálcio, sem levar em conta as transmutações biológicas, deve ser reestudado, pois há fatos importantes que a medicina deve começar a levar em conta."

Sobre a apresentação das descobertas de Kervran, Abehsera declarou no prefácio: "Havendo aguardado anos, observando milhares de análises convergentes, ele conseguiu demonstrar que não somente as moléculas, mas os próprios átomos podem ser transformados. Ele verificou que há transformação da matéria de um corpo simples em outro, de um átomo em outro ..."

Se, com efeito, A nem sempre permanece como A e pode se transformar em B, então nos defrontamos com uma situação que nos obriga a ter mais conhecimentos quanto à natureza das substâncias químicas. Então a substituição passou a fazer parte do futebol da química.

As implicações da transmutação biológica não escaparam à atenção de Abehsera. Ele declarou: "De especial importância é o lugar que elas (as transmutações biológicas) ocuparão entre o cientista e o metafísico.

Até agora jamais houve um diálogo direto entre os dois devido à diferença de linguagem. Agora acredito ser possível um encontro entre eles, pois as transmutações biológicas nos ensinam algo sobre a evolução da vida. Por esta evolução, o mais ferrenho dos cientistas verá que a ciência não pode mais se limitar apenas ao estudo da matéria, pois a evolução implica a elevação para a metafísica e não para a entropia. Por esta mesma evolução, que anima os elementos invisíveis, o metafísico aprenderá que vale a pena estudar a vida nos seus aspectos mais singulares. Ele descobrirá num instante aquilo que ele sempre soube, que a vida é uma contínua renovação do ego e da célula."

Antes de nossas pesquisas com a água já tínhamos alguma experiência com outros líquidos. Nosso interesse em testar o leite nasceu depois que soubemos que duas firmas, separadamente, uma na França e outra na Itália, estavam usando recipientes de papelão com a forma de pirâmides após descobrirem que o leite não refrigerado se conservava fresco mais tempo do que quando colocado em recipientes retangulares.

Conseguimos uma quantidade de leite fresco homogeneizado e enchemos com ele dois recipientes idênticos, fechando-os muito bem com papel amarrado para reduzir a contaminação pelas bactérias do ar. Um foi colocado dentro de uma pirâmide e o outro deixado fora nas mesmas condições de luz, calor e circulação do ar.

Seis dias mais tarde o leite conservado dentro da pirâmide havia formado camadas separadas e estratificadas de coágulo sólido e de um líquido aquoso, precipitando uma substância que parecia ser cálcio em pó. O leite fora da pirâmide também se separara em camadas, embora não tão pronunciadas e em menor quantidade, mas apresentava uma certa porção de mofo na superfície.

Um dia mais tarde a camada de mofo do leite que ficara fora da pirâmide estava muito mais espessa, enquanto que a estratificação das camadas do que estava dentro dela era muito mais intensa. Nesta ocasião, abandonou-se o leite que estava de fora e continuou-se a conservar o outro dentro da pirâmide. Seis semanas depois concluiu-se a experiência: o leite havia-se transformado numa substância sólida, cremosa e macia, com a aparência e o gosto do iogurte. Não se via nenhum mofo.

as camadas sólidas haviam se combinado e não eram mais notadas.

Desde então esta experiência foi repetida várias vezes, com resultados apenas ligeiramente variáveis. Às vezes o leite não se transformava em iogurte e apenas estratificava, separando seus componentes em camadas. Contudo, enquanto o leite permanece dentro da pirâmide não se forma mofo nenhum. Não fomos capazes de determinar exatamente por que às vezes o leite se transformava em iogurte e outras estratificava. Acreditamos que as variações na temperatura e na umidade tenham uma certa influência, muito embora tenhamos tentado mantê-las constantes. Conjecturamos também que as estações, as fases da lua, as variações no grau de radiação cósmica e assim por diante possam influir na experiência. A julgar pelas experiências do Dr. Alvarez sobre a medida da radiação cósmica, os campos de energia no interior das pirâmides variam de tempos em tempos, por motivos ainda não conhecidos.

Um químico de uma instituição estadual de Oklahoma interessou-se pelos efeitos do espaço interior das pirâmides sobre os líquidos. Ele assistiu a uma de nossas palestras e depois de nos visitar duas vezes decidiu realizar experiências com o leite.

Fez seu primeiro teste no laboratório da instituição e não observou qualquer alteração nas duas amostras de leite. Sugerimos que talvez a cobertura metálica do teto do edifício, a presença de correntes de alta frequência, equipamentos de 120 e 220 volts, luz fluorescente, etc., pudessem inibir as forças atuantes dentro da pirâmide.

O químico então repetiu o teste num edifício bem afastado do laboratório e, depois de dez dias, viu que as bactérias haviam-se reduzido 16 por cento no leite colocado dentro da pirâmide. Ele disse que não tinha dúvidas de que se a experiência houvesse se prolongado por mais tempo, seria muito maior o número de bactérias destruídas.

Numa carta dirigida aos editores de *The Pyramid Guide* (O Guia da Pirâmide), Irwin Trent, de Tustin, na Califórnia, relatava:

"Uma vez Mr. Cameron me falou sobre a única experiência que havia realizado com queijo numa pirâmide.

de. Durou 35 dias. Assim, coloquei copos com um pouco de leite cru sob duas pirâmides de tamanhos diferentes, feitas de cartão e sem bases. Em cerca de uma semana desenvolveu-se na superfície uma camada de cor castanha, com um sexto de polegada de espessura.

"Em duas semanas acumulou-se queijo por baixo dela, que passou daí por diante a emanar um forte odor. Depois de sessenta dias havia uma polegada e meia de resíduos. Perfurei-a à procura de água e depois comi os queijos. Estavam deliciosos! As superfícies castanhas podem ter-se formado à custa do açúcar contido no leite.

"Em outra ocasião, coloquei leite cru, uma solução de leite de cabra em pó, e um pequeno copo de creme cru sob várias pirâmides. Em duas semanas ocorreu o mesmo que descrevemos acima. Ai surgiram sobre as superfícies, exceto na do creme, diferentes áreas coloridas. Cresceu também, por cima, uma substância feita de malhas finas como as de uma teia de aranha, parecendo gaze. Retirei esta malha e provei o queijo que se formara por baixo dela. Estava bom, e então deixei que o processo continuasse. Tornaram a aparecer as áreas de cores diferentes. Voltei a limpá-las. Desta vez o processo arruinou-se. O copo de creme cru estava junto de um outro onde eu deixara aquela teia e que desenvolveu normalmente, transformando-se num queijo cremoso."

Qualquer um que realize experiências com líquidos deve ter em mente que eles não são constantes, variando de um dia para o outro, e até mesmo de uma hora para outra. Isto foi muito bem explicado por Michel Gauquelin em seu livro, *Cosmic Clocks* (Relógios Cósmicos): "São recentemente tem-se entendido o quanto as influências constantemente presentes no espaço agem em torno e dentro de nós. Há poucos anos, não se tinha a menor idéia de por que as reações químicas ou biológicas eram capazes de variar de um dia para o outro, a despeito de todas as precauções tomadas em contrário. O fato é que, no que se refere aos líquidos, jamais as condições são constantes. É claro que idênticas experiências realizadas nos laboratórios com os sólidos não apresentam resultados semelhantes, pois a organização dos sistemas sólidos é quase inalterável; pequenas influências não têm efeito sobre ela. Porém os sólidos não são vida.

"A vida é o equilíbrio instável do elemento líquido. Nenhuma precaução é capaz de livrar a estrutura instável dos líquidos dos efeitos das forças exteriores. Não é o acaso, mas uma lei natural permanente que torna tão difícil reproduzir as experiências com os líquidos, dando os mesmos resultados, de uma hora para outra."

Gauquelin fala-nos da pesquisa realizada pelo Professor Giorgio Piccardi, diretor do Instituto de Física Química, em Florença, sobre o caprichoso comportamento da água.

Piccardi sabia que a água deixa depósitos calcários no interior de recipientes, tais como panelas de cozinha e caldeiras industriais. Estes depósitos químicos agem como isoladores quase perfeitos que reduzem grandemente a eficiência da unidade. Foi criado um processo para remover esses depósitos — a adição, em intervalos regulares, de água especialmente tratada na caldeira.

Piccardi preparava a água agitando um copo que continha um gota de mercúrio e neônio a baixa pressão, e despejando-o na água a ser tratada. Quando o copo de vidro é agitado, cria-se uma corrente elétrica gerada pelo atrito do mercúrio com a parede do recipiente, e esta pequena carga é suficiente para provocar uma descarga luminescente vermelha no gás neônio. Quando se introduzia esta água "ativada" nos tubos da caldeira, as escamas e os depósitos do revestimento químico ficavam como que magicamente amolecidos e podiam ser retirados como se fossem lama.

No entanto, Piccardi observou que este tratamento nem sempre funcionava. Um dia os resultados eram notáveis e no outro a ação da água ativada não tinha mais efeito do que a da água comum. A água ativada era testada por todos os meios possíveis, mas não se podia achar qualquer diferença da água da bica. Como podia o movimento do neônio e do mercúrio alterar, de maneira desconhecida, seus efeitos sobre a água que lhe era submetida?

Piccardi lutou durante algum tempo com o problema da água renegada, e então chegou à conclusão de que ela era influenciada por alguma força cósmica. Ele descobriu que cobrindo os frascos de água ativada com um anteparo metálico modificava-se o efeito da água, impedindo a penetração de certas forças do exterior. Ele

concluiu que o comportamento da água ativada dependia de algo que estava acontecendo no espaço que circundava os frascos.

Piccardi desenvolveu um método de testar a água de modo que ele pudesse determinar cientificamente a causa de seu comportamento excêntrico nas reações químicas. Ele escolheu, como parte da reação química dos testes, um celulólido inorgânico, o exicloreto de bismuto. Derramando-se tricloreto de bismuto em água destilada, a substância química se dissolve na água e assenta no fundo do recipiente.

Realizando 20 testes por dia durante nove anos, Piccardi confirmou que a reação química coincidia precisamente com a atividade das manchas solares, ocorrendo rapidamente quando aquela atividade estava no máximo, e reagindo lentamente quando estava decaindo.

Realizamos uma experiência com um frasco de café instantâneo e uma garrafa de vinho mais barato que pudemos encontrar. Um prato de alumínio de 10 polegadas de diâmetro foi colocado durante cinco semanas dentro de uma pirâmide. Depois foi retirado e sobre ele postos o café e o vinho. A garrafa de vinho permaneceu no prato duas semanas, antes de ser aberta.

O café começou a ser usado imediatamente. Quanto mais tempo ele ficava sobre o prato, mais suave era o seu sabor. Quando aberta a garrafa, o vinho também estava suave, macio, com o gosto de um vinho muito mais caro. Podia-se perceber uma completa diferença entre ele e o de uma outra garrafa, não tratada, do mesmo vinho. Naturalmente, estes testes são subjetivos, e pode-se facilmente argumentar que a imaginação é um dos fatores que entra neles. Contudo, fizemos vários indivíduos provar o vinho. Não lhes foi dito que eles estavam participando de uma experiência, mas simplesmente se lhes pediu que avaliassem e distinguissem a qualidade dos vinhos provados. Em todos os casos, eles preferiram o vinho "tratado" e foi típica a observação de um jovem: "Não é preciso ser um provador de vinhos para notar a diferença."

Há algum tempo que se sabe que as gotas de água comum podem agir como objetos que fluem independentes. Quando caem sobre a superfície de água limpa, algumas dessas gotas formam esferas perfeitas e flutuam na superfície, ou rolam por ela ao menor sopro do ar.

Foram feitas experiências utilizando-se água comum e água da pirâmide, que permaneceu quatro semanas na zona de força desta. Conseguiram-se gotinhas, abrindo-se um buracinho no fundo de um pequeno recipiente metálico. Primeiro o recipiente foi cheio de água comum, e mantido sobre um vaso também cheio de água comum, limpa. O vaso tinha sido cheio até o ponto da água formar uma superfície convexa, com um menisco na borda. Quando as gotas caídas do recipiente tocaram a superfície da água no vaso, formaram-se pequenas esferas. Algumas permaneceram sobre a superfície e outras correram para a borda, chegando mesmo algumas a cair fora.

No entanto, quando se colocou no recipiente metálico água da pirâmide, as gotas foram menos consistentes na formação das pequenas esferas. Isto parecia indicar que as moléculas da água da pirâmide tinham sido um tanto separadas pela força da pirâmide, provocando uma diminuição da tensão superficial das gotículas.

Tenny Hale, médium psicossensitiva do Oregon, relatou que em suas experiências a água deixada dentro de uma pirâmide retinha, de certo modo, seu oxigênio. Se a água era removida com frequência de dentro da pirâmide, formavam-se menos bolhas de oxigênio.

Segundo medidas por nós feitas, a água tratada durante quatro semanas dentro da pirâmide evapora-se mais depressa do que a água comum. Vários testes foram realizados utilizando-se 250 gramas de água da pirâmide e 250 gramas de água comum em cada um deles, e em todas as ocasiões a água da pirâmide perdeu num período de 15 dias mais 21 gramas do que a água comum.

Se a estrutura molecular do hidrogênio e do oxigênio da água foi alterada de algum modo pelas forças da pirâmide, parece que haveria uma diferença na tensão superficial da água. Isto concorreria para as diferenças observadas na evaporação da água.

Efetuamos várias experiências sobre a germinação das sementes com água de pilhas-B, água da pirâmide, água tratada num oscilador de ondas múltiplas e água comum. As pilhas-B são desenvolvidas a partir de uma cultura com a suposta capacidade de irradiar energia solar de alta frequência. Elas são mantidas numa pequena matriz de concreto. O oscilador de ondas múltiplas

gera ondas de rádio de frequência variável e quando a força eletromotora é induzida no núcleo das células, diz-se que aumenta a taxa do metabolismo celular.

Iguais unidades de água foram tratadas separadamente por pilhas-B, por um oscilador de ondas múltiplas e pela pirâmide. Duas sementes de favas, feijões e girassóis foram colocadas em guardanapos de papel, em bandejas de metal, e umedecidas com água das várias amostras. As sementes tratadas com a água do oscilador germinaram e cresceram três vezes mais depressa do que as sementes das outras bandejas.

Segundo nossas experiências, enquanto a água da pirâmide ajuda uma planta depois que está crescendo, o tempo de germinação tende a se prolongar. Estas experiências são descritas com maiores detalhes no capítulo sobre as plantas.

É interessante observar um parágrafo do artigo "Aplicações Médicas do Magnetismo", *Bulletin of the Atomic Scientist*, outubro de 1972, escrito pelo Dr. E. H. Frei, Chefe do Departamento de Eletrônica do Instituto Weizmann:

"Foi sugerido por Labes que os campos magnéticos podem influenciar os processos vitais através dos cristais líquidos, que são fases intermediárias entre os estados sólido e líquido, e que ocorrem em muitos compostos orgânicos. Eles exibem apreciável orientação em algumas direções, mas também liberdade de movimentos. É bem conhecido que muitos cristais líquidos orientam-se em campos da ordem de 1.000 gauss, e tem sido demonstrado por Svedberg que em tais sistemas de cristais líquidos orientados pode haver marcante alteração na difusão e nas taxas das reações químicas nos campos magnéticos. Existem nos corpos vivos cristais líquidos e materiais que deles se aproximam, e através desses materiais pode ser influenciada a taxa dos processos vitais."

Tomamos um pedaço de carne deteriorada e dividimo-lo em duas partes iguais, que colocamos em água comum e em água da pirâmide. Uma semana depois, a carne colocada na água não tratada continuava a se decompor, o cheiro era horrível e a água ficava turva. Mas o cheiro do recipiente com água da pirâmide havia desaparecido, o sedimento na água precipitara e a água estava limpa.

Experimentamos usar a água da pirâmide em cortes e queimaduras, e acreditamos que se reduziu o tempo de cura. Por exemplo, a filhinha de um amigo com quatro anos de idade imprensou a mão e o polegar ao bater uma porta. Ele resolveu logo levá-la a um médico, mas pensou na água da pirâmide que tinha guardada em sua geladeira. Mergulhou a mão da filha na água e depois de um minuto ela parou de chorar e disse: "Papai, isto está bom." A mão foi mantida dentro da água durante 30 minutos. Na manhã seguinte a carne dilacerada já estava recomendo a crescer, a inchação desaparecera, bem como a maior parte dos tecidos injuriados. Dois dias depois não havia mais nenhum sinal do ferimento.

A Sra. Pettit usava água da pirâmide no rosto como loção facial.

Ela verificou que a água permanecia em seu rosto formando bagas até ser absorvida pela pele ou se evaporar, enquanto que a água não tratada tendia a escorrer em fios. Depois de banhar o rosto dessa maneira durante quatro ou cinco semanas, as amigas começaram a comentar sua aparência dizendo: "Por Deus, Inez, você está jovem e bonita. Que é que está fazendo?"

Descobrimos que um copo diário de água da pirâmide atua como auxiliar do aparelho digestivo. Um estômago perturbado se recupera rapidamente e a evacuação parece melhorar.

Há no mundo várias fontes consideradas milagrosas que, segundo se afirma, gozam de poderes de cura. Quando se ouve os devotos dessas fontes proclamarem os benefícios auferidos por se banharem nelas, ou beberem de suas águas, não se pode deixar de comparar essas afirmações com os resultados aparentemente derivados do uso da água da pirâmide, das pilhas-B, dos osciladores de ondas múltiplas, e assim por diante.

Em *Health Secrets From Europe* (Segredos de Saúde da Europa), Paavo O. Airola discute o uso da água como terapêutica e menciona o tratamento numa clínica hidroterápica da Alemanha:

"A moderna pesquisa na balneologia (ciência médica que cura e previne as doenças pelos banhos) e do valor medicinal das águas minerais é recente e ainda incompleta. O que já se conhece, porém, indica que realmente as águas minerais possuem poderes de cura. E

devem possuir, já que as desordens do metabolismo mineral e as alterações bioquímicas são a origem de muitas doenças. O mais importante, porém, é o fato de que as águas, aqui em Bad Pyrmont, vêm sendo usadas com objetivos terapêuticos há quase dois mil anos; e milhões de pessoas têm se beneficiado delas — os pacientes e os médicos vêem os exemplos todos os dias!"

E é esta a questão que nos vem à mente: "Será a água, substância tão essencial para a vida, o agente que transfere para a vida celular não apenas minerais, mas também forças energéticas, conhecidas e desconhecidas? Podem certas condições estimular esta transferência de energia?"

No livro de Christopher Hill, *Nuclear Evolution*, encontramos o seguinte parágrafo sobre a natureza da água:

"Nenhum movimento de energia elétrica pode ocorrer num organismo vivo sem a hidrólise da água. A vida teve sua origem na água e parece que a função do corpo como veículo para o espírito (consciência) é fabricar e manter água para todo o protoplasma e a troca de seus nutrientes. Sem esta água em cada célula não poderia haver ionização das membranas e atividades nas bombas de elétrons, gerando esta energia baterias de pilhas secas e que chamamos de mitocôndrias. Conforme disse Cristo: "Nada pode renascer sem espírito e água."

Talvez em breve descubramos que a água benta possui, na realidade, qualidades superiores às da água comum. Talvez a água que foi abençoada por uma pessoa não comum adquira campos de energia adicionais que beneficiem quem a recebe. Talvez o ritual religioso do batismo seja mais do que um símbolo de aceitação da purificação do iniciado. E talvez Ponce de Leon fosse um homem que se achava à frente de seu tempo.

6. EFEITOS SOBRE OS SÓLIDOS

A transformação dos metais básicos em ouro, a desvairada busca dos alquimistas antigos e medievais, não é uma realização que possamos atribuir à pirâmide. Ou será?

A alquimia possui algo de singularmente fascinante. Tem-se dito que a melhor parte de sua arte não é o toque de Midas mas a transformação do homem comum num deus. Alguns historiadores acreditam que os alquimistas eram mestres metafísicos que ocultavam seu verdadeiro propósito de provocar uma metamorfose do homem por trás de suas pesquisas químicas, a fim de evitar a perseguição por religiosos fanáticos. Numerosos alquimistas foram financiados por ricos patronos que se apegavam à velha crença de que um elixir produzido no momento da transmutação conferia imortalidade àqueles que o bebessem. Mas, qualquer que fosse o objetivo desejado, a alquimia revelaria um profundo segredo da vida. O homem não pode deixar de buscar a Pedra Filosofal.

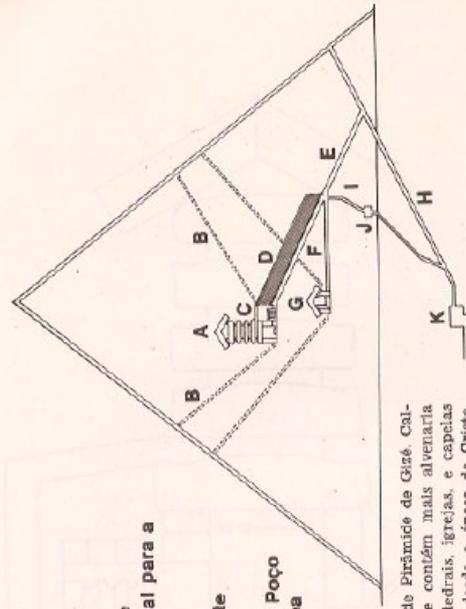
O alquimista de hoje sabe que está tratando com campos de energia e que a matéria é simplesmente uma configuração de partículas de energia. Se ele puder descobrir o segredo das partículas nucleares, o metal poderá ser reconstruído do modo que ele desejar. Embora a avareza possa ter sido a mola que impulsionou alguns alquimistas, talvez seus sonhos não estejam, até agora, tão longe da realidade como se poderia pensar. Recentes brechas científicas na investigação das estruturas atômicas conduziram-nos ao limiar da compreensão da energia primitiva, a partir da qual tudo existe. Talvez os

antigos compreendessem isto e o alquimista estivesse tentando decifrar um conhecimento esquecido. A exploração dos efeitos dos estranhos campos de energia existentes dentro das pirâmides mantém-se segundo esta tradição. Hoje sabemos que as transmutações ocorrem; uma substância pode ser mudada em outra.

Lavoisier, um sábio do século XVIII, tem sido considerado o pai da química moderna. O princípio geral com o qual ele trabalhava e do qual ele derivou sua nova ciência era que na natureza nada se perde, nada se cria, tudo se transforma. Como o átomo era considerado a menor partícula de matéria e uma constante na natureza, admitia-se que nenhum elemento podia ser criado. Simplesmente, o átomo não podia desaparecer. Se separado de uma molécula de dois ou mais átomos, ele podia ser encontrado inalterado numa outra molécula.

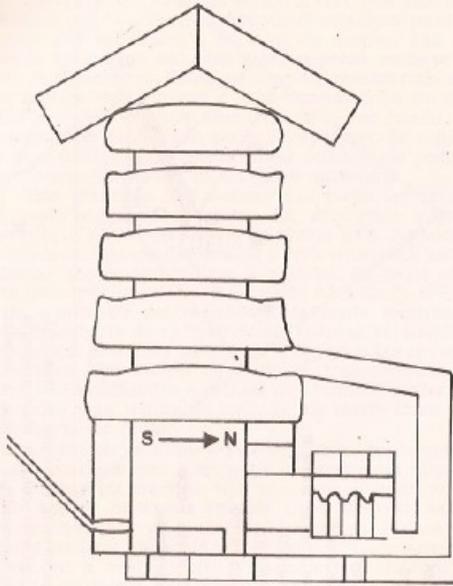
Este princípio de Lavoisier não podia ser refutado de modo algum nem mesmo foi submetido a debate. Constituiu a base da ciência do século XIX. Aqueles que o estudavam generalizavam-no e aplicavam-no a todas as ciências que correspondiam à química. Só neste século, este princípio, que não era discutido há mais de 100 anos, teria a primeira contradição oficialmente reconhecida: foi a descoberta da radioatividade natural, revelando que algumas substâncias podem ser transmutadas em outras diferentes. Um átomo de rádio se transformava num átomo não-radioativo e estável de chumbo, conforme se aprendeu pela leitura do trabalho de Marie Curie e sua descoberta do rádio.

As discussões sobre o fato de que as transmutações só são possíveis com o emprego de tremendas quantidades de energia nuclear não são mais sustentáveis. Os trabalhos do biólogo francês Louis Kervran demonstraram que a transmutação espontânea é uma ocorrência natural na matéria orgânica. Parece agora evidente que a relação entre o núcleo e seus elétrons é diferente conforme se trate de substâncias orgânicas e substâncias minerais. Algumas experiências interessantes têm sido realizadas com as galinhas. Elas precisam de cálcio para fabricarem a casca de seus ovos, mas nestas experiências as galinhas foram alimentadas com dietas que não continham cálcio. Seu alimento era suplementado com mica, um silicato de alumínio e potássio. Descobriu-se que as galinhas produziam o cálcio neces-



- A. Câmara do Rei
- B. Respiradouros
- C. Antecâmara
- D. Grande Galeria
- E. Galeria ascendente
- F. Passagem horizontal para a Câmara da Rainha
- G. Câmara da Rainha
- H. Galeria descendente
- I. Póço
- J. Pequeno quarto no Poço
- K. Câmara subterrânea

Seção transversal da Grande Pirâmide de Gizé. Calcular-se que esta pirâmide contém mais alvenaria sólida do que todas as catedrais, igrejas e capelas construídas na Inglaterra desde a época de Cristo.



Detalhe da *Câmara do Rei*. O apênto tem 34 pés de comprimento, 17 de largura, e 19 de altura. As paredes, assoalho e teto são de granito vermelho polido, capazes de gerar eletricidade.

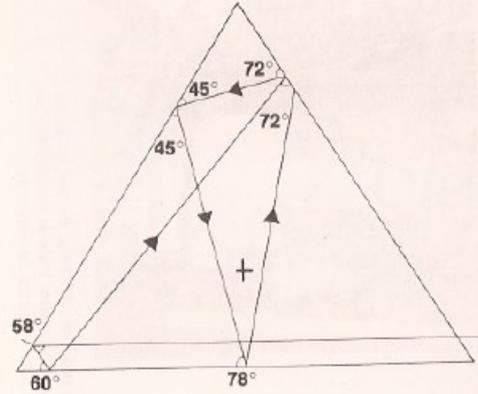
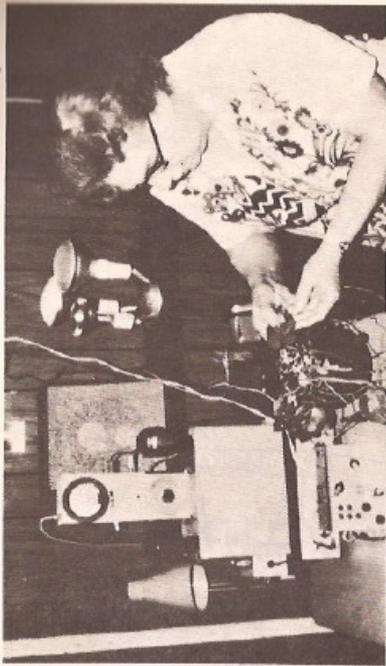
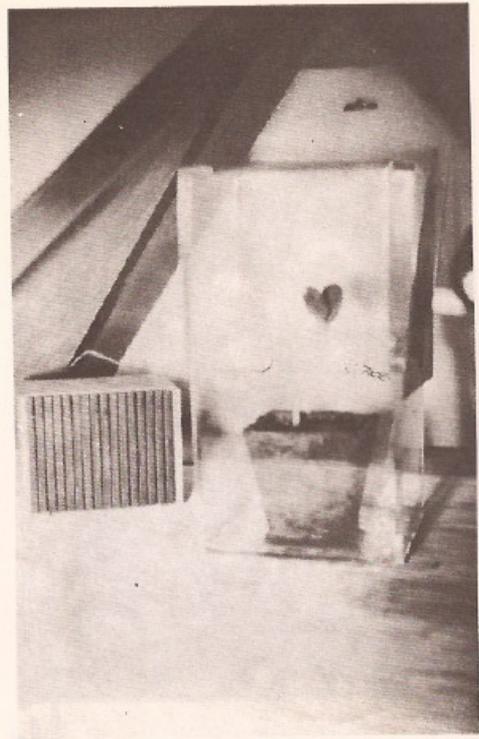


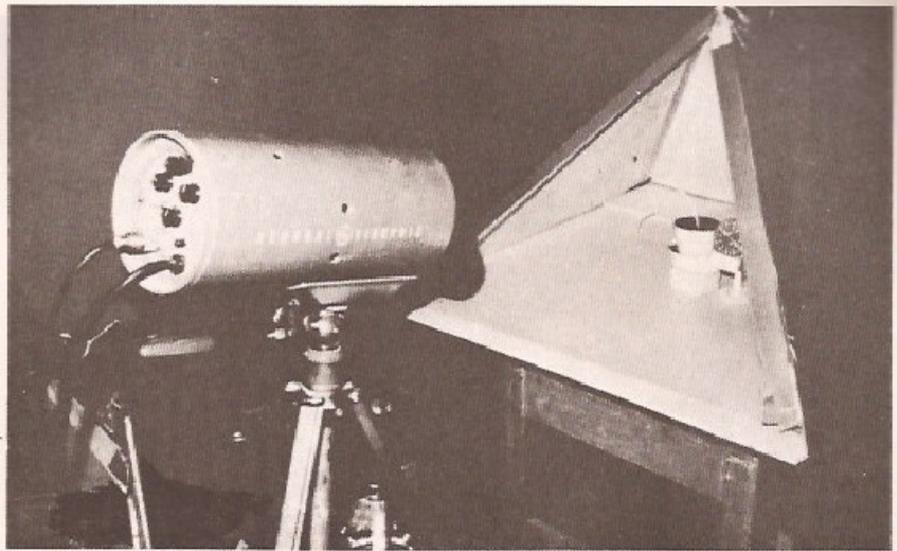
Diagrama indicando como um raio luminoso que entre na pirâmide pelo alto e pela direita, por exemplo, é refletido para diante e para trás através da área da *Câmara do Rei*.



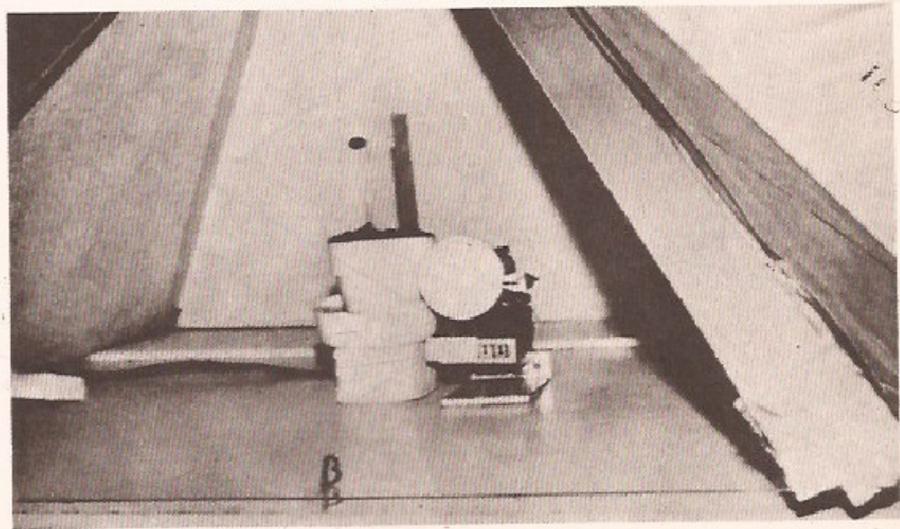
Inez Fétit fixando os electrodos de um poligrafo modificado a um Zilogadro. Pode-se então medir os efeitos sobre a planta dentro da pirâmide.



Experiência de entonação com duas caixas de plexiglas, invertida uma sobre a outra e um pequeno alto-falante no interior de uma pirâmide emitindo sons de frequência contínua. Observe-se o efeito sobre a planta.



Circuito fechado de TV controlando um girassol dentro de uma pirâmide. Note-se a incomum direção da planta.



Girassol no interior de uma pirâmide. A peça vertical atrás da planta é uma folha de ouro de 23 quilates. A planta *tende* a abraçar a folha.

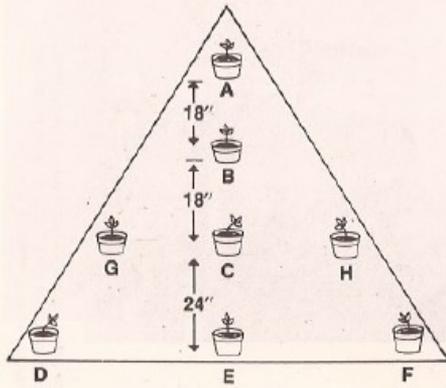
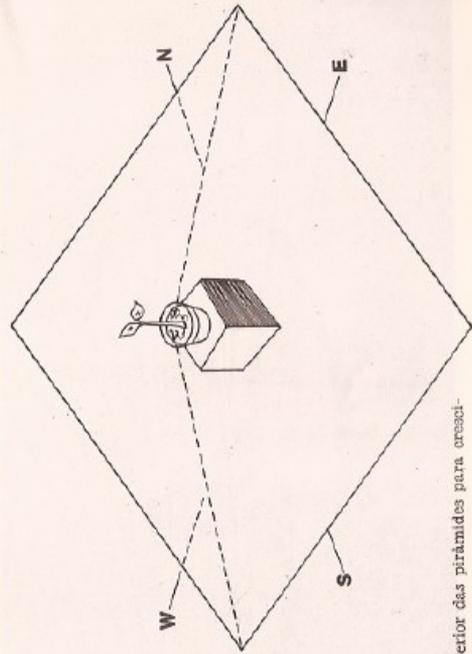
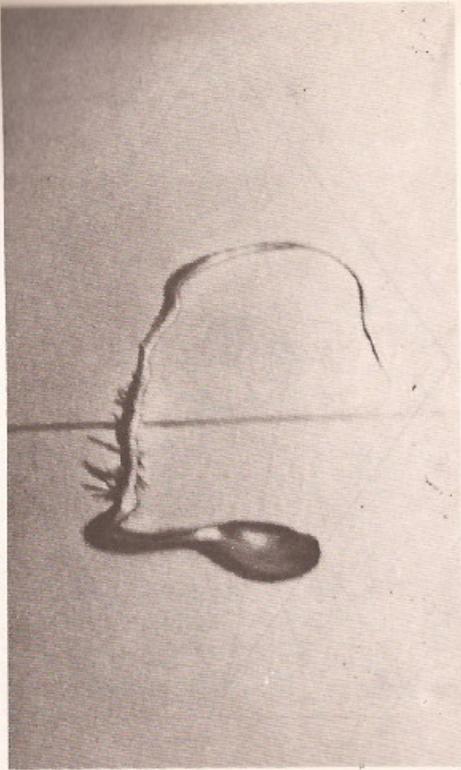


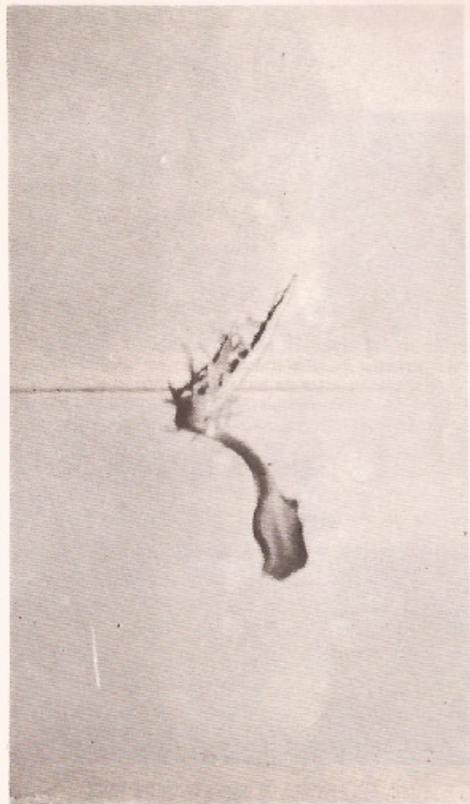
Diagrama em que se vê a localização para experiências sobre a taxa de crescimento das plantas. (Vide, o capítulo *As Pirâmides e a Força das Plantas*.)



Posição ótima no interior das pirâmides para crescimento das plantas.



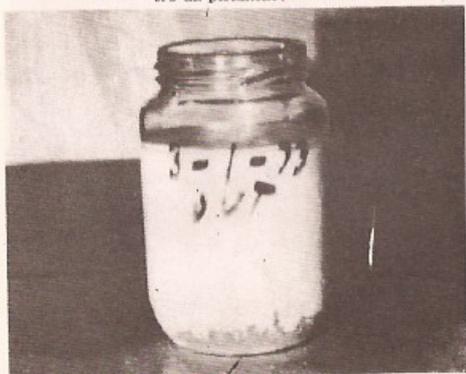
Grassol germinando no interior de uma pirâmide, mostrando maior desenvolvimento dos pêlos radiculares do que os da planta germinada fora da pirâmide.



Grassol germinado fora da pirâmide.



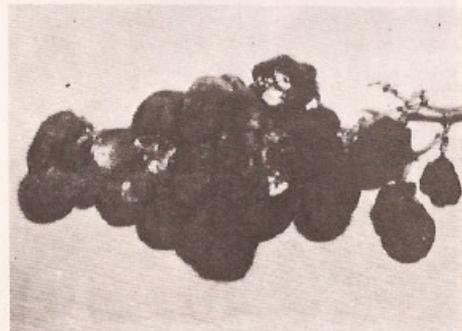
A) Amostra de leite transformado em iogurte dentro da pirâmide:



B) Amostra de leite que estratificou e está criando mofo (no fundo) fora da pirâmide.



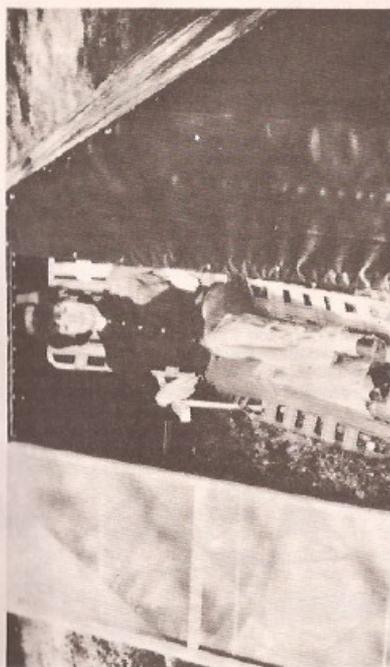
A) Uvas que permaneceram dentro da pirâmide durante cinco semanas. Observa-se desidratação, porém ausência de mofo;



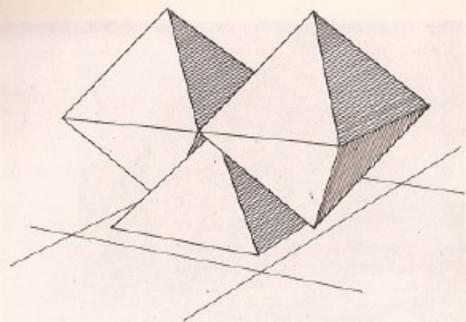
B) Uvas do grupo de controle que passaram cinco semanas fora da pirâmide. Aham-se estragadas e mofoadas.



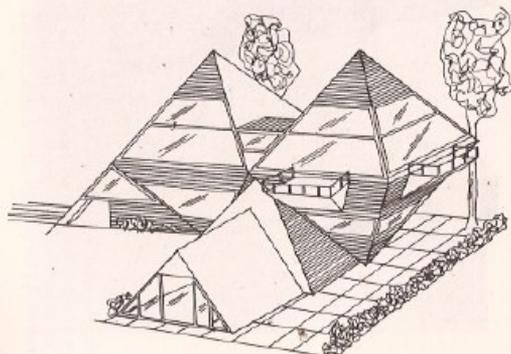
Laurel Keyes entoando para um paciente. (Vide o capítulo *A Voz das Pirâmides*.)



Sherry Fernell, filha de Ed Fetti, em meditação numa pirâmide de plástico, fora de casa. As pessoas que se submetem a esta prática constataam aumento do sentimento da consciência e grande relaxamento.



A) Concepção artística de futuras construções em forma de pirâmide. Hospitais, edifícios de escritórios e escolas podem se beneficiar com este tipo de construção.



B) Casa do futuro, em forma de pirâmide.

sário para as cascas dos seus ovos, revelando que o potássio juntamente com um íon de hidrogênio se transmutava em cálcio.

Existe agora na Rússia uma nova teoria, chamada Teoria do Número Mágico, a qual postula que além do urânio há elementos superpesados que são estáveis. Acreditava-se até hoje que todos os elementos, além do urânio, eram radioativos e instáveis. Assim especula-se atualmente sobre um elemento com um peso atômico de 310 e um número atômico de 135. Está sendo referido como eka-chumbo ou superchumbo e diz-se que se encontram naturalmente pequenos traços dele no chumbo comum. Um exame das propriedades do eka-chumbo, no momento teóricas, revela que se ele fosse induzido a uma transmutação, provavelmente produziria um isótopo estável de ouro.

Uma vez que se sabe agora que essencialmente os átomos são transformados por ambientes elétricos, a presença de forças eletromagnéticas estranhas dentro dos espaços piramidais levanta a questão da possibilidade da transmutação dos elementos ocorrer dentro delas. Até agora não se conhece a resposta. No entanto, é evidente o fenômeno da alteração — alteração que é diferente da que ocorre fora da pirâmide ou nos recipientes de formas não piramidais.

Quando se olha para os gráficos do espectro eletromagnético, observa-se que a parte do espectro com ondas de maior comprimento que as ondas de rádio são marcadas como desconhecidas, conforme acontece com a outra extremidade do espectro com as ondas de comprimento menor que os raios cósmicos. Pelo menos parte da força dentro da pirâmide provavelmente se acha na extremidade de ondas curtas do espectro eletromagnético. Pode-se admitir isto já que, como ficou demonstrado, a força da pirâmide destrói as bactérias negativas. Testes realizados para nós por um laboratório estatal revelaram que muitas das bactérias contaminantes do leite das amostras que haviam sido colocadas nas pirâmides estavam mortas.

Em nossas experiências com a carne descobrimos que ela não se decompõe mas perde rapidamente a unidade e torna-se inerte no que se refere às bactérias. Depois de permanecer numa pirâmide durante três sema-

nas, a carne perde mais de 66% do seu peso, porém, não se estraga. Compare-se este fato com o uso comum da luz ultravioleta para matar as bactérias nocivas da carne e impedir a formação de outras. A carne assim tratada pode ser estocada a uma temperatura mais elevada sem a ameaça de se deteriorar.

Desejando fazer uma prova comparativa de vários alimentos, preparamos cinco pirâmides idênticas de papelão de seis faces. Cada pirâmide tinha uma base de nove polegadas e três oitavos e uma altura de seis polegadas. A abertura de orifícios de três quartos de polegada em todas as faces provia ventilação para as pirâmides.

Uma porção de cada alimento foi colocada na zona correspondente à *Câmara do Rei* de cada uma das cinco pirâmides e espécimes semelhantes dispostos sobre a mesa, fora delas. Escolhemos quatro ovos, cada um pesando 51 gramas. Dois foram deixados dentro das cascas, um dentro e outro fora da pirâmide, e dois retirados das cascas e colocados em pires idênticos, um dentro e outro fora da pirâmide. Conseguimos amostras de fígado de bezerro para experiência e controle, bem como duas espécies de peixes e duas amostras de lombo de vaca. Os bifes de lombo foram limpos para que cada um tivesse o que parecia ser a mesma quantidade de gordura e textura semelhante. As amostras de lombo de vaca eram por demais grandes para a pequena pirâmide e foram suspensas por um fio de *nylon* do ápice de nossa pirâmide de seis pés de altura, construída dentro da casa.

Todos os alimentos deixados fora das pirâmides se estragaram, mofaram ou apodreceram na primeira semana. O ovo que não estava na casca foi o último a se deteriorar, apresentando-se mofado. Nenhum dos alimentos colocados dentro das pirâmides se estragou, sendo uma retração e perda de peso a única alteração aparente. Os alimentos dispostos dentro das pirâmides variaram de peso conforme se segue:

	Peso inicial	N.º de dias na Pirâmide	Peso Final
Ovo fresco com casca	51 gramas	60 dias	19 gramas
Ovo fresco sem casca	34 gramas	19 dias	18 gramas
Fígado fresco de bezerro	45 gramas	20 dias	18 gramas
Peixe fresco	45 gramas	15 dias	14 gramas
Bife de lombo	245 gramas	40 dias	97 gramas

Num outro teste escolhemos dois tomates maduros do mesmo tamanho, pesando cada um pouco mais de 168 gramas. Um dos tomates foi colocado na zona da *Câmara do Rei* da pirâmide de seis pés e o de controle foi posto sobre um bloco de plástico ao lado da pirâmide. O tomate que ficou fora da pirâmide apodrecou e teve de ser jogado fora no décimo segundo dia. O tomate dentro da pirâmide desidratou-se mas reteve sua cor vermelha e não mostrou sinais de decomposição. A única alteração notada foi o pronunciado enrugamento de sua casca. Foi retirado depois de 60 dias e quando partido viu-se que estava tão firme quanto fresco. Não se observou nenhuma deterioração. Pesava pouco mais que 6,6 gramas.

Um grande cacho de uvas de Concord foi dividido igualmente em três partes. Uma terça parte foi colocada ao nível da *Câmara do Rei* dentro da pirâmide grande; outra dentro de uma caixa de *plexiglas* fora da pirâmide, e a outra numa prateleira próxima da pirâmide. Embora se houvesse provido de ventilação as uvas que estavam dentro da caixa, dentro de dez dias se formou uma camada de mofo que quase a encheu. As uvas colocadas sobre a prateleira começaram a mofar no décimo quarto dia. As uvas dentro da pirâmide começaram a secar em duas semanas. Ao fim de cinco semanas, seu peso original havia caído de 390 gramas para 92 gramas. O peso mínimo de 6 gramas foi alcançado ao fim de sete semanas. Elas estavam secas, murchas, parecendo muito com passas, porém não haviam se estragado nem mofado.

Em seu livro *Supernature*, Lyall Watson relata que realizou experiência com as pirâmides e três itens: ovos, rabada assada e camundongos mortos. As amostras de controle foram colocadas numa caixa de sapatos de papelão. As que permaneceram na pirâmide foram preservadas e as que ficaram na caixa de sapatos logo começaram a cheirar mal e tiveram de ser jogadas fora. Ele comentou: "Sou obrigado a concluir que uma réplica em papelão da pirâmide de Queops não é apenas um arranjo casual de pedaços de papel, mas possui propriedades especiais."

O Dr. Boris Vern, diretor do Projeto de Pesquisas da Pirâmide para a Mankind Research Unlimited, Inc. (Pesquisas Limitadas da Humanidade, Inc.) de Wash-

ington, D.C., realizou várias experiências com pirâmides de plástico de dez polegadas de altura e cubos plásticos de igual volume. Ele relatou que os ovos crus quando dentro das pirâmides endureciam e secavam em menos de três semanas. Vários tipos de bolor colocados sobre os ovos não cresceram. Os ovos de controle permaneceram úmidos e permitiram o crescimento dos bolores.

Há alguns anos, um pesquisador da Califórnia, o falecido Verne Cameron, dispôs uma pequena pirâmide no banheiro, o aposento mais quente e úmido (condições não muito propícias à preservação dos alimentos) de sua casa. Dentro da pirâmide ele colocou um pedaço de porco gordo. Depois de três dias percebeu um ligeiro odor. Passados mais seis dias, porém, o cheiro tinha desaparecido e a carne de porco havia mumificado. O pedaço de carne ficou dentro da pirâmide, no banheiro, durante vários meses, e Cameron afirmou que poderia perfeitamente ser comido.

A preservação do alimento, a mumificação e o aumento da desidratação fornecem, então, uma certa indicação de que a força dentro da pirâmide se acha na extremidade das ondas curtas do espectro eletromagnético. Mas existem também propriedades magnéticas capazes de afiar gítes, com relatórios sobre mais de 200 barbas feitas com uma única lâmina. O grau do sucesso depende da qualidade das lâminas, sendo as de melhor aço as que dão melhores resultados. Parece que quanto maior a quantidade de material não ferroso existente na lâmina menor efeito tem a força da pirâmide sobre as moléculas do metal. Se a força pertence ao espectro eletromagnético, como parece ser, daí se segue que há uma possibilidade de ela atuar de maneira semelhante em algumas das porções do espectro conhecidas como luz visível. A luz visível constitui ainda um enigma para a ciência; há teorias que parecem responder à maior parte do procedimento observável da luz, mas continuam apenas a ser teorias. No momento admite-se que a luz seja uma onda eletromagnética, ou uma procissão de fótons — partículas que não têm massa, porém, possuem energia. Devido a esta propriedade, a luz é curvada ou refratada quando passa de um meio para outro. Por exemplo, quando um raio luminoso toca uma superfície de vidro a um certo ângulo, o raio se curva. Admitamos que o raio penetre o lado inclinado da pirâmide e que

ao fazê-lo se curve, talvez na proporção das partículas de energia que o compõem. Admitindo que o raio venha de oeste, a força viajará por reflexão dentro da forma piramidal, passando periodicamente pelo ponto central da pirâmide, por baixo do vértice. É onde se processa toda a ação.

A borda de uma lâmina de barbear tem uma estrutura cristalina e os cristais crescem por reprodução. A medida que a lâmina se embota, alguns cristais da borda são arrancados. Teoricamente, os cristais deviam substituir-se por si mesmos. Sabe-se que a luz solar tem um campo que aponta em todas as direções e, no entanto, a luz do sol refletida de um objeto como a lua é parcialmente polarizada e vibra na maior parte numa só direção. Seria de se supor que a borda de uma lâmina se destruisse quando deixada à luz da lua e, na verdade, é o que parece acontecer. Isto, contudo, não explica a ação afiadora da pirâmide. Pode-se apenas supor que a pirâmide atua como uma lente que concentra a energia, ou como um ressonador que coleta energia, estimulando, portanto, o crescimento dos cristais.

É interessante observar que o sentido no qual o cristal é colocado parece determinar a quantidade de atividade vibratória. Em seu artigo, *O Campo de Energia no Homem e na Natureza*, John C. Pierrakos declarou que os cristais pulsam com frequências diferentes, dependendo de sua orientação quanto aos pontos cardiais. "Por exemplo", dizia ele, "quando o bordo principal de um cristal de quartzo é dirigido para o sul, a frequência pulsátil é de aproximadamente 9 por minuto, e de 6 quando apontado para oeste. Quando orientado para o norte a frequência é de 4 e aumenta para 14 por minuto quando dirigido para o leste."

Aprofundando o assunto, sabe-se que a terra gira de oeste para leste, e é de se supor que um feixe de força vindo do oeste possa, em contato com a atmosfera terrestre, contorná-lo, fazendo assim com que o fluxo de energia se desloque do oeste para o leste.

Há vários anos que a ciência sabe que o ar que cerca a terra é ligeiramente ionizado. A princípio pensou-se que esta ionização fosse causada por uma radiação muito penetrante. Verificou-se que quanto mais profundamente um aparelho fosse colocado no oceano, menos partículas ionizadas eram encontradas. Parecia que a massa

d'água absorvia um pouco da irradiação. Inicialmente acreditou-se que as radiações provinham da própria radioatividade da terra. Mas quando os aparelhos detectores dos íons foram enviados para a atmosfera superior descobriu-se que quanto mais alto estivessem, maior era o grau de ionização. Isto indicava que a radiação provinha do espaço exterior, donde o nome de "raios cósmicos" que foi dado a esta força.

A fonte desta radiação é desconhecida, a não ser que se situa em algum lugar fora do sistema solar. Ela parece vir de todas as partes do céu. A variação de sua intensidade nas diversas latitudes da terra indica que os raios são desviados pelo campo magnético. A radiação que penetra a atmosfera da terra vinda do cosmos é conhecida como radiação primária, o que a distingue da radiação que se forma dentro do envoltório atmosférico, como a radiação emitida pelo rádio.

Pesquisas posteriores indicam agora que esta radiação, embora vinda de todas as direções, parece provir com maior intensidade do oeste do que de qualquer outro ponto. A teoria é a de que os raios são captados pelo campo magnético da terra e desviados para leste. Isto pode ajudar a explicar por que nossas plantas dentro das pirâmides se movem do oeste para o leste, descrevem um arco para o sul, e repetem o esquema conforme foi descrito no capítulo "As Pirâmides e o Poder das Plantas". Pode também servir para explicar por que as giletes só ficam afiadas dentro das pirâmides quando colocadas no eixo norte-sul. Isto coloca um dos bordos da lâmina orientado para oeste e o outro para leste. Descobrimos, e outros têm relatado, que há certos dias em que as giletes parecem mais afiadas. Será que estamos usando a borda da lâmina que ficou voltada para o leste dentro da pirâmide num dia e a que olhava para oeste no outro?

Se a água tende a absorver partículas ionizadas, conforme se descreveu acima, então o efeito desidratante da pirâmide pode também explicar por que as lâminas se afiam dentro do espaço contido pela pirâmide.

Sabe-se que a água é capaz de reduzir a resistência do aço em mais de 20 por cento. A pirâmide — ou outra cavidade ressoadora apropriada — pareceria ser então o único dispositivo capaz de cobrir as falhas cristalinas da borda, ou do fio da lâmina da gilete, retirando as moléculas d'água dipolares por meio da ação ressonante

sobre o dipolo, explicou Karel Drbal, o engenheiro de rádio checo que descobriu as propriedades afiadoras das pirâmides sobre as giletes. Pode-se então dizer que a pirâmide desidrata a borda cortante da lâmina.

Os cientistas alemães Born e Lertes demonstraram que a ação acima descrita sobre as moléculas dipolares da água é possível numa cavidade ressonante como a da pirâmide quando alimentada por uma adequada energia de microondas. Born e Lertes descobriram que as microondas do comprimento de centímetros e suas harmônicas podem produzir uma rotação acelerada das moléculas dipolares da água. Seria como que um processo eletromagnético de desidratação.

Por que então as pirâmides construídas de material dielétrico ou não condutor parecem funcionar melhor do que as feitas de materiais condutores? A resposta poderia estar no fato de que as microondas são capazes de penetrar o material e alimentar a cavidade ressonante da pirâmide.

As pirâmides cobertas com telas ou lâminas de alumínio não parecem exibir as mesmas qualidades que as recobertas de plástico, madeira, lona, etc. Uma folha ou tela de alumínio colocada dentro da pirâmide e a oeste de uma planta inibe os giros desta; com efeito, as plantas ficam totalmente imóveis, segundo nossas fotografias de tempo. No capítulo sobre as plantas descrevemos nossas experiências com metais e plantas, mas aqui se poderia repetir que o alumínio é o único material que parece apresentar propriedades inibidoras. O alumínio é uma liga feita por um processo elétrico e inicialmente especulamos que ele age de modo negativo ou bloqueando o campo de energia que penetra na pirâmide vindo do exterior. No entanto, consideramos se ele não poderia proporcionar uma carga adicional que, combinada com outras forças eletromagnéticas, resultaria num excesso de carga. O fato de que os ímãs dispostos ao lado das pirâmides também inibem o giro das plantas tenderia a apolar esta última teoria. No entanto, para complicar nosso problema, sementes colocadas sobre folha de alumínio deixaram de germinar ou germinaram mais lentamente do que outras colocadas sobre outros materiais. Uma resposta estaria no fato do alumínio parecer impedir a atividade das enzimas. Médiuns que se mostraram capazes de melhorar a germinação das sementes e o cres-

cimento das plantas com a energia irradiada de suas mãos são também capazes de aumentar a atividade enzimática. Um amigo nosso, Charles Rhoades, obteve muito sucesso como médium. Sabendo de nossas experiências com as giletes, desafiou-nos propondo-se a afiá-las, "tratando-as" com suas mãos. Cerca de 700 barbas depois ele ainda está usando a mesma lâmina com que começou a experiência. É evidente que o médium qualificado é capaz de irradiar de suas mãos algo da mesma energia que se encontra dentro das pirâmides. Raciocinamos que se esta energia era até certo ponto bloqueada pelo alumínio e inibia a atividade das enzimas, deveria fazer o mesmo com as plantas. Se este fosse o caso, então, poder-se-ia traçar um paralelo entre os efeitos do alumínio e dos ímãs sobre as plantas. O alumínio parecia atuar como barreira, enquanto que os ímãs pareciam produzir uma dose excessiva.

Descobrimos então que a aparente ação bloqueadora do alumínio era superada quando o material era deixado dentro de uma pirâmide o tempo suficiente para se saturar com a energia daquela. Descobrimos que o alumínio deixado dentro de uma pirâmide durante duas semanas não mais apresentava o fator inibidor para as plantas. Elas se comportavam como se o alumínio não estivesse presente. E a lâmina de alumínio tratada desta maneira servia como substituta da pirâmide. Aparentemente os átomos do alumínio absorviam energia por ressonância. Quando a lâmina era retirada da pirâmide, não mais recebendo a energia de fora, os átomos iniciavam um lento processo de desintegração. Ao acontecer isto eles liberavam energia e podiam ser usados do mesmo modo que a pirâmide.

Sementes colocadas sobre o alumínio tratado germinavam tão depressa quanto as que estavam dentro das pirâmides, e as plantas giravam similarmente às que se achavam encerradas nela. Tentamos experimentar com um rosbife. Embrulhamos dois pedaços iguais do mesmo rosbife em duas folhas de alumínio, uma tratada e a outra não. O pedaço cozido na folha tratada ficou pronto num terço do tempo exigido pelo outro que estava na folha não tratada.

Em última análise, então, decidimos que o que parece estar acontecendo com o alumínio é que suas qualidades elétricas são tais que, em vez de agir como blo-

queador da energia da pirâmide, como parecia à primeira vista, ele absorve a energia dentro da pirâmide, impedindo-a de atuar sobre as plantas, enzimas, etc. Uma vez saturado com aquela energia, ele deixa de esgotar o campo e pode, então, servir como ressoador do campo de energia.

No início deste capítulo mencionamos a afinidade do homem com o ouro e o esforço do alquimista para atender à demanda do bem mais prezado pelo homem. A fascinação ia além da riqueza, pois em sua natureza e criação representava os estados mais apreciados pelo homem — a imortalidade e o esclarecimento espiritual. Os mitos antigos falam de homens de várias substâncias como o ferro e a prata, e tornar-se um homem de ouro era alcançar o estado mais alto e realizar o verdadeiro objetivo da vida. Nos dias da pré-história, e mesmo nos de hoje, acreditava-se que certos metais e pedras preciosas conferiam aos seus portadores raros dons espirituais e materiais. Curandeiros de muitas culturas usaram pulseiras de ouro e argolas do mesmo metal nos tornozelos, certos de suas propriedades mágicas. Em seu significado original, as coroas de ouro não apenas representavam a soberania como dotavam seus portadores de força e sabedoria.

Talvez a atração do homem pelo ouro seja algo profundamente sepultado no seu subconsciente, um relacionamento inerente há muito olvidado. Estamos começando a aprender com alguns bioquímicos a necessidade que nossos corpos materiais têm de pequenas quantidades de certos metais. A necessidade do ferro e do cobre é bem conhecida e pesquisas atuais revelam que o zinco é extremamente importante para um perfeito funcionamento do cérebro. Talvez aprendamos que o ouro tem um papel ainda mais importante. Edgar Cayce recomendava o ouro em mais de quarenta casos de doenças. A maior parte dos casos tinha ligação com desequilíbrios glandulares.

Pode ser que a necessidade do ouro exista ao nível celular da vida, pois, conforme se descreveu no capítulo sobre as plantas, uma planta se estendia quase horizontalmente a fim de se enrolar em torno de uma folha de ouro colocada perto dela dentro da pirâmide. Contudo, algo deve acontecer à folha de ouro deixada dentro da pirâmide por vários dias. A planta não era atraída pela folha de ouro não tratada. Continuava com o seu padrão

habitual de movimento e crescimento quando a folha de ouro não tratada era colocada ao seu lado dentro das pirâmides. Mas quando a folha de ouro era tratada durante vários dias dentro de uma pirâmide e depois colocada noutra juntamente com a planta, esta abraçava calorosamente.

Uma nota interessante a respeito da experiência com o ouro é um teste que realizamos com os movimentos de uma planta. Quando já havia atingido algumas polegadas de altura, colocamos um jovem girassol dentro de uma pirâmide. Ele começou o seu movimento de oeste para leste conforme já esperávamos de uma planta. Uma folha de ouro não tratada foi então posta dentro da pirâmide e quando a removemos pouco tempo depois, a planta começou a se mover imediatamente para o norte e para o sul. Não sabemos por que a planta mudou subitamente de direção em seus movimentos, porém, planejamos prosseguir com a experiência.

Outra experiência que não conseguimos repetir foi feita com bronze. Tomamos uma tira muito fina de bronze e a colocamos num ponto central de uma pirâmide. De repente notamos que a tira de bronze era repelida toda vez que dela aproximávamos a mão. Admitindo que se tratava de uma espécie de carga estática, ficamos fazendo aquilo durante algum tempo. Eu (Pettit) pensei: "Talvez o meu corpo tenha uma carga negativa e o bronze também", e pus-me a pensar se haveria um meio de mudar a polaridade do meu corpo ou da tira de bronze. E justamente quando pensava nisso, a tira de bronze foi atraída para o meu dedo. Continuei a brincar com ela: continuava sendo atraída pelo meu dedo. Na manhã seguinte porém a tira de bronze passou novamente a ser repelida, e por mais que eu fizesse não consegui mudar a polaridade.

Há motivos para crer que a *Câmara do Rei* da Grande Pirâmide foi especificamente projetada como um lugar no qual fossem gerados campos de energia excepcionais. O teto da *Câmara do Rei* é construído de nove vigas de granito que correm para o norte e para o sul. Acima da *Câmara do Rei* existe um total de cinco câmaras, separadas umas das outras por vários pés de espaço cheio de ar e camadas alternantes de nove e oito vigas de granito. O teto final é composto de enormes blocos de calcário, que são inclinados como um telhado empenado.

Acredita-se que cada uma das quarenta e três vigas de granito pese cerca de setenta toneladas. A *Câmara do Rei* em si é toda construída de granito; assoalho, as quatro paredes e o teto.

O granito se compõe de cristais de quartzo, mica e feldspato e sabe-se que produz um campo piezométrico, particularmente quando submetido a pressão. Neste caso, o granito acha-se sob uma pressão de 200 pés de calcário sólido sobre ele. Os egípcios referiam-se ao granito como "rocha espiritual", segundo se dizia, devido ao seu campo elétrico. Tem-se dito que os egípcios construíram a *Câmara do Rei* deste modo, porque o granito sob grande pressão emitia um campo altamente carregado para dentro dela, e que as diversas camadas de granito e câmaras-de-ar formavam um condensador de carga permanente.

Alguns cientistas têm especulado que a Grande Pirâmide não é apenas um acumulador de energia, mas serve também para modificá-la. Tem sido cientificamente demonstrado que qualquer objeto, no qual a energia vibra, atua como cavidade ressonante, e que a energia dentro do objeto é concentrada num certo ponto. Isto se aplica ao objeto, quer seja compacto ou oco. Assim, há quem acredite que a Grande Pirâmide possa atuar como uma enorme cavidade ressonante capaz de concentrar a energia cósmica como se fosse uma lente gigantesca. A energia altamente concentrada afetaria os cristais ou as moléculas de qualquer objeto que se encontrasse no caminho do feixe concentrado.

Toth e Nielsen explicam que através do uso da radioestesia, ou da varinha mágica (râdomancia), os pesquisadores conseguiram demonstrar que há um vórtice de energia emanando do vértice da pirâmide, o qual expande o seu diâmetro à medida que se eleva. Os râdomantes afirmam ter medido um vórtice de energia de quase oito pés de altura e com um diâmetro de seis pés acima de uma pirâmide de papelão de apenas quatro polegadas de altura. Numa experiência colocou-se uma pequena pirâmide embaixo de uma caixa, e três outras caixas idênticas foram dispostas ao lado dela. Sem saber qual das caixas tinha ficado sobre a pirâmide, o râdomante testou cada uma delas com sua varinha que só reagiu com a que estivera sobre ela.

O falecido Verne Cameron inventou o que ele chamava de aurâmetro, dispositivo que supostamente media

o campo de força de pessoas e objetos. Disse ele que mediu um vórtice de uma pequena pirâmide que alcançava o teto. Cameron afirmou também que se uma pirâmide fosse removida do local onde estivera, deixava atrás de si uma carga mensurável que ali permanecia durante vários dias.

Se do ápice das pirâmides em miniatura emana um vórtice de energia, defrontamo-nos com a questão da natureza do vértice da Grande Pirâmide. A história não registra nenhum vértice na Grande Pirâmide, nem há sinais de ele jamais ter sido encontrado. Manly Palmer Hall, em *The Secret of All Ages*, declara que nunca se pretendeu fazer nenhum:

“Não se pode determinar com precisão o tamanho da pedra de remate da Grande Pirâmide: pois, embora a maioria dos pesquisadores admita que ela existiu outrora, em seu lugar hoje não resta nenhum vestígio dela. Existe uma tendência entre os construtores dos grandes edifícios religiosos para deixar suas obras inacabadas, querendo com isso significar que só Deus é completo. A pedra de remate — se existiu — era, em si mesma, uma miniatura, da pirâmide, cujo vértice podia ser recoberto de novo por um bloco semelhante menor, e assim por diante até o infinito. A pedra de arremate, portanto, é o resumo de toda a estrutura. Assim, a Pirâmide pode ser comparada ao universo e a pedra apical ao homem. Prossequindo na cadeia de analogias, a mente é a pedra de arremate do homem, o espírito a da mente, e Deus — o resumo do todo — a do espírito. Grosseiro como um bloco inacabado, o homem é arrancado da jazida e gradualmente transformado pela secreta cultura dos Mistérios numa pedra de arremate piramidal perfeita e verdadeira. O templo só se completa quando o próprio iniciado se torna o ápice vivo através do qual o poder divino é concentrado na estrutura divergente que se situa abaixo.”

Outros não estão tão certos de que tenha existido um ápice na Grande Pirâmide. Cayce afirmava que a Pirâmide era encimada por um arremate de cristal raro que irradiava tremendos campos de energia. Alguns acreditam que a pedra de arremate era composta de vários materiais, começando com o ouro no nível inferior e crescendo para cima, através do cristal, terminando-se por um diamante ou rubi bem na ponta. George W. Van

Tassel, inventor e diretor do Colégio de Sabedoria Universal do Vale de Yucca, na Califórnia, proclama que suas experiências revelaram que um vértice de cristal de quartzo num modelo de pirâmide intensifica o campo de energia dela. Ele sugeriu que um ápice construído de quartzo laminado, com as lâminas separadas por germânio aumentaria os campos de energia dentro de uma pirâmide. Têm havido especulações sobre o fato de que um ápice de cristal no cimo da Grande Pirâmide era usado para reduzir a intensidade dos raios luminosos e assim extrair as propriedades magnéticas dos campos de energia. Cayce afirmava que era possível rejuvenescer uma pessoa pela luz quando esta fosse reduzida.

Talvez jamais se saiba inteiramente o que foi que os construtores da Grande Pirâmide ganharam com a sua construção. Contudo, as experiências feitas com suas pequenas descendentes têm alcançado bastante êxito para que se admita uma série de papéis para o futuro destas miniatras. Os não mencionados incluem casas construídas na forma de pirâmides; purificadores de ar para as água-furtadas, construção de piscinas abrigadas por uma cobertura piramidal, que criariam uma grande fonte batismal; tratadores de lixo tornados possíveis pela ação desidratante da pirâmide sobre a matéria orgânica e a destruição de bactérias nocivas; estocagem de suprimentos farmacêuticos; seções de supermercados, ou então supermercados inteiramente construídos na forma de pirâmides; alojamentos piramidais nas espaçonaves para retardar os processos metabólicos dos astronautas nos vôos muito longos; equipamentos para armazenagem da energia solar; compartimentos para estudo nos ginásios e colégios; e células para terapia mental e física, apenas para citar alguns.

O nascimento da nova era de construção de pirâmides talvez esteja próximo.

7. PODERES TERAPÊUTICOS

O dente havia abcedado e estava provocando uma dor intensa. Como era domingo de manhã, não havia nenhum dentista disponível. Os analgésicos comuns de nada adiantaram. Por fim, desesperada, Inez Pettit entrou num modelo de pirâmide de madeira e sentou-se, rezando para ocorrer um milagre.

Não se sabe ao certo o que aconteceu, mas depois de dez minutos a dor simplesmente desapareceu. Não voltou até hoje. Mais tarde, o exame procedido pelo dentista da Sra. Pettit revelou que não havia nada de anormal com o dente.

Várias pessoas que têm usado nossas pirâmides ou as suas próprias afirmam terem se sentido aliviadas de vários males. Nos casos de entorses, cortes, contusões, torções, infecções, etc., a cura aparentemente se processou em períodos de tempo espantosamente curtos.

Uma amiga, Judy Fuller, procurou-nos um dia dizendo que ia se submeter a uma cirurgia dentária, que estava uma "pilha de nervos", e estava imaginando se não se acalmaria sentando-se durante algum tempo dentro de uma das pirâmides.

Ela passou meia hora sentada no interior da pirâmide e saiu dali diretamente para o dentista. Ele fez uma injeção nas gengivas para anestésiar o tecido e verificou que o medicamento não agiu. Após a quinta injeção ele começou a tomar o pulso dela. Finalmente foi obrigado a recorrer a nove injeções antes de obter qualquer resultado. O dentista contou ao marido de Judy que não podia entender o pulso dela, que devia estar dando saltos

mas não apresentava nenhuma alteração. Ele fez a incisão, operou o maxilar e suturou.

Quando Judy voltou no dia seguinte para uma revisão, o dentista encontrou suas gengivas de um rosado saudável e a cicatrização em franco progresso. Nesta ocasião, e na outra revisão feita três dias depois, ele simplesmente não pôde entender a rapidez com que se processava a recuperação.

O entendimento da redução do tempo de cura parece não existir no repertório médico. Mas, embora elas não apareçam nas revistas médicas, encontramos referências a este fenômeno nos relatórios sobre os osciladores de ondas múltiplas e de outros aparelhos que geram ondas eletromagnéticas, e na literatura de curas espirituais. O que parece ocorrer é a aplicação de uma certa forma de energia que intensifica o processo de cura da natureza.

Há muito tempo os místicos proclamam que as doenças se manifestam primeiramente no envoltório etéreo ou elétrico do corpo, donde passam para o corpo físico. Este conceito tem sido demonstrado com outras formas de vida. O Departamento Florestal dos Estados Unidos emprega atualmente a fotografia infravermelha para detectar certos tipos de doenças nas árvores. Parece que a doença cerca a árvore antes de penetrar na sua substância material. A foto infravermelha revela o campo da doença antes de ela penetrar, possibilitando que se tome logo de início as medidas indicadas. Seguindo a mesma linha de pesquisa, aqueles que trabalham com o efeito Kirlian — um processo de alta frequência que fotografa o campo elétrico que cerca as plantas, os animais, e o homem — alimentam a esperança de que o referido processo possibilita controlar a doença nos primeiros estágios de seu desenvolvimento.

Em *The Kirlian Aura*, editado pelo Dr. Stanley Kripner, lê-se: "A cura da tibia congenitamente defeituosa de um adolescente foi estimulada pela corrente elétrica direta, e em dois meses de tratamento apareceu osso recém-formado. Este estímulo da cura óssea lembra certos tipos de tratamento pela acupuntura e pode fornecer pistas para o esclarecimento do processo nela implicado." Mais ainda: "Há considerável evidência de que tanto os campos magnéticos naturais quanto os artificiais podem exercer importantes efeitos sobre os organismos vivos."

Nossos filmes de tempo mostrando o movimento da planta dentro das pirâmides fornecem a prova de que um campo magnético no interior de uma forma piramidal altera as forças existentes. Visto que é um fato bem conhecido que um campo magnético é capaz de romper um fluxo de elétrons, ou alterar um campo magnético existente, parece inferir-se que estamos tratando com uma espécie de campo eletromagnético nas pirâmides.

No capítulo sobre *As Pirâmides e o Poder das Plantas*, mencionou-se que o médium Oskar Estebany demonstrou, sob a supervisão da cientista Justa Smith, uma capacidade de "gerar" um campo magnético equivalente a 13.000 gauss. O campo magnético gerado por Estebany incrementou a germinação de sementes, o crescimento de plantas, e intensificou a atividade de enzimas — o mesmo campo que, aparentemente, torna possível o sucesso das curas realizadas por Estebany.

Em 1974 foi realizada uma excitante experiência demonstrativa da estranha energia gerada pelos médiuns habilidosos, a qual está sendo divulgada pela ciência como prova objetiva dos poderes curativos do médium.

Usando um equipamento de laboratório, uma câmara de nuvens, que traça o caminho percorrido por partículas subatômicas através do gás, o Dr. Robert Miller, professor de engenharia química durante 15 anos no Instituto de Tecnologia da Geórgia, e agora trabalhando na indústria privada, e pelo Dr. Philip B. Reinhart, chefe do Departamento de Física do Agnes Scott College em Atlanta, desenvolveram um projeto para determinar se as forças exercidas pelos médiuns eram capazes de influenciar a trajetória das partículas nucleares de alta energia.

A conhecida médium Dra. Olga Worrall, que realiza curas espirituais em Baltimore, foi solicitada a participar da experiência efetuada no Agnes Scott College. Antes da participação da Dra. Worrall, os Drs. Miller e Reinhart apuseram as mãos em torno da câmara de sete polegadas. Nada aconteceu. Então a Dra. Worrall colocou suas mãos em volta da câmara, porém sem tocá-la. Ela se concentrou conforme costuma fazer quando se entrega a seus trabalhos de cura e, de repente, surgiu na câmara uma nuvem negra. "Nós estávamos contemplando a energia que fluía entre suas mãos. Após alguns minutos ela mudou de posição em relação à câmara. O efeito interno

também se desviou", declarou o Dr. Miller. A experiência foi testemunhada por vários professores e estudantes graduados que concordaram ter assistido a uma verdadeira demonstração da manifestação da energia da médium.

Os dois cientistas decidiram prosseguir com o teste. No dia 12 de março, de sua casa em Baltimore, a 600 milhas de Atlanta, a Dra. Worrall concentrou-se na câmara de nuvens, e de novo apareceu a estranha formação. Para confirmar sua descoberta, os cientistas convocaram a Dra. Worrall e pediram-lhe que repetisse seus esforços. O resultado foi o mesmo.

"Ambas as vezes," declarou a Dra. Worrall, "eu pude sentir a energia emanando de mim. Fiquei muito excitada com os resultados do teste."

O Dr. Reinhart comentou: "Realmente espantoso foi o fato de ela produzir o mesmo efeito quando a 600 milhas de distância. Não há absolutamente nenhum meio pelo qual ela pudesse ter realizado aquilo, a não ser transferindo mentalmente sua energia."

A Dra. Thelma Moss empregou na UCLA (Universidade da Califórnia em Los Angeles) o processo fotográfico Kirlian para exibir a energia que irradiava das mãos e pontas dos dedos da Dra. Worrall. A Dra. Worrall mostrou-nos várias dessas fotos e pode-se ver claramente que havia uma considerável diferença na luminosidade e magnitude do campo magnético quando ela se achava em estado normal e quando se concentrava na cura.

Falamos com a Dra. Worrall sobre sua capacidade de curar e ela nos disse que jamais duvidou disso, mas que acha importante demonstrar esta força para satisfação da ciência, a fim de que a cura espiritual seja aceita. Enquanto a Dra. Worrall descrevia alguns de seus casos, novamente nos chocamos com o aparente paralelismo das histórias de suas curas espirituais com as realizadas nas pirâmides.

Uma das observações correspondentes foi o fato de a água, segura nas mãos de um médium e estudada sob o microscópio eletrônico, ter revelado que as moléculas de hidrogênio haviam-se separado... o tipo de fenômeno que explicaria a evaporação e a desidratação mais rápidas que se produzem dentro de uma pirâmide.

Há um ano, eu (Pettit) convenci-me de que apresentava todos os sintomas de um adenoma da próstata e

que a operação seria uma questão de tempo. Passei então a dormir dentro da pirâmide duas ou três noites por semana e a beber regularmente água da pirâmide. Decorreram seis meses, e um dia percebi que há muito tempo que eu nada mais sentia na próstata. Um exame recente revelou que minha próstata está completamente normal.

Em *Pyramid Power* (O Poder da Pirâmide), Max Toth e Greg Nielsen declaram ter recebido relatórios de pessoas que se sentiram melhor só por ficarem perto de um modelo de pirâmide. Dizem eles: "Outros relatos, ainda mais difíceis de provar, têm chegado de pessoas que afirmam haver melhorado de sintomas dolorosos e mesmo se livrado de doenças, depois de terem passado várias noites dormindo, e vários dias sentadas perto de pirâmides colocadas junto às suas camas e cadeiras."

Se o campo de energia dentro da pirâmide é maior do que fora e se este campo tende a produzir estados mais saudáveis ou de cura, pode-se então admitir que as frequências geradas elevam os níveis de ressonância das células, dos tecidos, dos órgãos, etc., até o nível ótimo de funcionamento.

"Uma das idéias básicas da radiônica é que cada organismo individual ou material irradia e absorve energia através de um único campo de ondas que apresenta certas características geométricas quanto à frequência e ao tipo de radiação", afirmou o Dr. W. A. Tiller, chefe do Departamento de Ciência de Materiais da Universidade de Stanford, num trabalho apresentado no Simpósio sobre as Variedades de Cura, patrocinado pela Academia Americana de Parapsicologia e Medicina. "Trata-se de um campo de força existente em torno de todas as formas de matéria, animadas ou inanimadas" declarou o Dr. Tiller, e continuou: "Uma analogia útil é a do átomo físico que se acha continuamente irradiando energia eletromagnética na forma de ondas, devido ao seu oscilante desenvolvimento elétrico e suas vibrações térmicas. Quanto mais complexos os materiais, mais complexa a forma de onda..."

"Acha-se que a onda portadora fundamental seja polarizada com um vetor rotativo de polarização... A informação concernente às glândulas encurta a onda portadora e parece estar associada com uma fase de modulação específica para uma glândula específica. As re-

giões do espaço associadas com uma dada fase angular da onda constitui uma rede tridimensional de pontos que se estendem por todo o espaço. Estar em ressonância com qualquer um destes pontos é estar em ressonância com a glândula particular da entidade. Existe a possibilidade de se explorar a forma de onda da glândula para detecção de quaisquer anormalidades. Igualmente, se a energia que apresenta a forma de onda normal e saudável da glândula for introduzida em qualquer um desses pontos específicos da rede, a glândula será levada para sua condição de normalidade e saúde. Isto provoca uma tendência para que a estrutura se reorganize em íntimo alinhamento com a estrutura normal, isto é, ocorre a cura da glândula. As células nascidas na presença deste campo de polarização tendem a crescer numa condição mais saudável, que enfraquece o campo original da estrutura anormal ou doente, e fortalece o campo da estrutura normal ou sadia. A continuação do tratamento acaba por moldar a estrutura, do órgão sadio e a cura é conseguida.

"Todas as doenças têm sua origem numa desarmonia entre os níveis mental e espiritual da entidade e o do padrão universal para a referida entidade. Esta desarmonia atua no nível físico através do efeito de catraca. A cura e a saúde permanente exigem que os níveis mental e espiritual estejam em harmonia com o padrão universal. Assim, a cura ao nível material ou mesmo etéreo é apenas temporária se o padrão básico ao nível mental e espiritual permanecer inalterado."

A dependência das formas de vida das dimensões elétricas é discutida pelo eminente astrónomo Gustaf Stromberg em *Spiritual Healing* (A Cura pelo Espírito). Em parte ele declara: "A fim de que um órgão do nosso corpo se 'torne carne' ou 'encarnado', devem estar presentes certas substâncias químicas, e estas devem ser assimiladas na fina estrutura elétrica imaterial que agora se sabe existir em toda a estrutura viva. Estes 'campos vivos' orientam os movimentos de tipos especiais de moléculas de tal modo que por fim se forma um órgão completo, que é, em si mesmo, parte essencial de um sistema vivo de ordem superior."

A ponte entre as propriedades químicas e elétricas do corpo material pode residir no sistema coloidal. O termo "colóide" vem de uma palavra grega que significa "cola". Do átomo à molécula e ao colóide, estamos tra-

tando com vórtices de energia. Um pontinho visto ao microscópio é muitas vezes maior do que um colóide que, como o átomo, pouco mais é do que uma "cola", bem como uma unidade de energia. Os milhões e milhões de colóides sensitivos que mantêm o corpo unido podem ser agitados pelas menores vibrações. Mas embora os colóides sejam um sistema de energia, quando as condições provocam sua condensação, eles passam a um estado cristalóide que constitui uma forma. Noutras palavras, o padrão de energia pode ser transposto para a substância material, e pode muito bem suceder que seja ao nível coloidal — o estado entre a vibração e a matéria — que as forças eletromagnéticas, como as aumentadas ou geradas pela pirâmide, influenciem a matéria.

O emprego do magnetismo para tratar o corpo material recua a tempos muito antigos; até onde não se sabe, mas os primitivos gregos falavam do uso do magnetismo na medicina como um conhecimento que já existia há muito tempo.

O médico árabe Avicenna empregava ímãs para tratar doenças do fígado no ano 1.000, e Ali Abbas, famoso médico persa do século X, escreveu em seu *Perfect Book of the Art of Medicine* (O Livro Perfeito da Arte da Medicina), que o magnetismo curava o artrismo e os espasmos. No início do século XV, o médico e alquimista suíço Paracelso usava ímãs no tratamento da hidropisia, da icterícia e várias doenças. No século XVI, Ambroise Paré relatava que alguns médicos usavam limalha de magnetita ou de ferro para ajudar a cicatrizar as incisões cirúrgicas. William Gilbert, médico particular da Rainha Elizabeth, negava a eficiência do magnetismo na arte de curar. Por outro lado, o médico americano Elisha Perkins patenteou em 1776 instrumentos de tração metálicos para curar a doença e a dor. Diz-se que George Washington era um de seus clientes. Mais tarde, Gaylord Wilshire patenteou seu Iônico, um calor magnético que, segundo se dizia, magnetizava o sangue e curava muitas doenças.

Um rápido olhar sobre algumas das patentes concedidas nos últimos cem anos atesta o continuo papel do magnetismo como instrumento de cura. Em 1869 foi concedida uma patente para um aparelho que incluía uma bobina elétrica para produção de campos magnéticos no corpo humano. Pouco depois foram concedidas várias

patentes para artigos de vestuário que continham ímãs curativos.

O Dr. E. H. Frei, Professor de Eletrônica e chefe do Departamento de Eletrônica do Instituto Weizmann, cita em seu artigo "Aplicações Médicas do Magnetismo", publicado no número de outubro de 1972 do *Bulletin of the Atomic Scientists*, a descrição de uma patente concedida para um espartilho magnético:

O objetivo deste invento, resultado de longa experimentação e estudos fisiológicos, é aplicar convenientemente ao homem as propriedades curativas e magnéticas, cuja eficácia é agora reconhecida nas doenças do peito, cardíacas, e cerebrais, em especial nas pessoas nervosas e de hábitos sedentários.

No fim do século XIX patentearam-se diversos objetos para fins de tratamento médico, inclusive uma cadeira, uma fita de chapéu, um divã e um medalhão magnéticos. Em 1904, foram registradas duas patentes para máquinas para tratar pacientes que sofriam de perturbações nervosas, através da produção de um campo magnético. A seguir foram patenteados vários outros equipamentos magnéticos com fins terapêuticos. S. Maeshima, de Tóquio, recebeu a patente de um aparelho dos EUA...

"... para transmitir o magnetismo ao corpo humano, o qual, estimulando ligeiramente os nervos periféricos e as células dos tecidos, acelera a circulação do sangue e a excreção pela pele e regula o metabolismo, daí assegurando a saúde e afastando as doenças cu ajudando a cura delas."

Segundo o Dr. Frei, esta patente foi concedida em 1922. Ele observou também que vários países concederam patentes para um casaco magnético que protegesse a mão do médico do campo magnético quando ele aplicasse um pequeno ímã de alnico¹ ao coração de seus pacientes.

Em 1967 foi concedida uma patente para uma máquina que produzia campos magnéticos controláveis com

(1) — Liga de 50% de aço, 20% de alumínio, 20% de níquel, e 10% de cobalto, empregada na fabricação de ímãs.
(N.do T.)

fins médicos. Esta patente afirma que a máquina se baseia em trabalho anteriormente feito neste terreno e cita também pesquisas que proclamam que os campos magnéticos eram capazes de retardar o processo de envelhecimento.

Várias experiências sobre a influência dos campos magnéticos foram realizadas no laboratório de Thomas Edison em 1892. Cães e pesquisadores ficaram expostos a vários milhares de gauss sem experimentarem qualquer efeito maléfico. Contudo, mesmo o fraco campo geomagnético, que não tem um campo de força de mais de um gauss, desempenha, segundo alguns cientistas, um papel nos organismos biológicos. Alguns sugeriram que os pássaros e as tartarugas marinhas usam o campo magnético para navegação e para retornarem aos seus lares, e tem-se relatado que as perturbações deste campo correspondem de certo modo às estatísticas de admissões nos hospitais de doenças mentais.

O Dr. Frei acredita que o equilíbrio dos processos químicos pode ser desviado num campo magnético devido às susceptibilidades dos produtos finais. "Qualquer processo que envolva o movimento de íons pode ser influenciado porque a trajetória de um íon muda num campo magnético, e isto pode representar um fator importante à medida que os íons atravessam as membranas biológicas", declarou ele. Mencionado anteriormente foi o trabalho da Irmã Justa Smith sobre a influência dos campos magnéticos na atividade das enzimas, e o Dr. Frei observa: "Há indicações de que a ação das enzimas é modificada dentro de um campo. Não existem teorias rigorosas que expliquem estes efeitos magnéticos, se bem que análises grosseiras demonstrem que eles podem ser muito pequenos em campos de até vários milhares de gauss. No entanto pode-se admitir que nos sistemas biológicos, mesmo efeitos muito pequenos podem se acumular e provocar significativas alterações."

Relatórios da Rússia indicam que o magnetismo tem sido usado na cura de feridas (Estebany, que foi testado pela Irmã Justa Smith como gerador de um campo magnético de vários milhares de gauss, descobriu seus poderes curativos na primeira vez que constatou poder tratar os soldados feridos) e no crescimento de tumores, enquanto que um outro trabalho descreve como a coagulação do

sangue às vezes pode ser afetada pelos campos magnéticos.

Sabe-se que campos magnéticos de tempo variável produzem potenciais elétricos, e fenômenos conhecidos podem ser interpretados em termos das correntes derivadas destes potenciais. Isto inclui os chamados fosfenos magnéticos. Estes têm sido investigados e seus efeitos comparados aos outros estímulos produtores de luz, tais como a pressão e os impulsos elétricos. (As lajes de granito em torno da *Câmara do Rei* na Grande Pirâmide podem produzir um efeito piezelétrico como resultado da tremenda pressão das pedras que estão em cima.) Diz-se que os fosfenos às vezes se apresentam como uma luminescência azulada que aparece nos limites dos campos visuais e são produzidos aplicando-se campos alternados de 10 a 100 Hz à cabeça humana. Alguns cientistas explicam este fenômeno por meio da indução eletromagnética resultante da alteração dos campos magnéticos. No entanto, esta teoria não leva em conta o fenômeno subjacente e não explica como se produz fisicamente a luz. Embora a maioria dos pesquisadores sustente que o efeito só é visto quando há luz, outra prova indica que ele também é observado na escuridão. A fixação do olhar num objeto específico intensifica o efeito.

É interessante notar que um dos exercícios metafísicos para a capacidade de ler as auras constitui-se no desenvolvimento da visão periférica. Este envoltório elétrico que cerca tanto os objetos animados quanto os inanimados, mas particularmente os seres humanos, é visto às vezes como uma fraca luz azul. O Dr. Pierrakos, cujo trabalho é descrito noutra parte deste livro, criou um tipo de vidro azul para melhor ver a aura ou campo etéreo que envolve as plantas, os animais e os seres humanos. Seguindo esta linha de pensamento, relatórios de que às vezes a Grande Pirâmide irradia uma pálida luz azul apoiariam as teorias sobre suas propriedades magnéticas.

Enquanto testava alguns dos conceitos emitidos pelo Barão Reichenbach sobre a natureza da força óptica, o Prof. D. Enlicher, de Viena, observou que as chamas eletromagnéticas às vezes atingem 40 polegadas e mostram um rico jogo de cores que terminam numa luminosa bruma de cor azul pálida.

Nestas linhas, deveria ser dada alguma atenção à bibliografia que aparece no segundo número trimestral do *Electronic Medical Digest* (Resumo Médico Eletrônico) de 1959, sob o título. "É o Tecido Vivo Afetado pela Energia Alternante de Baixa Frequência?". Esta bibliografia engloba algumas das experiências científicas realizadas num esforço para encontrar uma resposta a esta questão. Segundo um estudo de dois anos levado a cabo no Instituto Americano de Radiação, em Belmonte, na Califórnia, a resposta seria sim. A bibliografia relaciona 27 escritores, com referência a diversas revistas técnicas. Os artigos não se limitam aos campos alternantes de baixa frequência, mas em muitos casos se referem aos efeitos de ímãs permanentes sobre os tecidos, o crescimento celular, alívio da dor e de tensões nervosas, tumores, reações de crescimento nas plantas, etc. Nota-se uma grande quantidade de material relevante sobre o desenvolvimento da radicestesia, particularmente na Europa, sobre a expansão dos estudos da natureza da aura e do corpo etéreo, e de todo o campo da eletrônica médica.

Pessoas que têm sentado ou meditado dentro de pirâmides às vezes se referem ao aparecimento da cor azul. Wilhelm Reich sustentava que a cor da energia orgônica, a energia cósmica vital livre de massa, era azul. O acumulador de energia orgônica é uma caixa de seis lados conhecida como *oracru*. Os lados são feitos de camadas alternantes de material orgânico e inorgânico. A parede interna é forrada com uma fina folha de ferro. Supostamente, esta disposição possibilita uma concentração muito maior da energia orgônica da atmosfera.

Amostras de sangue de indivíduos testados após curto período de tempo passado dentro do *oracru* apresentam glóbulos vermelhos carregados de energia orgônica. "A carga se revela, depois do sangue ter sido autoclavado, na forma de biontes azuis" diz Wilhelm Reich em *The Cancer Biopathy* (Biopatia do Câncer). E acrescenta: "A falta de energia orgônica se manifesta no sangue autoclavado pela ausência dos biontes azuis e pela presença de bacilos-T, que resultam da degeneração dos glóbulos vermelhos (reação-T)."

"A reação-T é característica dos casos avançados de câncer nos quais o conteúdo de orgônio no sangue foi totalmente consumido na luta do organismo contra a doença (biopatia do câncer) e contra o tumor. Em geral esta

reação-T acha-se presente antes de qualquer sintoma de anemia e não raro revela o processo canceroso muito antes de surgir qualquer sintoma perceptível, ou de se haver formado qualquer tumoração. . . Por outro lado, os glóbulos vermelhos carentes de energia orgânica absorvem-na avidamente quando fornecida ao organismo pelo acumulador de orgônio. Testes posteriores de esterilização em autoclave revelam uma mudança da reação-T para a reação-B, isto é, os glóbulos vermelhos se tornaram mais resistentes à esterilização; contém mais orgônio. . . O glóbulo vermelho pode ser carregado pela energia orgânica da atmosfera."

Dinshah P. Ghadiali, cientista hindu fortemente influenciado pela pesquisa do Dr. Jagadis Bose, cujo trabalho é discutido no capítulo sobre as plantas, fundou um sistema de tratamento pelo uso de luzes coloridas, a que chamou de *Espectro-Cromometria*. De acordo com Ghadiali, a radiação da luz azul diminui a inflamação, acaba com as infecções, e promove a cura através do equilíbrio das propriedades eletroquímicas do corpo.

A luz azul neutraliza o vermelho do hidrogênio, de acordo com Dinshah Ghadiali, e, "por afinidade ao hidrogênio, esta onda de cor harmônica representa o oxigênio. A água, H_2O , é o produto da combinação química do hidrogênio com o oxigênio e mais uma prova da precisão matemática com que é construído o espectrocromo. É o mais neutro dos compostos. . . O efeito diaforético é resultante da conquista do hidrogênio pelo oxigênio nos processos febris e inflamatórios. Daí, na realidade, o efeito refrigerante ou refrescante do azul depender da produção da sudorese pois, segundo uma lei química, a evaporação implica sempre o resfriamento, devido a uma expansão das moléculas componentes, que se separam com o calor" afirma ele no Volume 3 de sua *Spectro-Chrome Metry Encyclopedia* (Enciclopédia da Espectro-Cromometria).

Reich, em *The Cancer Biopathy*, lança mais luz sobre o fenômeno: "O glóbulo vermelho é um sistema orgonótico em miniatura, contendo uma pequena quantidade de orgônio dentro de suas membranas. Com um aumento de 4.000 vezes, os glóbulos vermelhos do sangue mostram um profundo brilho azul e uma viva vibração de seu conteúdo. Eles se expandem e se contraem, não sendo, portanto, rígidos, conforme geralmente se pensa. Eles

transportam a energia orgânica atmosférica dos pulmões para os tecidos. Só nesta ocasião se pode imaginar a natureza da relação entre o orgônio da atmosfera e a energia orgânica. Não se sabe se o orgônio é idêntico às partículas químicas do ar ou fundamentalmente diferente delas.

A carga orgonótica é também revelada na forma e na estrutura dos glóbulos vermelhos do sangue. As células com uma carga fraca são mais ou menos enrugadas e possuem uma estreita margem azul que brilha fracamente. Uma vez carregado o organismo, os glóbulos vermelhos se entumescem, ao mesmo tempo que a margem azul se intensifica e se amplia, incluindo às vezes toda a célula. Nenhum microorganismo patogênico pode sobreviver na vizinhança destes glóbulos vermelhos fortemente carregados de orgônio.

A pesquisa de Reich e Ghadiali indicaria a existência, na atmosfera, de um certo campo de energia capaz de ser acumulada e dirigida para as propriedades eletroquímicas do corpo material, do modo a beneficiá-lo. As referências feitas à luz ou auras parecem indicar a presença de propriedades eletromagnéticas no campo da energia que está sendo gerada. As observações da luz azul em torno das pirâmides ou relatos de pessoas que ficam sentadas ou em meditação dentro delas oferecem provas de que a pirâmide partilha do fenômeno da produção de forças eletromagnéticas idênticas ou semelhantes. Estas observações, juntamente com as semelhanças entre as descrições do tratamento de doenças pela luz azul, a energia orgânica e várias formas de eletroterapia e as que, segundo relatos, são produzidas pela pirâmide, parecem indicar a existência de um denominador comum.

De qualquer modo, nossas experiências e as de outros revelam a ocorrência de fenômenos de cura em consequência do poder das pirâmides. Curamos inúmeros cortes, contusões, entorses, etc., em menos tempo do que o esperado, e a seguir daremos algumas declarações feitas por indivíduos submetidos às nossas experiências de curas:

Florence Hill: "Eu estava com vários dentes doloridos, e depois de ter passado certo tempo dentro da pirâmide, a dor desapareceu, mas continuei a sentir uma força que penetrava nos meus dentes. Experimentei uma sensação de formigamento em minhas extremidades.

Acho que meu coração passou a bater mais devagar e creio que vi uma porção de luz azul."

Effie Jorgensen, submetida à experiência numa tenda de meditação piramidal: "Entre ali com uma congestão nos seios e com uma dor que percorria todo meu corpo. Dentro de uma hora senti-me muito melhor. Nos primeiros 30 minutos que ali estive experimentei uma sensação de zumbido. A drenagem dos seios foi muito boa; depois de uma hora as articulações não doíam mais."

Mary Stoldt: "Meu marido sofria de uma lombalgia crônica e ficou livre dela." E noutra ocasião: "E de terrível dor de cabeça. Melhorou muito depois de sentar-se dentro da pirâmide durante apenas 20 minutos."

Dave Wilcox: "Tenho em meu quarto uma grande pirâmide sob a qual eu durmo. Meu nível de energia é maior do que antes e jamais me senti tão saudável."

J. M.: "Sofri um acidente, e o fato de me sentar dentro de uma pirâmide ajudou-me a recuperar a mobilidade de meus membros."

Há onze anos que uma mulher tinha uma excrescência, semelhante a uma verruga, num de seus polegares, e quanto mais mexia nela, maior ela ficava. Depois de introduzir o dedo numa pequena pirâmide por dois períodos de 15 minutos, a verruga desapareceu na manhã seguinte.

Um homem nos contou que há dias vinha sofrendo de uma infecção causada por uma planta venenosa, mas que esta desapareceu completamente um dia após ter-se submetido ao tratamento, sentando-se dentro de uma pirâmide. Outro homem nos disse que após trabalhar com as pirâmides durante algum tempo seu pulso caiu de 80 para 60 pulsações por minuto.

Colocamos uma rata dentro de uma pequena pirâmide. Enquanto ela viveu ali, manteve seu ninho em ordem e limpo. Quando a gaiola foi retirada de dentro da pirâmide, a rata começou a espalhar lixo por toda a parte. Em certa ocasião feriu-se seriamente na gaiola e pensamos que ia perder um olho. Não se usou qualquer remédio quer no ferimento quer no olho. Mas, depois de ser recolocada na pirâmide, o olho sarou completamente, a cicatriz desapareceu e o pêlo renasceu normalmente.

No que concerne ao uso médico dos campos magnéticos, o Dr. Frei, no artigo antes mencionado, declara

que o estímulo muscular é um terreno que tem sido pesquisado recentemente e cujos resultados mostram que praticamente todos os músculos se contraem quando se altera o campo magnético que neles incide. "Admite-se amplamente que o estímulo é de natureza elétrica causada por indução eletromagnética," declara ele. "Um campo elétrico produzido por um campo magnético que se altera pode enviar uma corrente elétrica através de uma célula e deste modo estimular todos os tipos de músculos... A importância do estudo dos músculos reside na possibilidade de se estimular o músculo cardíaco, o que pode ser de primordial importância numa emergência que exija um marcapasso, antes de se colocarem internamente os eletrodos."

Em outras áreas da medicina Frei indica: "Outra aplicação deste estímulo pode residir na possibilidade de se excitar o córtex. Espera-se que, empregando-se campos magnéticos de tempo variável adequadamente criados, pode-se estimular fenômenos cerebrais que de outro modo só poderiam ser produzidos pela inserção de eletrodos abaixo do crânio."

Um conhecido quiroprático de muito sucesso contou-nos que carregou uma pequena placa metálica colocando-a no alto de uma série de pirâmides em miniatura. As pirâmides de metal se unem em suas bases de forma retangular, de cinco a três unidades, formando quinze ao todo. Ele emprega a placa carregada para elevar o ritmo biológico das partes afetadas do corpo e diz que obtém grande êxito.

Segundo um artigo publicado há vários anos por Joseph F. Goodavage, citologista e ginecologista da Cidade de Nova Iorque, na revista *Fate*, o Dr. K. E. MacLean empregava um ativador eletromagnético para tratamento de casos avançados de câncer. Goodavage citava MacLean dizendo: "O câncer não pode existir num forte campo magnético."

De acordo com Goodavage, um efeito colateral do tratamento era a restauração da pigmentação do cabelo que passava, "na maioria dos casos, do branco prateado para sua cor natural anterior. Os cabelos do Dr. MacLean são castanho escuro; há cinco anos que ele vem se expondo diariamente a um campo magnético de 3.600 gauss. É alto, de complexão atlética, aparentando ter 45 anos de idade. Na verdade tem 64."

De acordo com o que aprendemos com nossas experiências, a forma particular da pirâmide alinhada sobre o eixo norte-sul é que produz o estranho campo de energia. Embora a forma tradicional da pirâmide possa não ser a única que gera ou intensifica os campos de energia — conforme descobrimos experimentando as formas cônicas nas plantas — nossas pesquisas revelaram que os cubos não produzem os mesmos resultados.

No entanto, passamos a maior parte de nossas vidas dentro de estruturas de formas cúbicas. Insensatamente, segundo Buckminster Fuller, cientista, matemático, autor, arquiteto, e inventor da abóbada geodésica. Fuller acredita que as casas, os escritórios, as igrejas, ou qualquer tipo de edifício deve ser de qualquer formato que não o cúbico, e explica que isto é particularmente válido para os hospitais e outros lugares de cura.

Talvez os cubos nos quais vivemos distorçam ou inibam os campos de energia de tal modo que somos afastados de sua influência benéfica ou somos negativamente bombardeados por ondas de formas alteradas. Pode muito bem acontecer que a medicina preventiva do futuro seja praticada por engenheiros e arquitetos. As casas poderão, então, ser construídas segundo suas propriedades terapêuticas.

8. REJUVENESCIMENTO

Hoje é a vitamina E, os comprimidos de zinco, os brotos de rosa que são criticados como bálsamos para manter a juventude. O tônico de hoje pode ser o conto da carochinha de amanhã. Contudo, a busca prossegue com as fórmulas mais recentes de óleo de pepinos e caldo de pêssegos, ou através da Fórmula X, operações faciais, banhos em fontes salgadas, dosagens de ácido pantotênico e geléia de abelhas, exercícios respiratórios de Ioga, e assim por diante.

Nem todos os critérios são iguais, naturalmente, e alguns dos acima mencionados têm, sem dúvida, seus méritos. É certo que muitos exemplos podem ser dados sobre a propriedade rejuvenescedora das vitaminas e são poucos os que contestam o valor dos exercícios respiratórios corretos e adequados. Contudo, o homem não está inteiramente satisfeito com estes resultados; acha que pode conseguir coisa melhor.

Alguns acham que existem precedentes para que se prolongue a nossa média de sessenta anos de vida nesta terra. Apela para as personagens do Velho Testamento que, segundo se diz, viviam várias centenas de anos, e para as lendas que cercam a Atlântida, cujos habitantes viviam outro tanto. Para os que buscam material mais recente há as referências feitas a certos homens santos da Índia e do Tibete de quem se afirma viverem duzentos anos ou mais.

Há vários anos, nosso professor, Swami H. H. Rama, um cientista hindu altamente treinado, contou-nos que seu guru tinha quase 150 anos e que isto podia ser provado. Quando lhe perguntamos como o guru conseguia

viver tanto tempo ele respondeu: "Porque ele aprendeu a usar certos campos de energia com este objetivo." Não temos motivos para duvidar de sua palavra, principalmente porque estas histórias não são tão raras. Um amigo nosso passou algum tempo no Himalaia e diz ter estado em contato com vários homens santos, que viviam isolados, e cujas lembranças recuavam até o século dezanove.

Jack Parr, um inglês, viveu até os 175 anos. Tornou-se uma celebridade e morreu, aparentemente, devido a excessos feitos durante uma festa que lhe foi oferecida na corte real. A autópsia revelou que ele nada tinha de particularmente anormal além de um excesso de vinho, comida, e canções.

E recentes revistas e jornais têm publicado vários artigos sobre russos centenários, alguns dos quais ainda trabalham aos 130 e 140 anos de idade. Assim... os sonhos de nossos antepassados não são necessariamente tão impossíveis. Talvez haja segredos ocultos nalgum lugar. Mas onde? Ai está a questão. Cientistas sérios e bem intencionados, porém, estão tentando isolar os importantes componentes da perpetuação da juventude. Acredita-se que os fatores mais visíveis — dieta, ambiente, estilo de vida — desempenham papéis relevantes. Penetrando mais profundamente, contudo, parece haver um consenso geral de que a manutenção da saúde e da juventude deve ser examinada ao nível celular, onde se passa a ação. Dentro deste enfoque pergunta-se por que as células se gastam e morrem, e o porquê da diferença entre a taxa de nascimento e da morte das células.

Não são poucos os cientistas famosos que concordam que o mais novo e promissor campo da medicina é a bioelétrica, o estudo da natureza eletromagnética do corpo. Os estudos bioelétricos não negam a importância dos fatores mecânicos e químicos na manutenção do corpo material. No entanto, sustentam que ignorar o papel desempenhado pelo eletromagnetismo ou outros campos de energia é encarar o fato de modo parcial e distorcido.

Parece que o campo de energia do corpo não se limita à sua estrutura física, mas que se irradia através dela e até mesmo para um pouco além de seus limites. Este campo de energia parece ser o mesmo a que os místicos e clarividentes se referem como aura e, de acordo com eles, a deterioração das células, dos tecidos, órgãos etc.

ocorre primeiramente dentro da aura. Pode então se manifestar dentro do corpo físico, ou talvez ser controlada ou curada ao nível bioelétrico.

Uma teoria sobre o campo da energia sustenta que todas as células capazes de se reproduzirem contêm em seus núcleos filamentos de material altamente condutor cercado de um meio isolante. Este filamento, que alguns acreditam ser o complexo ADN-ARN, aparece sempre na forma de uma espiral ou hélice; noutras palavras, uma bobina. Portanto, cada célula e seu filamento pode reagir como um circuito sintonizado se sua frequência de ressonância puder ser aproximada de uma fonte osciladora externa. Lakhovsky, criador do oscilador de ondas múltiplas, e outros sugeriam que excitando-se os núcleos com energia eletromagnética é possível provocar uma alteração segundo o princípio, há muito estabelecido, da indução eletromagnética. Segundo se diz, isto aumentaria o nível de energia e, talvez, simultaneamente, a vitalidade de cada célula.

O ponto interessante é que, de acordo com as pesquisas feitas até agora com as pirâmides, há indícios de que estes campos eletromagnéticos e campos de energia inominados, descritos como sendo usados em vários tipos de eletroterapia, parecem se produzir dentro das estruturas piramidais. Pode ser que as forças eletromotoras produzidas ou aumentadas pela forma piramidal sejam capazes de elevar a taxa do metabolismo celular pela eletrólise, e talvez excitar a memória do complexo ADN-ARN e as propriedades reprodutoras aos seus níveis anteriores, de uma idade mais jovem, promovendo assim o rejuvenescimento.

Um dos fatores desconhecidos que aparentemente contribuem para a longevidade dos centenários da Rússia é o uso da terapêutica eletromagnética. Pouco ouvimos falar deste componente naquele país, pois ele é olhado com suspeição pela maior parte dos círculos médicos. Mas em certas regiões da Europa e da Ásia, onde estão sendo revistos os trabalhos de Mesmer, Reich, Reichenbach e outros, a medicina bioelétrica está se destacando na estrutura das novas tecnologias. Cientistas que têm investigado estes campos regressaram dizendo-nos que devemos acordar com vistas a um novo campo de exploração muito excitante e de resultados comprovados.

Aaron H. Steinberg, Ph.D., realizou uma dessas missões e escreveu um provocante artigo, "Ativação da Atividade Celular pelo Eletromagnetismo", para o *Journal of Boderland Research*.

"Faz muitos anos que o conhecimento do eletromagnetismo e seus efeitos positivos sobre a vida da célula se cobre de pó e de teias de aranha nas prateleiras da ignorância, imposta por interesses especiais que temem a Verdade. Estamos agora assistindo a um renascimento, se assim se pode dizer, realizado pelos cientistas profissionais e amadores que estão reverendo o trabalho de seus predecessores e efetuando importantes progressos na aplicação mecânica dos campos magnéticos" escreve Steinberg.

Em 1969, ele foi à Rússia para ver, por si próprio, o trabalho que ali está sendo realizado com o eletromagnetismo. "Em várias casas de campo para aposentados," disse ele, "fiquei agradavelmente surpreso ao ver o eletromagnetismo usado diariamente pela maioria dos velhos. Eu diria jovens, já que muitos que afirmavam ter mais de 100 anos, pareciam ter e agir como a maioria das pessoas aos 50! O principal objetivo do E-M (Eletromagnetismo) era inverter o processo de envelhecimento por meio de uma alteração da estrutura celular. Fiquei ansioso para comprar um dos dispositivos usados, mas, infelizmente nenhum estava à venda."

"Procurem e verão que esta tem sido uma das minhas características dominantes. Assim, quando soube que o Japão estava realmente adiantado neste campo, e que vinha usando este equipamento desde 1936, resolvi ir até lá em 1970. Procurei a companhia mais empreendedora neste terreno. Eles foram muito bondosos e cooperativos. Fui apresentado a vários cientistas que haviam realizado pesquisas muito úteis. Suas declarações apoiavam-se em fatos científicos e fiquei convicto de que eles haviam construído um excelente instrumento, bastante simples, para ser usado por quem o desejasse. Dêram-lhe o nome de *O Magnetizador*."

Steinberg comprou um magnetizador e trouxe-o para os Estados Unidos onde começou imediatamente a fazer pesquisas com o aparelho. "Posso informar", diz ele, "que depois de nove meses de experiências com o aparelho, os resultados foram os mais favoráveis. O fluxo magnético

gerado pelas bobinas pode ser medido com precisão sobre qualquer parte do corpo, determinando assim as áreas onde está penetrando, bem como onde a penetração é fraca.

"As substâncias químicas e a poluição estão certamente contribuindo para uma alteração mórbida de nossa atividade celular e do campo magnético humano. Decorrerão muitos anos antes que toda esta confusão possa ser reparada e controlada. Mas, enquanto isso, aqueles que conhecem e enxergam os sinais de perigo não irão sentar-se de braços cruzados esperando que tudo se restabeleça, o que talvez jamais aconteça. Em vez disso, procurarão aumentar sua atividade celular de modo a que a resistência natural do corpo possa atingir o máximo em ohms. Há indícios de que os centros da força da aura, conhecidos como *cháktras* ou vórtices, são estimulados pelo eletromagnetismo."

Segundo Steinberg, ele passou algum tempo discutindo esta teoria com os cientistas japoneses e aprendeu que o fluxo magnético é diferente da corrente elétrica comum, que flui apenas ao longo da superfície do corpo material. É diferente também dos raios-X, que não atravessam os ossos. Por outro lado, o fluxo magnético das ondas ultra-longas geradas pelo magnetizador penetra profundamente nos músculos, no tecido gorduroso e nos ossos, tendo um efeito intenso sobre os nervos.

"O fluxo magnético jamais provoca sensações desagradáveis no corpo, como dor ou choque, produzindo ao contrário sensações agradáveis de calor", afirma Steinberg. "Estas sensações são conhecidas como Calor de Joule, que fortalece a função da célula, corrige os espasmos e as inflamações. Quando o fluxo magnético atravessa os tecidos, cria-se em torno das linhas de força magnética nas células do tecido uma corrente secundária chamada corrente parasita, a qual ioniza o protoplasma e rejuvenesce o tecido em consequência da ativação do metabolismo. Além disso, no processo de penetração dos tecidos, o fluxo magnético atua aumentando as secreções hormonais. Estas mantêm a juventude fornecendo energia como resultado da normalização da função dos órgãos internos... O fluxo estimula fortemente as substâncias magnéticas do sangue como o ferro. Consequentemente a hemoglobina se desloca mais ativamente nos vasos sanguíneos acompanhando a circulação linfá-

tica quando se liga o Magnetizador. O efeito terapêutico não é limitado mas coletivo, eliminando assim a fraqueza constitucional."

Os pesquisadores neste campo sustentam que as forças eletromagnéticas *devem* influenciar a taxa de vibração do tecido. Os Drs. Abrams e Drown insistiam em que os tecidos estão saudáveis quando sua frequência vibratória atinge o ponto ótimo. Quando a frequência decai ocorre a doença. Abrams e Drown achavam que se se pudesse *transmitir* com a frequência correta de vibrações eletromagnéticas os tecidos ou órgãos doentes usariam a força para aumentar sua frequência vibratória e que então se processaria a regeneração. No entanto, hoje, alguns cientistas acreditam que o conceito e o esquema de Abrams e Drown era muito limitado pois, segundo eles, era necessário saber qual a frequência de vibração do indivíduo, ou de um órgão, antes de instituir o tratamento. Por outro lado, se se empregar um amplo espectro de vibrações, como o obtido com o oscilador de ondas múltiplas, uma das ondas produzidas corresponderá à do tecido ou do órgão e o tratamento pode ser feito. De qualquer modo, isto é uma teoria, e o crescente número de casos estudados confirmaria ou não a sua validade.

É necessário um grande trabalho de pesquisa antes de se chegar a uma conclusão quanto ao valor das pirâmides no campo da bioelétrica. Nem desejaríamos indicar o contrário. Não obstante, a exploração superficial e informal das forças da pirâmide feita até hoje nos dá motivo para cremos que estamos tratando com uma estrutura capaz de produzir campos de energia semelhantes ou idênticos aos gerados por outros instrumentos eletromagnéticos; a conservação das substâncias orgânicas, impedindo sua deterioração; a aparência jovem da pele tratada com água da pirâmide; as propriedades curativas; os estranhos estados de consciência subjetiva, etc. Nossa hipótese é que quanto mais aprendermos sobre os campos de energia, quanto mais compreendermos as pirâmides, e quanto maior for o nosso conhecimento das forças que atuam dentro delas, mais poderemos contribuir para as teorias sobre os campos de energia.

Há mais de 50 anos um cientista inglês, A.E. Baines, declarava num artigo intitulado *A Origem e o Problema da Vida* que pelo menos três coisas lutam contra o pro-

longamento da vida num estado de vigor. Uma é a degeneração física; outra a gradual falência da força nervosa; e a terceira a queda da produção de certas glândulas que vitalizam o corpo e o cérebro.

"Temos, então, de tratar com deficiências, força nervosa deficiente e, talvez, isolamento deficiente, este último implicando em particular o funcionamento efetivo de certas glândulas que podem receber um suprimento normal de energia mas que, por motivo de um isolamento deficiente, deixam de retê-la, ou não a utilizam completamente," dizia Baines. E continuava: "Isto não é tudo. Os impulsos que estimulam e ativam nossas glândulas passam do cérebro através do sistema secretório e se não forem utilizados ou retidos exigem novas quantidades do cérebro para substituir a que foi desperdiçada.

"Antes de mais nada, exigimos um meio de gerar a força nervosa a fim de podermos supri-la. Durante anos ouvimos falar de uma nova força chamada ódica ou psíquica por Sergeant Fox e Sir William Crooks, respectivamente. Ela tem sido associada na mente da maioria das pessoas com as forças ocultas, provavelmente porque ninguém jamais conseguiu demonstrar satisfatoriamente sua natureza, seu valor para a humanidade, ou mesmo desenvolvê-la. Há razões para crer que os antigos egípcios sabiam fazê-lo, e não fosse o incêndio da biblioteca de Alexandria, talvez este segredo houvesse sido revelado antes da era cristã. Adquirir o conhecimento da nova força, que chamei vítica, de um modo muito curioso. Anos de permanência no Egito despertaram em mim um interesse pela egiptologia, interesse que, quando retornei à Inglaterra, me levava freqüentemente às galerias do Museu Britânico.

"Nos tempos antigos da grandeza do Egito, o conhecimento científico estava confinado às comunidades sacerdotais, e elas o mantinham isolado do mundo exterior e do povo letrado por um véu de elaborado simbolismo. Parece mesmo que já havia sido iniciada a busca do Elixir da Longa Vida. Assim, quando reparei que a estátua de um dos sacerdotes segurava um cilindro numa das mãos, fiquei curioso e resolvi investigar. Que o Faraó reinante estivesse igualmente equipado sugeria apenas uma razoável concessão por parte da classe sacerdotal, e de modo algum negava a suposição de que os cilindros

ou varas curtas tinham algum objetivo ou função de importante natureza do qual eram um símbolo.

"A estátua mais notável, uma figura de calcário pintado, data de cerca de 3.700 A.C., e é uma personagem real chamada An-Kheft-Ka, que é vista segurando uma vara em cada mão, muito semelhantemente ao modo pelo qual um corredor segura um bastão. Na minha opinião, conforme já disse, estas varas simbolizavam algo; mas o quê? Certamente não o poder; pois isto, da parte das comunidades sacerdotais acarretaria um desastre nas mãos de um faraó ciumento e insensato. Qual era a tônica do caráter do antigo egípcio? Talvez a sensualidade; mais provavelmente a virilidade; pois a sensualidade não se anunciaria tão abertamente. Esta foi a conclusão a que finalmente cheguei. Uma cuidadosa pesquisa junto às autoridades do museu revelou o fato espantoso de que nada se sabia sobre o objetivo ou significado das varas. Elas não tinham nenhuma informação a respeito.

"Seguiram-se anos de experiência no esforço de descobrir algo que atuasse benéficamente sobre o sistema nervoso quando seguro na mão. Finalmente isto foi descoberto no carbono. O carbono duro, como o que é empregado nas lâmpadas de arco voltaico, libera uma certa quantidade de força que, segundo nos ensinou a experiência, não se distingue da força nervosa. Mas se o carbono for tratado de um modo que provoque uma violenta perturbação em suas moléculas e depois endurecido especialmente, a força emanada é grandemente aumentada, e a vara se transforma numa verdadeira fonte de energia, energia capaz de ser tão rapidamente absorvida e armazenada pelas células ganglionares unipolares que uma carga de cinco minutos continua efetiva por, pelo menos, doze horas."

Escrevendo sobre a hipótese de Baine de que uma onda elétrica não é simples mas sim composta, o Dr. White Robertson afirmou em seu livro, *Eletropatologia*, publicado em 1918: "Que uma segunda alternativa não está muito longe é sugerido pela recente descoberta de Baines de que, aplicando-se um processo especial de endurecimento ao carbono usado no arco voltaico, descobriu-se uma nova força existente no carbono alterado e que pode ser dirigida para o corpo e nele ser armazenada por um período de várias horas, bastando para isso segurar o pedaço de carbono na mão, daí resultando que os

desvios galvanométricos subnormais são enormemente aumentados; e já tivemos oportunidade de observar satisfatórias alterações nos casos de esgotamento nervoso aparentemente aumentando a carga nervosa através desses pedaços de carbono. O que é esta força não o sabemos, tampouco os eminentes cientistas e fisiologistas a quem a demonstramos. Não é magnética. E difere de uma carga elétrica pelo fato de não ser prontamente difundida mas, conforme registrada pelo galvanômetro num período de mais de doze horas, provavelmente armazenada nos gânglios unipolares do sistema nervoso."

Num artigo publicado no *The Practitioner* (O Clínico), de junho de 1914, o Dr. J. Horne Wilson escreveu sobre a descoberta de Baines: "Neste caso (surdez nervosa), posso dizer que uma vara de carbono, que tem sua estrutura molecular alterada do mesmo modo que a do ferro quando é convertido à condição de imã, possui um efeito notável sobre o desvio elétrico do corpo. Se mantido na mão direita, produz um desvio para o lado positivo da escala (no galvanômetro), e para o negativo se conservado na mão esquerda. Se posto em contato com o lado direito do corpo por cinco ou dez minutos, produz desvios fortemente positivos, de corpo para corpo, e exatamente o efeito contrário se mantido do lado esquerdo do corpo. Não pretendo, no momento, dizer que força é esta, porém ela tem influência marcante nas condições elétricas do corpo, se bem que nenhuma influência direta sobre os terminais do galvanômetro. É evidente que carrega o corpo com uma força semelhante à energia nervosa, já que é retida por um período muito mais longo que o da eletricidade."

E no número de 25 de julho de 1914 do *Medical Times*, Wilson escrevia: "Esta forma de energia normaliza as correntes nervosas. Mantido na mão direita, o bastão atua como um estimulante sem nenhum efeito depressivo posterior, e na mão esquerda como sedativo. Em geral o sistema nervoso se beneficia sob seu efeito estimulante; a fadiga mental rapidamente desaparece, e situações mórbidas como a neurastenia, insônia e fraqueza cardíaca rapidamente cedem a ela.

"O segundo cilindro visto na mão esquerda de An-Kheft-Ka tinha provavelmente menor importância e não era da natureza do carbono, já que isto teria neutralizado a carga. Era, tenho poucas dúvidas, feito de um pedaço

de ferro magnético. O magnetismo aplicado ao lado esquerdo do corpo estimula a ação do coração, mas somente enquanto o corpo permanece dentro do campo magnético. As propriedades do minério de ferro magnético — e talvez estas propriedades — eram conhecidas dos antigos chineses, e também dos primitivos gregos que, é mais do que provável, adquiriram seu conhecimento dos egípcios.

"Se se mantiverem dois bastões, o de carbono na mão direita e o do ímã permanente na mão esquerda, o efeito se acentua; mas enquanto a carga conferida pelo carbono dura cerca de doze horas, a exercida pelo ímã desaparece assim que ele é afastado."

O relato de A.E. Baines deixa muito a desejar. Ele ajudaria se soubéssemos a que seus "anos de experiência" mais especificamente se devotaram e por que *acidente* a força foi descoberta no carbono, e como foi que ele determinou que o carbono do arco voltaico emite "uma certa quantidade de força que não se diferencia da força nervosa." Ajudaria também saber qual seria o tratamento preliminar do carbono, e o que ele quis dizer com processo de "endurecimento especial". Não recebemos nenhuma informação sobre como ele sabe que esta força é então aumentada e armazenada pelas células ganglionares unipolares. Parece que o Dr. Robertson aceitou as declarações como efetivas, embora sem fornecer qualquer outra informação. No entanto ele ofereceu várias conclusões tiradas de suas próprias pesquisas. A informação proporcionada pelo Dr. Wilson em seus dois artigos provém aparentemente de seus próprios estudos e pesquisas.

A evidência objetiva parece limitar-se às leituras do galvanômetro. Através dos anos, a Fundação para Pesquisas das Ciências Fronteiriças reuniu vários relatórios sobre os resultados benéficos da utilização dos bastões. Contudo, não podemos ignorar que talvez a sugestão tenha sido capaz de desempenhar um papel importante. Todos os esforços têm sido empregados na maioria das experiências para reduzir ou mesmo eliminar a influência da sugestão, mas o bom senso nos diz que não se podem tirar conclusões definitivas. Seria necessário verificar mais profundamente se os desvios galvanométricos, tanto normais quanto subnormais, são intensificados pelo uso dos bastões de carbono. É necessário também

determinar se os efeitos se limitam apenas ao carbono ou se podem ser obtidos resultados semelhantes com o emprego de varas ou bastões feitos de outros metais, e com e sem os ímãs. Além disso, é preciso verificar a afirmação de que a força ou energia pode ser armazenada no corpo por várias horas depois de usadas as varas.

Mesmo que estas experiências sejam verificadas e se determine que um certo campo de energia, com o uso dos bastões, penetra no corpo e nele fica armazenado, ainda precisamos demonstrar o fato, baseado principalmente na semelhança entre os resultados obtidos em ambas as áreas de investigação. Um desses paralelos interessantes reside na variação dos resultados obtidos por diferentes indivíduos. Quer usando os bastões de carbono ou a pirâmide, a maioria das pessoas têm apresentado resultados benéficos. Alguns têm se queixado de que os bastões de carbono os excitam tanto que eles não conseguem dormir. E um pequeno número tem declarado que só pode permanecer dentro das pirâmides por um tempo muito curto sem sentirem dor de cabeça ou qualquer anormalidade. Em ambos os casos, aparentemente, a carga é demais para eles.

Por outro lado, um grande número de pessoas têm-nos dito que se sente vitalizada, "com mais vida" depois de passar algum tempo dentro de uma pirâmide. Não somente seus sentidos se aguçam como suas sensações parecem mais vivas.

A esposa de um homem nos contou uma história muito interessante. Ao entrar nos seus cinqüenta anos, ele construiu uma pirâmide depois de ouvir uma de nossas conferências e começou a tratar a água dentro dela. Usava esta água em suas plantas, mas começou também a bebê-la regularmente. Poucas semanas depois, sua esposa nos disse: "Acho que vou proibir Henry de beber aquela água, ou vou bebê-la juntamente com ele." Quando lhe perguntamos por que, ela confessou: "Bem, acho que ele está retornando aos vinte ou trinta anos. Há anos que ele não tinha tanta potência sexual!"

Al Manning, diretor do Laboratório de PES, em Los Angeles, relata que o autor David Sinclair passou vários minutos dentro de uma pirâmide e teve que sair porque se sentiu tonto. A estranha sensação persistiu depois que ele voltou para casa. Ele deixou de comparecer a uma festa e em vez disso resolveu dar um cochilo.

Contudo, quando acordou três horas depois, segundo Manning, Sinclair se sentia como se houvesse dormido durante dias.

Deve ser lembrado que, de acordo com nossas experiências com a germinação e o crescimento das plantas dentro das pirâmides, o campo de energia nem sempre era o mesmo. Nas experiências com o bastão de carbono, o ímã supostamente é a força que atua sobre as células do corpo e atrai o carbono. Deve ser lembrado que os ímãs colocados perto das plantas ativam o seu crescimento, enquanto que aqueles que foram colocados dentro das pirâmides parecem retardá-lo — novamente uma aparente questão de excesso de carga ou, talvez, da anulação de um campo de energia por outro.

Outra fonte que atribui aos antigos egípcios o conhecimento dos campos de energia e seus efeitos sobre o rejuvenescimento do corpo humano é o estranho diário do Conde Stefan Colonna Walewski, *A System of Caucasian Yoga* (Sistema de Ioga Caucásiano). Foi a primeira e talvez a única edição do diário do Conde, publicado pela Falcon's Wing Press, em 1955.

No prefácio do diário o editor diz: "Em sua vida comum, o Conde Stefan Colonna Walewski era muito conhecido como colecionador e negociante de antiguidades e peças de arte oriental e antropológicas. Sua loja, Esotérica, era não só famosa no meio dos entendidos como o portão para um outro mundo, no qual a magia, os demônios e os talismãs eram tão reais quanto o metrô e os anúncios luminosos. O Conde acreditava piamente que atraía esses objetos por uma espécie de magnetismo superior, que ele sabia como funcionava; e sua incomparável coleção parecia confirmar esse ponto de vista.

"No entanto, poucos sabiam que por trás de seus conhecimentos de perito e sua constante bondade para com seus amigos — as duas características de sua vida exterior — internamente ele se dedicava com intensidade à busca dos segredos ocultos da vida. Poucos sabiam que antes da década de 1920, nas montanhas do Cáucaso, (entre o Mar Negro e o Mar Cáspio, na fronteira da Turquia com a Rússia) ele havia sido introduzido em certos segredos por dois iniciados de uma sociedade secreta muito rara, que combinava doutrinas nativas com as da Ioga e ensinamentos provindos de uma tradição mística do antigo zoroastrismo. Walewski nunca mais

tornou a ver seus mestres, e ele próprio admitia não dar nenhum crédito pessoal aos ensinamentos deles, que lhe foram passados sob juramento de não revelar sua origem. Os ensinamentos deles, recebidos em persa e russo, foram transcritos pelo conde de um manuscrito para o seu caderninho de notas, com o qual chegou aos Estados Unidos na primeira vez que veio a este país integrando uma missão diplomática polonesa. O inglês da transcrição é claudicante e a ortografia, não raro, incorreta, já que, naquele tempo, o Conde Walewski não conhecia muito bem o inglês."

Neste diário acha-se o seguinte: "IX I. Arcano. Recarregando a energia nervosa. Método usado no antigo Egito para fortalecer as correntes de energia dentro do corpo. Era visto nas figuras, fazendo o segundo exercício do Mestre Arcano. Dois bastões seguros nas mãos de figuras que estavam de pé eram repositórios de tremenda força, semelhante à eletricidade (eletricidade secundária), os quais quando seguros nas mãos liberavam esta energia para dentro do corpo, para ser armazenada nos gânglios unipolares e no fluido espinhal, elevando de 100% o potencial de energia, e durando um dia e uma noite, 24 horas."

Novamente, a importância desta informação parece residir, para os pesquisadores das pirâmides, em saber até que ponto os antigos egípcios conheciam e entendiam a natureza dos campos de energia. Se sabiam como produzir e utilizar estas forças, então não é irrazoável admitir que na maior de suas realizações — a Grande Pirâmide — eles tenham feito uso desse conhecimento.

9. A VOZ DA PIRÂMIDE

Sir W. Siemens, inventor britânico, parou em pé, no alto da Grande Pirâmide de Gizé, observando as centelhas saltarem dos dedos erguidos do seu guia árabe. Ele afirmou que o fenómeno produziu um ruído sonoro bem perceptível. Há mais de 200 anos, Nathaniel Davidson, cônsul-geral da Inglaterra na Algéria, ficou na Grande Galeria da Grande Pirâmide e percebeu a estranha ressonância da reverberação dos ecos de sua voz.

Aparentemente a presença do som não se limita à Grande Pirâmide de pedra. Vários indivíduos nos têm dito que ouviram sons estranhos enquanto estavam dentro de modelos de pirâmides. Os relatos variam já que as experiências afetam as pessoas diferentemente, porém, a maioria mencionava uma espécie de *tilintar distante* ou de *eco*. Os sons pareciam corresponder a impressões de *formigamento* ou *vibração vinda de dentro*. Descobrimos que outros experimentadores de pirâmides obtiveram resultados semelhantes.

Podem-se evidenciar que a pirâmide (a forma piramidal) atua como ressonador sonoro e que aparentemente produz vibrações benéficas pelos efeitos paralelos das experiências feitas com o som e as cópias de pirâmide. Sons musicais têm sido usados, ao que parece, para produzir curas, alterar substâncias materiais, e influenciar o crescimento das plantas, e os indivíduos submetidos à força das pirâmides experimentam metamorfoses semelhantes. Aparentemente as ondas sonoras são uma forma de energia e a energia afeta as células.

Acha-se que o som era o elemento fundamental do princípio da cura usado pelos antigos, inclusive os egípcios.

cios, que utilizavam os cantos e instrumentos de som para manipular os campos de energia e promover o equilíbrio do corpo. Pitágoras ensinava que o som era uma força criadora e que a música tinha efeitos benéficos sobre o organismo. Ele afirmava que havia aprendido isto nas escolas de mistérios do Egito. Se o som era tido em tão grande conta, pelos egípcios parece razoável admitir que eles tenham incorporado este princípio na mais imponente de suas estruturas, a Grande Pirâmide.

Aparentemente as vibrações sonoras estavam associadas à criação, quer do mundo, quer dos tipos individuais da vida. "No início era o Verbo." O Verbo tem sido traduzido de vários modos desde o Logos, a lei, ao padrão arquetipo, etc. Filo escreveu: "Sua imagem é o Verbo, forma mais brilhante do que o fogo... O Logos é o veículo pelo qual Deus atua no universo e pode ser comparado à fala do homem." As traduções parecem indicar mais a importância da vibração do que o significado das palavras.

Um estudo das culturas antigas revela que os curandeiros chineses empregavam pedras cantantes em seus rituais. Eram elas finas placas de jade que, quando golpeadas, emitiam sons musicais. Chamavam-nas de o Grande Som da Natureza, *Kung*, que corresponde à nossa nota musical lá. Os Sufis consideram *Hu* como o som criador. Os tibetanos consideram as notas lá, fá sustenido e sol como poderosos sons sagrados. O som de *AUM* é bem conhecido das pessoas familiarizadas com os cânticos usados na meditação. O nosso *Amém* cristão deriva do antigo *AUM*, que representava todos os sons que a voz humana era capaz de expressar, sendo, portanto, associado com o princípio criador do universo.

As antigas escolas de mistérios associavam o ritmo com o corpo, a melodia com as emoções, e a harmonia com a elevação da consciência ao nível espiritual. É interessante notar que foi depois de se concentrarem interiormente, esforçando-se por elevarem sua consciência, que as pessoas que ouviram sons ou experimentaram vibrações dentro de uma pirâmide dizem que isto aconteceu.

A mulher que há muitos anos me (Schul) iniciou nas pesquisas metafísicas tornou-se o maior expoente do emprego do som com propósitos curativos. Laurel Elizabeth Keyes, escritora e conferencista de Denver,

criou um sistema de usar as vozes para restaurar o equilíbrio do organismo. Ela o chama de *entonação* e a ele se refere como a *última palavra*, outrora usado pelos antigos médiums curadores.

Quando visitávamos recentemente seu retiro nas montanhas do Colorado, ela nos disse: "Nós criamos com palavras e sons. Quase todas as nossas ações e reações resultam de palavras. Em geral admite-se que não somos capazes de pensar sem palavras ou símbolos, e que nosso pensamento está limitado a eles. As palavras são instrumentos. É importante termos uma boa coleção às nossas ordens. Por baixo destas palavras acham-se as vibrações do som sobre o qual elas caminham. O som é a força subjacente que opera em nossas vidas. Compreender isto aumenta nossa capacidade de criar o que desejamos e de dar forma e substância às idéias em nossa mente. Eu acredito que o som é o ponto de encontro do abstrato e da idéia manifestada."

A prática da entonação ocorreu à Sra. Keyes um dia, depois que um grupo de estudo se retirou e ela estava sozinha na sala, desfrutando da quietude que se seguia àquelas reuniões. "Experimentei uma sensação no meu peito e na minha garganta, como se uma força estivesse crescendo, querendo ser liberada na forma de som. Era uma sensação capaz de fazer uma pessoa começar a cantar — sem razão aparente." (É interessante notar que várias pessoas sentiram essas mesmas sensações quando se achavam sentadas dentro de pirâmides.)

"A sensação crescia e diminuía, sem que eu fizesse nada para provocá-la," continuou a Sra. Keyes. "Ela possuía vontade própria e um aparente desejo de se expressar. Era uma experiência estranha, observar e sentir aquilo, sem fazer qualquer esforço para controlá-la. Senti que meus lábios se separavam, que minha boca se abria fácil e descontraidamente. Sem que eu esperasse, brota um som, e saiu apenas uma sílaba: *Ra*. Eu não poderia ter ficado mais atônita. Eu não usava termos egípcios, e em nossa reunião de estudos não havíamos tratado daquela cultura. O que me espantava era o fato de o som haver assumido aquela forma, como se um idioma estrangeiro pudesse ter saído de minha garganta. Eu o compararia a um pássaro que tivesse ficado preso a vida inteira e de repente encontrasse a porta da gaiola aberta."

"Eu não respirei fundo, como uma cantora, porém a nota se sustentou como se apoiada por uma força limitada. E atingiu uma altura que normalmente eu não teria conseguido, já que minha voz é um tanto grave.

"Concluí que eu devia ter passado por um estado de meditação, e assim gravei o som para avaliá-lo mais tarde de um modo mais racional. Quando ouvi a gravação no dia seguinte, espantel-me. Aquela não era a minha voz. Ela pertencia ao meu corpo, porém eu jamais havia sido capaz de usá-la daquela maneira antes."

A Sra. Keyes, que estudou com vários professores ocidentais e orientais, verificou que a entonação surge de súbito através de restrições mentais e das tensões liberadas. No entanto, ela descobriu que a entonação proporcionava mais do que isto. De cada vez que ela entoava, seu corpo se sentia aliviado; havia uma sensação de unidade e perfeição e de extremo bem-estar.

Intrigada com os resultados, a Sra. Keyes procurou uma amiga que possuía o dom da clarividência e já havia feito diagnósticos corretos de várias doenças e pediu-lhe que observasse a expressão da voz do corpo. A mulher viu o som como uma força de movimento de redemoinho. Ela parecia arrancar correntes magnéticas da terra, as quais penetravam pelos pés e pelos membros, e se elevavam numa espiral de luz até à zona da garganta.

"Quando eu deixava o som sair, sem tentar controlá-lo, parecia que ele limpava todo o meu corpo, liberando de tensões as áreas congestionadas. Depois o corpo experimentava uma sensação de equilíbrio, como um motor que foi retificado ou um violino que foi afinado. A amiga clarividente notou que se eu tentava dirigir o som antes de ele se libertar, a força refluiu para a área do plexo solar, onde se condensava em sensações que eu podia interpretar como frustração, ansiedade e aborrecimento."

Seguindo sua recente descoberta da idéia-som através de outras culturas como a grega, egípcia, persa, hindu, indo-americana, e de outros povos primitivos, a Sra. Keyes verificou que ela se relacionava com os mais antigos métodos de cura, em cujos rituais duas coisas prevaleciam: o som ou o canto, e os movimentos rítmicos do corpo, quer na forma de dança, quer batendo com os pés para marcar o compasso.

Teorias científicas criadas recentemente segundo as linhas da teoria dos campos têm apoiado o conceito da Sra. Keyes de que todo ser vivo possui um campo que contém um padrão de perfeição para sua manifestação. Para uma flor, o modelo acha-se na semente, o de um pássaro, no ovo. A interferência no campo altera o padrão, daí resultando as doenças e as deformações.

Ela explica que, à medida que o som sai, reúne substâncias do mundo que o cerca, formando algo muito tangível como as partículas de pó muito finas que se arranjam em modelos criados pelas correntes de ar de uma fornalha ou de uma janela. Quando se espalha açúcar ou areia muito fina sobre a pele de um tambor e se os põe em contato com as vibrações provindas de um violino ou de um piano, os grânulos formam desenhos geométricos, prova de que o som é capaz de mover a matéria e as vibrações provocarem alterações na estrutura molecular.

"A voz se constitui de vibrações," declarou a Sra. Keyes. "Daí se segue que a maneira pela qual usamos nossa voz é talvez o fator mais importante para afetar a estrutura molecular de nosso corpo. As vozes lamentosas atraem condições negativas. Verifiquei que as pessoas que falam assim raramente estão livres de problemas. Um indivíduo cuja voz é hostil, em tom de censura, parece atrair acidentes, derrames cerebrais, e enfartes. Fazendo-se com que uma pessoa altere o seu tom de voz, ela começa a mudar sua vida. Cheguei à conclusão de que, se a força de vontade é controlada pela mente subconsciente, o uso consciente da voz se evade do seu controle e faz com que a vontade seja usada como a mente quiser."

Para relaxar a tensão e estimular a circulação e a energia nervosa no corpo, a Sra. Keyes acha que a entonação é um método natural de cura. Ela libera um padrão de perfeição dentro de cada pessoa. Estes conceitos se equiparam intimamente aos propostos por Reich em relação à energia orgônica, às idéias sobre os osciladores de ondas múltiplas, às das baterias de pilhas úmidas de Edgar Cayce, às teorias do Dr. John Pierrakos, e aos relatórios sobre a influência da força da pirâmide.

A fim de melhor compreender por que os pensamentos e as emoções afetam o corpo, a Sra. Keyes se reporta

A estrutura coloidal descrita no capítulo sobre a cura). Ela aponta que desde o átomo, até a molécula e o colóide, estamos tratando com uma forma de energia facilmente influenciada pela vibração. Ela acredita que a entonação, o canto, a oração verbal, a eletroterapia e o uso consciente da voz de modo calmo e confiante conferem uma carga positiva necessária às milhas de superfície coloidal do indivíduo.

Notável exemplo da eficiência da entonação é o caso de uma mulher que sofria de mononucleose e fora enviada para casa. Estava convencida de que iria morrer. "Estava de cama e tão fraca que lhe era difícil até falar no telefone," disse a Sra. Keyes. Ela explicou a idéia da entonação para a mulher e pediu-lhe que repetisse frases simples como "Eu vou sair da cama e fazer aquilo que eu quero," com força e de maneira positiva.

"Mais força," disse-lhe a Sra. Keyes e, por fim, já um tanto aborrecida, a mulher respondeu: "Vou forçar minhas palavras a saírem."

A partir daquele momento, lembra a Sra. Keyes, foi como se a força houvesse passado da polaridade negativa para a positiva. No dia seguinte, a mulher não apenas havia se levantado da cama, como estava fazendo o trabalho de casa. No terceiro dia foi de carro a uma cidade próxima a fim de ouvir uma palestra. A doença não voltou. Aparentemente, a mudança do seu padrão de voz iniciou a transformação do seu estado de saúde.

Nem sempre, porém, o problema se encontra na área da dor. Uma demonstração de que a Sra. Keyes se lembra foi a de um homem que se ofereceu para curar-se de uma dor de cabeça. "Ele vinha sofrendo de enxaquecas cada vez mais intensas e frequentes," lembra ela. "Eu comecei a entonar aos seus pés, e à medida que o som se movia para cima, dirigi-o para dentro de sua perna, em torno de seus quadris e pelas costas até à nuca, e dali finalmente para dentro de sua cabeça. Mas não pude conservar o som na área da cabeça porque ele não passava por um ponto *resistente* num de seus pés.

"Desculpe", disse-lhe eu, "mas parece que o problema está no seu pé esquerdo."

"Não tenho nada de mais com meus pés", insistiu ele.

"Por favor, sente-se e faça pressão sobre o arco interno de seu pé. Isto está me intrigando muito."

"Ele sentou-se. Estava usando sandálias chatas, de sola dura. Começou a experimentar a arcada do pé e soltou um grito. 'Ei! Isto está machucado'.

"Tratava-se de um homem pesado, e aquele tipo de sandália não lhe dava suficiente apoio para a arcada do pé. Tendo encontrado a origem da dor, fizemos o som passar por todo o caminho até em cima, e ele achou que a dor de cabeça estava melhorando. Em pouco tempo ela havia desaparecido.

"Quando faço demonstrações desta técnica," acrescentou a Sra. Keyes, "não é em absoluto para dizer que sou uma médium curadora. É apenas para convencer as pessoas de que o som que elas produzem pode ter efeito sobre seus corpos."

Uma das primeiras demonstrações da Sra. Keyes foi feita com uma jovem que parou em Denver, sentindo-se muito mal para continuar seu vôo até Nova York. Segundo a Sra. Keyes, a jovem estava resfriada, com o pescoço muito rígido, muito fraca e incapaz de comer há vários dias. Tinha também uma violenta dor de cabeça.

"Duas de nós resolvemos entonar para ela durante cerca de quinze minutos. Eu estava de pé, com as mãos unidas sob o queixo como numa oração. A medida que eu entoava, sentia como que uma força invadindo minhas mãos, e então disse para a mulher: Peça o que você quiser, mas tenha certeza de que quer mesmo. Sinto que lhe será concedido.

"A mulher não abriu os olhos. Murmurou: 'Quero livrar-me desta doença e do que quer que seja que a provocou.' Então abri minhas mãos com as palmas voltadas para ela. Ela teve uma convulsão na cadeira como se houvesse recebido um choque. Sentou-se bem ereta e perguntou: 'O que aconteceu?'

"Nós não pudemos responder. Estávamos de boca aberta, surpresas demais para falar. Uma das coisas que me ensinaram foi não me deixar tomar pelo medo, faça o que estiver fazendo. Se assim não fora, teríamos ficado assustadas, mas nos limitamos a ficar observando. A mulher endireitou-se, virou a cabeça de um lado para o outro, espantada. Mas está livre; e não sinto mais dor.

O que aconteceu? Estou me sentindo maravilhosamente bem.' Depois levantou-se, andou pelo quarto, sempre dizendo: 'Estou me sentindo maravilhosa. Não posso acreditar! Eu não creio em milagres. Isto não pode ter acontecido, mas eu me sinto maravilhosa, jamais me senti tão bem assim. E estou com fome.'

"A jovem disse que se sentia como se estivesse andando no ar. Nós a levamos de carro até o aeroporto e, enquanto esperávamos seu avião, ela pediu um luto almoço e comeu-o com prazer. Mais tarde ela nos contou que aquela sensação persistiu pelo resto do dia e até o dia seguinte quando, depois de terminar seu trabalho no escritório, voltou a sentir-se em seu estado normal. Todos os sintomas da doença tinham desaparecido."

Há quem tenha sugerido que se alguém entonar, fazendo o som ressoar numa área específica do cérebro que controla a parte diante do corpo, pode-se corrigir a anormalidade por este meio, uma espécie de sonacupuntura do cérebro.

A Sra. Keyes acredita que, quando se tem uma dor no corpo, deve-se começar por entoar tão baixo ou grave quanto o permita a voz, elevando pouco o som, como acontece com uma sirene.

"Assim se verá que existe um som que ressoa com a dor e alivia a tensão," declarou a Sra. Keyes. Tudo isto é feito procurando perceber a sensação. Para ter uma idéia, coloque o seu dedo contra seu nariz e comece a zumbir, dirigindo o som para o local desejado. Note a sensação. Embora esta não seja tão definida em outras partes do corpo pode ser determinada, e aí está o som que aliviará a dor. Toda dor, ou todo sofrimento, tem um som que a acompanha e — fazendo pulsar o som suavemente durante um certo tempo — será aliviada ou eliminada. O som constitui uma válvula de escape para a dor porque quebra a tensão que rotulamos de *dor* e traz nova energia vital para o lugar afetado por ela. É uma mensagem de sonar interior.

"Muitas vezes, durante palestras públicas, tenho pedido a alguém da assistência, que esteja com um sofrimento, que se aproxime e me permita demonstrar esta técnica. Enquanto fico de pé, encarando a pessoa com os olhos fechados e concentrando-me em sentir o som, começo a entoar muito devagar e baixinho, deixando

que o som percorra todo o corpo. Quando o som retorna da área afetada para mim, eu o sei. É uma sensação indescritível — pegajosa, espessa. Não existe uma palavra adequada para isto, porém é bem perceptível. A fim de ajudar a pessoa a se concentrar na região exata da perturbação eu lhe pergunto se o som lhe parece mais confortável numa tonalidade mais alta ou mais baixa. Faço então com que o som pulse de maneira rítmica até meu corpo suspirar. Atinjo então uma nota alta com a intenção de energizar a própria fonte de energia da pessoa, e deixo que o som corra para baixo, fluindo através do corpo, talvez duas ou três vezes."

Para praticar a entonação, aconselha a Sra. Keyes: fique ereto, com os pés afastados algumas polegadas. Estenda os braços bem alto e deixe-os cair, com os ombros balançando sobre a espinha em perfeito equilíbrio. Os olhos devem estar fechados. Comece então a olhar para dentro e sinta. Para neutralizar a tendência comum de ceder e curvar-se para a frente, o torso deve manter-se bem plantado sobre a estrutura pélvica, com os ossos dos quadris ligeiramente proeminentes. Ficar em posição ereta não provoca cansaço mas, pelo contrário, confere uma sensação de bem-estar, de relaxamento.

"É natural, para o corpo, ser mantido numa posição rígida," afirmou a Sra. Keyes. "Permita que ele oscile ligeiramente para experimentar a sensação das pulsações da vida que existe dentro dele."

"Experimentando este processo mágico da sensação da vida dentro e em torno de você, deixe que o corpo fale", declara ela em seu livro sobre a entonação, *Toning — The Creative Power of the Voice* (Entonação — O Poder Criador da Voz), publicado por De Vorss & Company. "Descontraia os maxilares de modo que os dentes fiquem ligeiramente apartados; deixe que o som sala por entre eles, não para baixo, mas para cima, vindo desde seus pés. Deixe o corpo gemer. Encoraje-o a vocalizar. Comece sempre com gemidos graves.

"Deixe o corpo emitir gemidos tanto tempo quanto lhe aprouver. Você pode pensar que não tem nada por que gemer ou suspirar, mas ficará surpreso. Todos os males que você recebeu acham-se sepultados no seu subconsciente, e suspirando você lhes oferece uma oportunidade para que se libertem. Uma vez aberta a porta, os

sentimentos reprimidos começam a sair. Os gemidos podem surgir na forma de protestos, ou a voz pode sublimar-se como o canto de um pássaro ou espontâneas explosões de adoração ou oração.

"Aconteça o que acontecer, não permita que seja influenciado pela mente", adverte a Sra. Keyes. "Faça com que o som seja obediente; fique calmo. Observe, aprenda algo sobre este corpo do qual você, como consciência, é apenas um hóspede.

"A sessão pode durar apenas dez minutos mas, quando o corpo se sentir purificado, escapar-se-á um suspiro, e você saberá que a voz do corpo está satisfeita. O suspiro involuntário é o sinal. Você se sente bem, como se tivesse realizado algo que lhe proporcionou a união num todo harmonioso.

"Assim que o suspiro é emitido e se completa a purificação naquele momento, deve-se oferecer qualquer coisa para encher a taça que se esvaziou. Se possível, sente-se uns instantes e desfrute de um livro que lhe dê inspiração. Faça o que fizer depois disso, você terá a certeza de que *fixou a luz dentro de si por todo aquele dia.*"

A sugestão de Laurel Keyes para oscilar "a fim de experimentar a sensação das pulsações da vida" pode ser um movimento natural das várias formas de vida correspondentes às vibrações da energia ou ao que alguns cientistas têm chamado de "música dos hemisférios".

Fizemos experiências sobre a influência dos sons musicais nas plantas dentro das pirâmides. A Sra. Keyes mostrou que o som pode ser construtivo ou destrutivo. Este conceito corresponderia às experiências realizadas com as intensidades dos campos de energia — descritas noutra parte deste livro — onde as forças podem ser benéficas ou prejudiciais dependendo de sua intensidade. Isto parecia ocorrer quando colocávamos um oscilador dentro de uma pirâmide com uma placa de condensador junto a uma planta. Ao se produzirem 7.000 ciclos por segundo, a planta junto da placa parava o movimento oscilatório. Outra planta, não alinhada com a placa do condensador, mas também dentro da pirâmide, continuava a girar, porém mais lentamente. Quando o som era reduzido para 500 ciclos por segundo, a planta perto da placa ainda continuava imóvel mas a segunda planta começava a girar com uma amplitude duas vezes maior

do que antes de o som ser produzido. A frequência era elevada, então, para 1.000 ciclos por segundo, e enquanto a primeira planta ainda continuava num estado de animação suspensa, a segunda atingia o seu movimento ótimo, de acordo com nossos filmes de tempo. Parece que os 1.000 ciclos eram a frequência *correta* para a segunda planta. No entanto, em vez do som musical ser por demais intenso para a planta imóvel, conforme pensávamos de início, experiências posteriores nos levaram a crer que os fatores inibidores eram o alumínio na placa condensadora e, possivelmente, o ímã permanente no alto-falante. Para os interessados em fazer esta experiência sugerimos que coloquem o alto-falante fora da pirâmide mas de encontro a um dos seus lados para que ela vibre sem a presença do alumínio, ímãs ou circuitos elétricos no seu interior e capazes de inibir ou sobrecarregar o campo de energia.

Uma das experiências mais excitantes com a influência do som sobre as formas de vida foi realizada pela Sra. Dorothy Retallack, *mezzo-soprano* profissional e esposa de um médico de Denver. Quando completava alguns estudos no Temple Buell College, em Denver, a Sra. Retallack quis testar sua teoria de que a música tem uma importante influência nas formas vivas. Ela preferiu pesquisar com as plantas e, trabalhando com o professor de biologia Francis F. Broman, a Sra. Retallack submeteu algumas à música *rock*, tocada por uma estação de rádio local, e outras à música clássica também tocada por uma estação de rádio.

As plantas se afastaram da música *rock*, algumas fazendo um ângulo de 80°. Suas estruturas radiculares eram superficiais e também fugiram da música. Os caules e as folhas eram pequenos, frágeis, e algumas morreram poucos dias depois de iniciado o *tratamento*. Por outro lado, as trepadeiras de abóboras se enlaçaram em torno do rádio que tocava música harmoniosa, clássica ou religiosa. Seis encantadores botões apareceram nas petúnias. As raízes de todas estas plantas estavam vigorosas e as plantas grandes e fortes.

Excitada pelos resultados, a Sra. Retallack continuou com as experiências por mais um ano. Ela ampliou o escopo de sua pesquisa, examinando cuidadosamente todas as variáveis possíveis entre as plantas de experiência e as de controle. Fotografos da revista *Empire* e do

Denver Post fotografaram o crescimento das plantas e confirmaram seus achados.

Visitamos a Sra. Retallack durante uma viagem a Denver. "Não posso deixar de crer", disse-nos ela, "que minhas experiências têm um maior significado do que apenas um estudo sobre o crescimento das plantas. É mais uma prova do inter-relacionamento de todas as formas vivas. O que acontece com as plantas não é um fato isolado, e acho que este fenômeno se aplica a todos os seres vivos. Tenho um forte pressentimento de que as futuras investigações revelarão que algumas combinações de sons harmônicos servirão para melhorar o crescimento do homem e para a cura de doenças. Minhas pesquisas encontrarão o seu lugar nas atuais experiências com os campos de energia. Temos razão para crer que os antigos estavam de posse deste conhecimento; nossa tarefa é redescobri-lo."

O Dr. Dale Kretchman, professor de horticultura na estação de Agricultura Experimental de Ohio, explica que pesquisas como as da Sra. Retallack indicam que os sons de alta frequência alteram as células dos reguladores do crescimento. O Dr. George Milstein, dentista aposentado e conferencista sobre assuntos de botânica, testou a teoria do Dr. Kretchman em condições de laboratório e verificou que as plantas tratadas musicalmente crescem mais depressa do que as de controle. Usando seu álbum de discos, *Música para fazer Crescer as Plantas*, liberado pela Pickwick International, o Dr. Milstein disse que uma planta floresceu em seis meses quando habitualmente leva dois anos para fazê-lo.

A literatura hindu está cheia de referências às plantas que reagem à música, e para testar estas lendas o Dr. T.C.N. Singh, da Universidade de Annamalai no sul da Índia, iniciou uma série de experiências na década de 1950. Ele descobriu que as sementes germinavam em um terço do tempo normal. Pesquisando meios para aumentar o crescimento das jovens plantinhas, o Dr. Singh descobriu que superdoses de ondas sonoras faziam-nas murchar, mas que, se uma determinada melodia era tocada numa determinada hora do dia, as plantas respondiam com um crescimento mais rápido e saudável; mais um progresso. A música clássica indiana tocada por flautas e violinos era a mais eficiente, e descobriu-se também que cada planta tinha sua melodia preferida.

Na opinião do Dr. Singh, a música estimula maior produção de oxigênio, de 60 a 100 por cento a mais. Como a eliminação de oxigênio pela planta é diretamente proporcional ao alimento fabricado por ela, as plantas estimuladas são capazes de sintetizar maior quantidade de alimentos do que as de controle. O Dr. Singh concluiu que o estímulo musical repetido provoca alterações positivas no arranjo dos cromossomos de certas células das plantas.

Brett L. Bolton cita o Dr. Singh em *The Secret Power of Plants* (O Poder Secreto das Plantas), dizendo: "Afim de contas, o som não é um mito, é um fenômeno físico definido, mensurável, carregado de energia como a luz e o calor, que tanto afetam o metabolismo e o crescimento da planta."

O Departamento de Agricultura do estado Indiano de Pondicherry começou, em 1958, a fazer experiências com o conceito do Dr. Singh no intuito de melhorar as colheitas. Os testes feitos com o arroz, o açúcar e a mandioca revelaram um espantoso aumento de 28 a 61 por cento nas plantações experimentais sobre as de controle. O rendimento da palha cresceu de 75 por cento.

Ouvindo falar do trabalho do Dr. Singh, George E. Smith, cientista pesquisador da Mangelsdorf Seed Company de St. Louis, resolveu testar as teorias do hindu nas estufas de sua companhia. Ele plantou vários canteiros de milho e de soja. As plantas de controle foram colocadas numa estufa sem gozarem do benefício da música e as plantas experimentais noutra estufa na qual uma vitrola ficou tocando a *Rhapsody in Blue* de Gershwin, 24 horas por dia, durante 20 dias. As plantas de Gershwin brotaram mais cedo e cresceram mais do que as de controle. A seguir, Smith realizou a experiência nos próprios campos de cultura. A *Rhapsody in Blue* juntamente com outras canções foi tocada para as plantas experimentais através de um alto-falante colocado em cima de um poste bem alto. Novamente a germinação ocorreu mais cedo, as plantas cresceram mais, e o milho tratado superou o do controle em 7 hectolitros por acre. Experiências posteriores confirmaram os resultados.

Segundo Bolton, Smith declarou que as experiências demonstraram que uma curta explosão de energia luminosa pode despertar uma planta e fazê-la até cres-

cer na escuridão. E acrescentou: "Isto, é claro, nada tem a ver com as minhas experiências, mas indica que as súbitas projeções de energia em várias formas podem provocar efeitos singulares que ainda não conhecemos muito bem."

Naturalmente, o som faz parte de um espectro de energia no qual pode muito bem haver uma vasta gama de frequências ainda desconhecidas. Embora a Bíblia e outros livros antigos se refiram ao uso do som, e os antigos gregos achassem necessário fazer música nos seus ginásios para equilibrar e temperar a mente e a alma, séculos decorreram sem que o som fosse levado a sério a não ser como prazer e comunicação verbal. Mas os faquires da Índia ainda tocam melodias para controlar suas cobras capturadas, os levantadores de peso soltam grunhidos antes de erguer o peso, os praticantes do mantra loga repetem seus cantos sem cessar, o lutador de karatê emite um grito agudo antes de golpear — tudo isto para liberar e orientar uma força energética. Provavelmente eles usam o som não porque tenham uma teoria, mas porque devem ter descoberto que o som trabalha para eles. Talvez nós, demonstrando que o som funciona com nossas plantas e pirâmides, continuemos a perguntar quando chegará o dia em que haveremos de compreender por que motivo Pitágoras, treinado pelos egípcios, insistia que em suas escolas se usassem vários tipos de música para diversas atividades. Dia a dia estão sendo reunidas cada vez mais peças do quebra-cabeças.

10. A PIRÂMIDE E OS ESTADOS

ALTERADOS DA CONSCIÊNCIA

O silêncio erguia terríveis paredes em torno de mim; eu (Schul) me sentia isolado, separado da realidade, e tocava meu rosto, minhas pernas, o chão onde eu estava sentado, para me orientar no espaço. Ele se afastava e retornava para me pressionar. O silêncio crescia, tornava-se pesado, e por fim gritava para mim lá da sua existência anti-som. Eu escutava. Todo o meu ser se transformou no verbo *escutar*. E então eu deixava de ser.

Por quanto tempo fiquei ali sentado, ao estilo loga, na escuridão, não sei. Tudo estava suspenso, mas de algum lugar surgia um fragmento de tempo e uma frincha de espaço, e eu tornava a existir. Era eu, eu me lembrava, eu sabia, e me reconstruía... eu num chão de cimento, dentro de uma pirâmide de plástico, dentro de uma construção de madeira, dentro de um jardim, dentro de um universo. Um carro passou na rua, lá fora, e não muito distante dois cães discutiam certos direitos territoriais. Eu colhia pedaços de realidade lá de fora, o carro e depois outro, os cães, rajadas de vento que sopravam fortemente através das folhas dos olmos.

Uma vez colhidos, vi que podia liberá-los e concentrar-me de novo em mim. O silêncio voltou, porém desta vez mais para repartir do que para pedir e tive a sensação de que um grande contentamento envolvia todo o meu ser. Eu era e continuaria a ser; não havia maior fonte de paz do que aquela.

Depois de algum tempo senti que havia me deslocado. Estava de pé e tinha, na minha frente, meus pés tocando sua base, a Grande Pirâmide de Gizé. Aquilo não me pareceu estranho, mas eu me senti quase domi-

nado pela imensidade da montanha. Por algum tempo fiquei pasmado, olhando para o seu vértice. Subitamente, achei-me dentro da pirâmide. Eu não me encontrava num aposento ou numa galeria e, no entanto, não parecia que eu estivesse encerrado na pedra, pois, embora definitivamente dentro da estrutura, eu ainda podia olhar para cima e ver o ápice. Com a mesma rapidez, aquela cena mudou e achei-me dentro da *Câmara do Rei*. Como se fosse uma coisa muito natural, adiantei-me para o sarcófago de pedra, deitei-me dentro dele, fechei os olhos, respirei profundamente, e aguardei. Sem abrir os olhos, tive a certeza da presença de várias entidades. Elas estavam me enviando mensagens silenciosas. Saí do meu corpo e fiquei pairando pela câmara; vi meu corpo no sarcófago, mas não tinha nenhum interesse por ele. Parecia que eu estava saindo da câmara, dirigindo-me para uma outra seção da pirâmide mas, tão repentinamente como antes, a cena tornou a mudar. Não era mais a Grande Pirâmide. Era um modelo de plástico de nove pés (2,70 m). Esta transformação me espantou; a outra cena me parecera tão real.

Lutei vários minutos com a minha decepção. Como eu tencionava passar a noite dentro da pirâmide, deitei-me na cama de lona. No entanto, não consegui dormir, tentando compreender o que me havia acontecido. Era claro que eu não dormira nem sonhara, pois eu não apresentava os sinais físicos de quem está acordando. Também tinha a certeza de que não estivera fantasiando, pois não me entregara a esta síntese mental. Naquela ocasião eu estava meditando, e a explicação mais plausível parecia ser a de uma experiência de projeção mental. Se se tratara de uma experiência fora do corpo, num certo nível, fora tão real quanto uma experiência física.

Lembrei-me do relato de Paul Brunton sobre a noite que passou sozinho dentro da Grande Pirâmide. No início da década de 1930 foi concedido ao escritor e filósofo Dr. Paul Brunton o inédito e alto privilégio de passar uma noite dentro da Pirâmide. Ele conta sua experiência em *A Search in Secret Egypt*.* Até onde se sabe, há cem anos que ninguém passava a noite dentro da Pirá-

* Publicado em português com o título de *O Egito Secreto*. (N. do T.)

mide, nem passou depois, desde que ali esteve Brunton. Disseram-lhe que não era permitido, e ele só o conseguiu depois de muito insistir. É crença comum entre os nativos da região, como os de muitas outras, que a Pirâmide é mal-assombrada. Através dos tempos vem-se contando estranhas histórias de seres que, de noite, tornam a vida e vagam pelas galerias. Aqueles que ousam permanecer ali depois do sol se pôr atraem a maldição dos faraós e se por acaso conseguem sair vivos da prova, ficam irremediavelmente loucos.

É costume fechar o portão de ferro da entrada ao pôr-do-sol, e Brunton foi informado que não lhe seria feita nenhuma exceção. Uma vez lá dentro, ele seria virtualmente um prisioneiro durante as horas de trevas. Ele avançou pelas estreitas galerias, enfrentando grandes morecos e as formas inesperadas e gigantescas de sua própria sombra lançadas pela luz de sua lanterna elétrica. Chegou à *Câmara do Rei*, sentou-se junto ao sarcófago, semelhante a um ataúde, apagou a luz, e esperou.

Conseguiu atingir um estado mental passivo, receptivo, e decidiu manter o estado contemplativo durante toda a longa noite.

A atmosfera do aposento tornou-se muito real, e ele sentiu crescer a sensação de que não estava sozinho, "de que algo animado estava pulsando com vida ... Rapidamente cresceu dentro de mim a certeza da presença de uma vida invisível à minha volta."

Brunton lutava com sentimentos de medo e de "pavor indescritível" que se agitavam em seu coração, e procurava manter a posição de meditação em que se achava no chão. "Sombras começaram a surgir de todos os lados no aposento em trevas; pouco a pouco foram assumindo formas mais definidas, e de repente surgiram vultos hediondos, tão próximos que quase tocavam meu rosto. Imagens sinistras surgiam com toda a clareza ante os olhos da minha mente. Então um vulto tenebroso adiantou-se para mim, olhou-me sinistramente e ergueu a mão num gesto de ameaça, como se quisesse me inspirar terror ..."

Parece que todos os esforços eram feitos para arrancá-lo do seu estado de vigília. "Por fim, chegou o momento culminante. Monstruosas criações elementais,

horrores diabólicos do submundo, formas de aspecto in-sano, grotesco, grosseiro e demoníaco cercaram-me, causando-me inconcebível repulsa. Em poucos minutos vivi algo de que me recordarei para todo o sempre. Aquela cena incrível permanece vivamente gravada em minha memória ...”

Mas o fim adveio com “espantosa subitaneidade”. Tudo ficou calmo dentro da abóbada de pedra. Então uma nova presença fez-se notar. O ambiente demoníaco e de agouros transmutou-se para outro de pureza e sanidade. Brunton sentiu a entrada de um ser amigo e benevolente, seguido de outro. Os dois se acercaram dele e foram vistos como figuras altas, vestidas de branco. “Na verdade, eles pareciam mais do que homens, pois seus rostos calmos e seu porte luminoso faziam-nos assemelhar-se a semideuses.”

Depois de ter sido observado durante algum tempo, Brunton foi informado de que não devia ter vindo ali, que ele devia se limitar a “seguir o caminho próprio dos mortais.” Quando ele retrucou que tinha de seguir o caminho que escolhera e que nada o faria desistir, o ser que ele comparou a um alto-sacerdote egípcio falou-lhe: “Assim seja. Tu próprio escolheste. Agora não podes mais retroceder. Adeus.”

Quando o primeiro vulto desapareceu, o outro se aproximou e disse: “Meu filho, os poderosos senhores das potências secretas tomaram-te em suas mãos. Esta noite serás conduzido à Sala do Saber.” O espectro lhe disse que ele se deitasse sobre a pedra do sarcófago, o que ele fez, sentindo-se entorpecer à medida que uma onda gelada lhe percorria o corpo vinda desde seus pés. Quando toda a sua consciência pareceu concentrar-se em seu cérebro, ele sentiu como que se houvesse sido apanhado por um tornado, que o arrastava para cima, por um estreito orifício. “Fui lançado no desconhecido — eu estava livre.”

Fora do seu corpo, “um fantasma ... mostrando-se contra as paredes de pedra à luz suave do luar”, Brunton, supostamente foi levado a outras partes da Pirâmide onde foi instruído pelo seu anfitrião. Embora fragmentos dos ensinamentos sejam oferecidos ao leitor, tem-se a nítida impressão de que houve muitos segredos que Brunton preferiu não revelar ou recebeu instrução

para não fazê-lo. Lendo os últimos livros de Brunton, principalmente *The Wisdom of the Overself* (A Sabedoria do Superego), não se pode deixar de ficar impressionado com a profundidade de sua mensagem. Fica-se então a imaginar se as mensagens daquela estranha noite estão sendo divulgadas. Brunton jamais o diz. No entanto, um dos ensinamentos que lhe foram dados, e que ele revela, pode muito bem ser a soma de todos eles: “... O mistério da Grande Pirâmide é o mistério do teu próprio ego. Todas as câmaras secretas e os antigos registros estão contidos em tua própria natureza. ...”

Ali sentado nas trevas da minha pequena pirâmide, num ambiente muito menos romântico que o de Brunton, fiquei dizendo comigo mesmo que eu estava alimentando uma grandiosa alucinação, que eu estava fazendo um drama ao querer comparar de qualquer modo minha experiência com a dele. Mas ali estava. Eu não podia apagar a intensidade e a sensação de realidade da experiência pela qual eu havia passado. Eu, também, havia penetrado em mim mesmo e onde, perguntava eu, ocorre qualquer experiência senão dentro de cada um? A experiência de Brunton não se passou na pedra, porém dentro dele mesmo; deveria a minha ser negada só porque eu me achava noutro lugar da terra e dentro de uma estrutura feita de materiais diferentes?

Com efeito, na história moderna, houve um homem que morou na sombria câmara que fica bem em cima da *Câmara do Rei*, na Grande Pirâmide. O capitão G.B. Caviglia era um homem misterioso. Na década de 1830, Caviglia viu as pirâmides da planície de Gizé e apaixonou-se pela mística. Mestre de um navio mercante maltês, ele abandonou o mar, e a Grande Pirâmide tornou-se sua nova senhora. Ele limpou a *Câmara de Davison* (assim chamada devido a Nathaniel Davison que a descobriu por volta de 1765) dos excrementos de morcego que a enchiam e instalou sua morada no aposento de 3 pés (90 cm.) de altura.

Alexander William Crawford (Lord Lindsay), que conheceu Caviglia no Cairo, descreveu o italiano como um homem profundamente religioso porém muito estranho. Crawford escreveu: “Caviglia me disse que levou seus estudos sobre a magia, magnetismo animal, etc., a um ponto que quase o matou ... ao limite, disse ele, do que é vedado ao homem conhecer, e que só se salvou

devido à pureza de suas intenções." Crawford nada mais nos diz a este respeito, e Caviglia, que morreu anos depois em Paris, não deixou nenhum registro escrito de suas experiências.

Deve-se mencionar uma outra experiência com as propriedades alteradoras da mente ocorrida na *Câmara do Rei*. Foi curta, porém pode ter alterado a história, tão grande foi o seu impacto sobre a mente do homem que, durante algum tempo, iria controlar várias nações. Em 1798, Napoleão Bonaparte conquistou o Egito. Visitou a Grande Pirâmide e, ao entrar na *Câmara do Rei*, pediu que o deixassem sozinho por algum tempo.

Peter Tompkins relata o incidente em *Secrets of the Great Pyramid* (Segredos da Grande Pirâmide). "Diz-se que, ao sair, o general estava muito pálido e impressionado. Quando um de seus ajudantes-de-campo lhe perguntou em tom jocoso se ele havia presenciado algo de misterioso, Bonaparte replicou rudemente que não tinha comentários a fazer, acrescentando depois num tom mais suave que não queria que o incidente voltasse a ser mencionado.

"Muitos anos mais tarde, quando já imperador, Napoleão continuou se recusando a falar daquela estranha ocorrência dentro da Pirâmide, insinuando apenas que tinha recebido um presságio sobre seu destino. Em Santa Helena, pouco antes do fim, ele quase confidenciou o fato a Las Cases, mas depois, abanando a cabeça, disse: "Não. De que adianta? Você não me acreditaria."

Poderíamos contar muitas outras histórias estranhas sobre experiências ocorridas dentro da Grande Pirâmide. Porém muito mais importantes para nós são os relatos pessoais dos que experimentaram algo de diferente ou incomum dentro de réplicas da pirâmide. Estas experiências são facilmente conseguidas por quem quer que deseje construir ou tomar emprestada uma pirâmide, para sentar-se, ficar de pé, ou deitar-se dentro dela. É claro que estas experiências serão de natureza subjetiva. Tentando descobrir sua origem, pode-se dizer que o observador está imaginando, fantasiando, tendo alucinações, fabricando a experiência. Na verdade, o mesmo pode ser dito quanto à experiência de Brunton e, pela mesma razão, de toda e qualquer experiência pessoal. Podemos encontrar-nos profundamente envolvidos em discussões

filosóficas sobre a natureza da realidade e das realidades não comuns. Mas, em última análise, as experiências a que damos maior crédito são as que de algum modo partilhámos com os outros.

Não desconhecemos estas experiências comumente partilhadas quando nos voltamos para os relatórios daqueles que passaram períodos curtos ou longos de tempo dentro de modelos de pirâmides. Visitamos vários destes indivíduos e descobrimos que eles contavam suas experiências sem terem qualquer conhecimento prévio das experiências de outros. Pedimos a várias pessoas, que nada conheciam sobre as pirâmides, que ficassem meditando ou apenas se sentassem um pouco dentro de uma pirâmide e depois nos dissessem o que sentiram ou pensaram.

Os denominadores comuns foram os sentimentos de solidão, paz, e maior desprendimento do mundo, com menos preocupações pelos assuntos materiais. Devido a estas sensações, aqueles que estão familiarizados com a meditação declaram que se sentem menos distraídos, mais ausentes, podendo concentrar-se mais facilmente. Embora alguns tenham dito que não sentiram qualquer diferença dentro ou fora da pirâmide, estes constituem exceção. A maioria experimentou qualquer coisa, quando mais não fosse, uma sensação de calma, ou de suave euforia. O relaxamento era um fenômeno comumente relatado, bem como os sentimentos de renovação de energia ou de "estar sendo recarregado de energia."

"Quando eu meditava dentro da pirâmide, sentia um peso ou força que se deslocava através do meu corpo, começando no alto da cabeça e descendo dos ombros para o corpo e para as pernas", disse-nos Carl Waldon. "No dia seguinte, meus pensamentos estavam mais claros, eu sentia muito mais energia, e uma singular capacidade para saber e entender.

"Eu estava absolutamente certa de que meu coração batia forte e da existência de um movimento interior. Minha cabeça parecia estar sendo puxada para o ápice e eu sentia um grande desejo de unir minhas mãos em prece", declarou Lora Lee Camp.

Anna Maye Ingram, sem conhecer a reação de Camp, disse-nos: "A primeira impressão foi de paz e silêncio. Depois de alguns minutos parecia que eu estava cercada

por uma forte pressão que me mantinha ou me empurrava profundamente na cadeira. Parecia que meu coração crescia e eu tinha consciência dele. Todo o corpo parecia vibrar — sentia um formigamento — como o de alguém que estivesse sentado sobre uma máquina que vibrasse muito depressa."

A atriz de cinema Gloria Swanson afirmou que sente um *formigamento* quando dorme com uma pequena pirâmide embaixo de sua cama. Em *Pyramid Power* (O Poder da Pirâmide), Max Toth e Greg Nielsen dizem: "Outra observação interessante feita por muitos dos participantes desta experiência foi a de que, quando eles erguiam as mãos para o ápice, sentiam alfinetadas, como se pequeninas agulhas estivessem sendo espetadas em suas extremidades."

As sensações de *formigamento* fazem lembrar as declarações de pessoas submetidas à força energética do oscilador de ondas múltiplas ou ao acumulador de orgônio de Reich. Eventualmente, ouve-se alguém fazer uma afirmação semelhante no que respeita à acupuntura.

Com referência aos relatos de sensações estranhas no coração, Toth e Nielsen comentam: "Afirma-se que as energias mais benéficas dentro da pirâmide se focalizam no chamado centro cardíaco. Este é, provavelmente, o lugar *mais seguro* para a incubação das formas de pensamento. No entanto, tem-se sugerido que diferentes formas de pensamento podem ser mais bem incubadas em diferentes lugares para que a pessoa dentro da pirâmide receba a energia mais vantajosa para satisfazer aquela forma específica."

Pessoas que usam as estruturas piramidais para meditar regularmente afirmam que se sentem serenas e integradas com as forças cósmicas. Várias delas declararam que recebem impressões espirituais enquanto estão dentro da pirâmide e que, quando saem, parece que as percepções psíquicas inundam suas mentes.

Tenny Hale, médium psicossensitiva do Oregon, afirma que durante um estado de consciência ativado, provocado por um jejum de sete dias e intensa meditação, mandaram-lhe que usasse uma pirâmide para se beneficiar do estado alterado de consciência e melhorar seus poderes, já existentes, de percepção extra-sensorial. Ao deixar sua pirâmide após exercícios de meditação, ela

afirma que sua mente se encheu de impressões psíquicas. Numa ocasião, ela foi até sua máquina de escrever e datilografou 100 profecias diversas. Segundo relatórios de jornais e revistas, a Sra. Hale tem feito várias revelações psíquicas muito precisas.

Dois pesquisadores psíquicos viveram algum tempo numa grande pirâmide de madeira na Flórida. O reverendo Ron Osterbro e a Sra. Rose Stephens se alimentaram principalmente de sucos de frutas e passaram grande parte do tempo em meditação. Depois de um mês, os dois relataram haver recebido mensagens sobre curas materiais, a origem e o objetivo do homem e profecias.

No ano passado, eu (Pettit) dormi duas noites por semana dentro de uma de nossas pirâmides. Acredito sinceramente que esta experiência contribuiu para minha boa saúde e aumentou minha energia. Resolvi dormir dentro da pirâmide devido à serenidade e isolamento pacífico que ali encontrei. É muito difícil manter-se tenso quando se está no interior da pirâmide, e esta sensação de bem-estar se alonga cada vez mais por todo o dia.

Naturalmente, sonhar é um estado da consciência, e tenho reparado que nos últimos meses meus sonhos se tornaram mais claros e mais nítidos. Recentemente um sonho, no qual eu via um bebê rindo, parecia desdobrar um panorama da evolução do homem. A criança que ria era como que um meio gráfico de ilustrar a permanência do homem neste planeta; o bebê era uma alma muito velha mas havia reaparecido na forma de uma criança.

Em outra ocasião, deitado no catre dentro da pirâmide, na zona crepuscular entre o sono e a vigília, eu vi a longa faixa branca de uma estrada, ladeada por majestosas árvores, serpenteando através de um exuberante terreno cultivado. Tive a impressão de estar dirigindo um veículo qualquer, azul e branco. Ele se encaminhava para uma área que eu sabia ser o depósito de lixo e refúgio do departamento, mas a paisagem era linda, estendendo-se aproximadamente por meia milha de largura e uma de comprimento.

Na minha frente brilhavam oito pirâmides, cada qual pintada de uma cor diferente. Achei que deviam ter 275 pés de altura e 375 pés quadrados na base.

Estradas mais estreitas destacavam-se da estrada principal e serviam de acesso aos caminhos das pirâmides.

des. Cada estrada era pavimentada de cimento colorido, combinando com o matiz da pirâmide para a qual se dirigia. Daquela vez, a pirâmide que estava sendo usada era a de número três, a contar do leste. Eu podia sentir o odor delicioso das plantas e das flores que margeavam a estrada, sem perceber nenhum cheiro desagradável de lixo.

Parei o veículo na base da pirâmide e esvaziei minha carga numa esteira rolante, que levou o lixo para dentro da pirâmide. O lixo foi empilhado num espaço de 160 pés quadrados no interior da pirâmide e ali iria permanecer durante sete semanas a fim de ser desidratado e limpo das bactérias nocivas. Depois, seria transportado por um sistema subterrâneo de esteiras rolantes para usinas próximas, para ser submetido ao processamento final, e onde os materiais seriam separados com diversos fins: uns para construção de casas, outros para construção de estradas, e a matéria orgânica para fabricação de fertilizantes.

O quadro era muito real para mim, e ainda posso vê-lo com alguns detalhes.

Parece que minha experiência com essas nítidas imagens mentais visuais não é rara para os que já passaram algum tempo dentro de pirâmides. Estas pessoas têm relatado melhora da memória, e dizem ter tido visões de encarnações passadas.

Inez Pettit passou muito tempo no interior de uma pirâmide, relaxando-se num canapé, onde ficava de uma a duas horas de cada vez. Ali ela parece passar a um estado de sonolência, ainda consciente do mundo que a cerca, enquanto seu mundo subjetivo interior assume sua própria realidade.

Numa destas ocasiões ela se viu flutuando por cima de uma grande cidade. Disse Inez que era lindamente planejada, e que parecia brilhar à luz de um arco-íris. De cada um dos quatro lados da cidade havia enormes pirâmides de pedra polida. As pedras de arremate no ápice das pirâmides pareciam ser feitas de cristal, de onde emanava um brilho suave. Ela disse saber que as pirâmides serviam para produzir força para a cidade.

O povo da cidade usava longas vestes semelhantes a túnicas; as dos homens eram de tecido liso ou listrado, as das mulheres, floridas. Todos eram muito altos, me-

dindo de 10 a 15 pés (3 a 4,50 m). Pareciam muito atléticos, animados, alegres.

"Em vez de veículos no chão," disse Inez, "eu podia ver passeios movidos que se entrecruzavam por toda a cidade. Estes passeios eram de cor verde e tão macios para os pés como se fossem feitos de relva. Moviam-se devagar para que as pessoas pudessem apreciar a paisagem, e havia um grande número de jardins quase do tamanho dos quarteirões da cidade. Ao longo dos passeios movidos encontravam-se bancos de pedra.

"Eu podia ouvir as conversas, iguais à maioria das de hoje, sobre crianças, lares, diferentes interesses e realizações. Ouvi uma mulher dizer para outra que era dia de seu aniversário e que ela não estava muito satisfeita por se achar já de meia-idade aos 492 anos. A outra observou: 'Espere até chegar aos 900 e aí, sim, você pode começar a se sentir velha.'

"As casas eram todas do mesmo tamanho, em forma de cubículos quadrados feitos de um tipo de material transparente. Além das casas havia outros edifícios, nenhum deles muito alto, três ou quatro pavimentos, no máximo. Entrei numa das casas. Tudo o que vi foi um enorme aposento com bancos e divãs de pedra, estofados. Uma das paredes do aposento era certamente um centro de diversão e comunicações. Quando eles queriam ver o que chamamos de cinema, havia um meio qualquer de fazer com que a parede ficasse opaca, e o espetáculo começava. Se desejavam comunicar-se com alguém, a pessoa aparecia na parede e falava com eles. Realmente, não sei como conseguiam isso. Não vi botões para apertar, nem manetes para girar. Talvez eles se limitassem a acionar o equipamento mentalmente.

"Intriguei-me ao ver que ninguém parecia trabalhar. Alguns edifícios deviam ser centros de lazer para as artes e ofícios. Outra coisa, não vi máquinas de lavar ou secar, nem lavanderias de qualquer tipo; não havia cozinhas, banheiros, cadeiras, mesas, ou algo parecido. Não vi ninguém comendo. Todos estavam muito limpos, com as vestes imaculadas. Eu pensava numa porção de coisas para as quais parecia não haver respostas.

"A cidade possuía um sistema de tráfego de veículos, todos aéreos e na forma de fusos transparentes, que voavam com incrível velocidade. Quando aterravam, pou-

savam diretamente sobre o topo das casas. Não se percebia como se locomoviam essas naves que não produziam qualquer ruído. Parecia que quando elas se achavam na cidade recebiam automaticamente energia das pirâmides. Contudo, em certas ocasiões precisavam se reabastecer de energia. Era quando desejavam viajar de uma cidade para outra, ou quando se destinavam ao espaço. Então a nave ficava um tempo relativamente curto pairando sobre o ápice de uma das pirâmides a fim de adquirir uma força extra para a viagem. O tempo de carga dependia da distância a percorrer.

"Depois de ver várias naves deixarem o campo de força da pirâmide e partirem para o espaço, pouco a pouco sai daquele estado de sonolência. A visão que tive foi muito clara, e estou certa de que me lembrarei dela por muito tempo. Embora desde então tenha retornado muitas vezes à pirâmide, e tenha passado por outras experiências interessantes, nunca mais voltei à cidade do arco-íris."

No que se refere aos sonhos, é curioso notar que Max Lehner, em artigo intitulado "Egito — Reflexões sobre uma viagem", escrito para número recente do *A.R.E. Journal*, fala da visita que fez a um guia árabe muito velho que lhe disse ter-se metido muitas vezes num buraco na cabeça da Esfinge para sonhar. Quando Lehner lhe perguntou com que ele sonhava, o guia respondeu: "Eu sonho com o povo antigo."

"O povo antigo?", perguntou Lehner. "Como é que você os vê?"

"Trabalhando, correndo, construindo", e o guia passou a imitar pessoas trabalhando com martelos e cinzéis. "A Esfinge é o melhor lugar para se sonhar."

Há quem diga que uma dose diária de força da pirâmide aperfeiçoa a concentração. Aparentemente, isto ocorreu pelo menos num caso. Um conhecido nosso, estudante de curso colegial, estava com dificuldade para se concentrar em seus estudos. Construímos em seu quarto de dormir uma pirâmide bastante grande para ele se sentar dentro dela. Ele passou a meditar ali todas as noites e nos disse que suas notas haviam melhorado muito. O estudante, Dave Wilcox, declarou que se sentia mais seguro e mais confiante em si mesmo. "Há uma grande harmonia dentro da pirâmide", disse ele. "Meu

professor de yoga experimentou meditar no interior da pirâmide e alcançou uma alta mentalização em tempo muito curto."

O exemplar de 13 de janeiro de 1974, do *National Enquirer*, cita o astro de Hollywood, James Coburn: "Acredito firmemente na força da pirâmide. Meto-me na minha tenda em forma de pirâmide, sento-me numa posição yoga, e a coisa funciona! Ela proporciona uma emoção e uma sensação definidas. Cria uma atmosfera ... que torna mais fácil a meditação. Impede toda e qualquer interferência. Todos os dias passo de quinze a trinta minutos ali dentro, meditando."

Karel Drbal sugeriu o uso de chapéus em forma de pirâmide para se conseguir estados alterados da consciência. Drbal foi o engenheiro de rádio checoslovaco que lançou a nova "pirâmida" quando suas pesquisas com os modelos de pirâmides foram discutidas no *bestseller* de Schroeder e Ostrander, *Psychic Discoveries Behind the Iron Curtain* (Experiências Psíquicas Além da Cortina de Ferro).

Drbal intrigou-se com o fato de os chapéus das feiticeiras e bruxas serem cônicos, e fez várias experiências com chapéus em forma de pirâmide. Várias pessoas submetidas à experiência relataram haver sentido um influxo de energia espiralada que vinha do alto do chapéu. Drbal foi ainda citado como tendo dito: "Aparentemente, a pirâmide atua como uma espécie de antena cósmica sintonizando fontes de energia de intensidade muito mais vasta e concentrando-as no seu centro."

Toth e Nielsen insinuam que os antigos sacerdotes egípcios podem ter usado chapéus em forma de pirâmide durante a adoração do seu deus do sol, Ra, porque os chapéus podem ter concentrado energia eletromagnética do sol ou de algum outro plano metafísico mais alto. Esta possibilidade é também sugerida por J. Furlong em *Rivers of Life* (Rios da Vida).

Talvez o antigo costume de se colocar um "chapéu de burro", de forma cônica, na cabeça dos estudantes que não se saíam bem em suas lições não fosse tanto uma questão de ridicularizá-los, mas de lhes fornecer um pouco de energia mental. Podemos supor que a prática era encarada como meio de ajudar a criança a retornar

ao foco, recentrando-a, fazendo-a concentrar-se, realinhando-a com a fonte.

Jane Roberts, autora das séries de *Seth*, não usa um "chapéu de burro" feito de substância material, mas escreve que, sob certas condições, "Tive a sensação de que um cone descia sobre minha cabeça. Eu não pensava que um cone material estivesse ali, porém a idéia da forma era definida. A extremidade mais larga era mais ou menos do tamanho da minha cabeça, com a parte mais estreita em cima, como uma pirâmide."

O laboratório de PES de Los Angeles realizou experiências usando a forma piramidal como incubador para materializar pensamentos. Supõe-se que a forma de pirâmide serve de amplificador geométrico que fortalece a solicitação e o desejo do indivíduo que quer materializar o pensamento.

Segundo o diretor do laboratório, Al Manning, usa-se uma pequena pirâmide junto com pedaços triangulares de papel. As folhas de papel são de quatro cores: amarela para intuição; alaranjado para clareza mental; azul para cura; e verde para o amor. O experimentador escolhe uma das cores, apropriada aos seus designios, e escreve nela um pedido ou objetivo específico.

Mantém-se, então, o papel entre as mãos enquanto um cântico — fornecido pelo próprio experimentador ou pela organização — é entoado duas vezes. O vértice é a seguir dobrado para baixo, e a parte inferior sobre ele, para formar um triângulo. Põem-se as mãos sobre o triângulo e o cântico é entoado de novo. Esta última parte deve ser feita com o papel colocado na base da pirâmide. Depois, a pirâmide volta à sua posição, sobre a base — sempre alinhada com o eixo norte-sul — e começa o período de incubação. Manning sugere que são necessários de três a nove dias para que o pensamento materializado complete seu "período de gestação". Durante este período, o processo é fortalecido pelos cânticos, mantendo-se mentalmente o pensamento a ser materializado. Manning declara que a concentração no pensamento a materializar deve ser feita uma vez por dia, através do lado norte da pirâmide.

Quando o experimentador acha que já se completou o período de incubação, remove a pirâmide de sua base e tira o pedaço de papel triangular. Desdobra-se o papel,

que é seguro por um dos cantos inferiores, e queima-se o triângulo. As cinzas são colocadas num recipiente à prova de fogo, que deve ficar à mão durante todo o processo.

Acredita-se que a prática de queimar o papel tem por objetivo liberar o pensamento-forma a fim de que ele possa cumprir sua missão. Uma vez liberado o pensamento-forma, o experimentador aguarda os resultados, acreditando que o fogo libertou um pensamento materializado completamente carregado que em breve se tornará manifesto.

O exercício pode parecer mágico e bizarro, porém os membros da organização em todo o mundo proclamam que seus pedidos têm sido satisfeitos.

O Laboratório de PES construiu várias pirâmides grandes para pesquisar os efeitos da energia da pirâmide sobre os centros de energia do corpo humano, traçando paralelos entre a localização dos centros de energia na estrutura da pirâmide e na do corpo humano. Suas pesquisas indicariam que a energia nas partes superiores da pirâmide é de frequência mais alta, enquanto a das regiões inferiores produz uma sensação de calor e calma.

Esses pesquisadores relataram que há certos locais dentro das pirâmides que não são benéficos, e se uma pessoa se sentar ou se deitar num desses pontos pode ser acometida de dores de cabeça. Aparentemente, essas experiências foram registradas por pessoas que não tinham conhecimento das reações de outros pesquisadores.

Falar de bons e maus lugares faz-nos lembrar de um dos conselhos dados por Don Juan a Carlos Castaneda. Diz-lhe ele que há lugares de poder pessoal, um pedaço de terra especial, próprio do indivíduo e onde ele pode ser forte e imune. E que há outros lugares capazes de destruí-lo.

Parece que os animais conhecem esses lugares especiais. Eles os procuram até encontrá-los. Por exemplo, por mais que se tente fazer com que um cão se sinta confortável, se o local não é o certo, ele não ficará ali. Ele puxará seus panos, ou o que quer que seja que se tenha posto para ele dormir, para um lugar diferente.

Nossas experiências com as plantas parecem indicar que nem todos os pontos dentro da pirâmide são iguais. E temos verificado que indivíduos a quem pedimos para relaxar e meditar dentro de uma pirâmide em geral mu-

dam de lugar até se sentirem confortáveis. Parece que a atmosfera ou campo no interior da pirâmide é mais intensa do que do lado de fora. Quando o local é o certo, é mais agradável, calmante; e a experiência pode ser mais intensa do que era de se esperar, mas quando está errado, está errado mesmo.

Disseram-nos que a terra possui vórtices especiais de energia, e que os antigos os conheciam e os usavam. Alguns eram lugares de cura, outros, lugares sagrados. Ficamos então a pensar se um dispositivo ou uma estrutura criados para colher ou amplificar estes campos especiais de energia não criariam um universo em miniatura dentro de si. Se assim é, talvez as pirâmides estejam nos oferecendo mais respostas do que esperávamos até agora.

11. GEOMETRIA ESOTÉRICA E GRADES DE ENERGIA

A ciência e a filosofia do mundo antigo eram baseadas nos números e na geometria, e é difícil crer que o maior monumento de todos os tempos, cujo projeto foi o mais cuidadosamente executado e o mais geometricamente concebido, não representasse o mais alto conhecimento de sua época.

É excitante pensar que a Grande Pirâmide tenha sido construída como um instrumento científico altamente sofisticado, um modelo exato em escala do mundo, por uma cultura egípcia — ou possivelmente pré-egípcia — muito mais avançada do que geralmente se acreditava. Esta teoria demonstra que a Pirâmide incorporava a fórmula básica do universo e foi projetada para ajudar o homem a se orientar no cosmos e a aplicar medidas definidas ao tempo e ao espaço.

O Dr. Lívio C. Stecchini, especialista na história da ciência das medidas e das quantidades, atualmente funcionando como professor de História Antiga no Colégio William Patterson, Nova Jersey, conseguiu demonstrar que pelo menos 2.800 anos antes de Cristo os egípcios eram capazes de calcular a latitude e a longitude com muita precisão, fato que só conseguiu ser repetido no século XVIII de nossa era. Esses antigos cientistas conheciam a circunferência da terra com precisão e o comprimento de seu próprio país até o cúbito, bem como as coordenadas geográficas de todos os principais pontos de seu reino, do Mediterrâneo ao Equador. De acordo com Stecchini, para conseguir isso, os egípcios eram capazes de realizar observações astronômicas com o grau de precisão fornecido pelos modernos telescópios e cronômetros.

Stechini, que escreveu um apêndice extenso e informativo intitulado *Notas sobre a Relação das Antigas Medidas da Grande Pirâmide* para o livro de Tompkins, *Secrets of the Great Pyramid*, realizou um estudo de vinte anos sobre os dados matemáticos e astronômicos contidos nas tabletas cuneiformes dos antigos sumérios e babilônios. Como resultado de seus estudos sobre os zigurates escalonados do Oriente Médio e as pirâmides, conseguiu demonstrar que estas estruturas incorporavam as técnicas básicas para mapear a estrutura e o desenho dos céus e para mapear o hemisfério terrestre. As construções revelam ainda um alto nível matemático, capaz de resolver problemas de trigonometria, segundo Stechini.

O vértice da Grande Pirâmide corresponde ao pólo, e o perímetro ao Equador, ambos na escala exata. Parece que cada lado da pirâmide foi projetado para corresponder à curvatura de um quarto do hemisfério norte, ou a um quadrante esférico de 90°.

Para projetar corretamente um quadrante esférico num triângulo plano, o arco do quadrante deve ter o mesmo comprimento da base do triângulo, e ambos devem ter a mesma altura. Tompkins explica que este parece ser o caso somente com uma seção transversal ou bissecção meridiana da Grande Pirâmide. Seu ângulo de inclinação dá a relação Φ entre a altura e a base. Quando vista de lado, a projeção da Pirâmide é tal que as leis da perspectiva reduzem a verdadeira área de uma face ao tamanho correto para projeção. Esta é a seção transversa da Pirâmide. O que se vê na verdade é o triângulo correto.

Os sacerdotes egípcios disseram ao historiador grego Heródoto que a Pirâmide foi planejada de tal modo que a área de cada uma de suas faces era igual ao quadrado de sua altura. Torna-se evidente agora que esta foi a chave do segredo matemático e geométrico da Pirâmide. Esta informação revela que a Pirâmide foi planejada para incorporar não somente a proporção de Φ mas também a proporção constante conhecida durante a Renascença como a Seção Dourada, ou Φ , ou 1,618.

Φ é uma razão infinita. Esta fórmula mística é tão antiga quanto a história e é um fascinante sistema de números. É uma soma de séries e tem sido chamada de

série de Fibonacci. Começando com 1, os termos subsequentes são obtidos pela soma dos dois termos precedentes, conforme segue: 1, 2, 3, 5, 8, 13, 21, 34, 55, 89, 144, 233, e assim por diante. Obtém-se Φ , ou 1,618, dividindo-se qualquer termo da série de somas pelo seu antecessor. Quanto maiores os números, mais os termos se aproximam de Φ . Assim, três dividido por dois é igual a 1,5; treze dividido por oito é 1,625; 233 dividido por 144 é 1,6180555.

Φ também tem sido chamado de Grau Sagrado porque é a proporção exata pela qual a linha AC pode ser dividida por B de tal modo que AC/AB seja igual a 1,618, o mesmo acontecendo com AB/BC. Esta razão foi usada pelos artistas da Renascença, já que era considerada a proporção mais estética. Diz-se que esta proporção ocorre em toda a natureza; que o corpo humano é dividido de acordo com ela, e que as diagonais da sagrada estrela de cinco pontas dividem-se pela mesma razão. Usando a Seção Dourada, a Grande Pirâmide se torna um sistema efetivo para transpor áreas esféricas para áreas planas.

Os egípcios empregavam uma unidade de medida conhecida como cúbito. Evidentemente o cúbito egípcio foi formulado tomando-se um milésimo da distância que a Terra percorre no Equador em um segundo. Os projetistas da Grande Pirâmide fizeram a base igual à distância que a Terra viaja em meio segundo. O cúbito era igual a um milésimo de segundo de tempo e o pé igual a um milésimo de segundo de arco.

Parece agora provado que os antigos cientistas calcularam a circunferência polar da terra usando o sol e as sombras lançadas pelos obeliscos. A fim de determinar a circunferência da Terra no Equador, os construtores observavam a passagem de estrelas através dos pontos fixos dos obeliscos. Para calcular a circunferência polar, tudo o de que eles precisavam era medir a distância entre dois obeliscos separados várias milhas entre si e a diferença das sombras por eles projetadas.

Não havia necessidade de medir grandes distâncias. A fração de arco que separava dois obeliscos meridiano — daí a diferença de latitude — podia ser determinada comparando-se a sombra do obelisco com sua altura quando medida no momento do solstício ou equinócio.

Para determinar a circunferência da Terra no Equador, Tompkins explica que um observador na base de um obelisco no paralelo trinta podia assinalar o aparecimento de uma estrela zenital no horizonte leste para um outro observador a uma distância conhecida onde a ponta do obelisco surgisse no horizonte. Determinando o intervalo de tempo entre o aparecimento da estrela para os dois observadores e sabendo que a Terra gira 1.296.000 segundos de arco em 86.400 segundos (24 horas) de tempo, podia ser calculada sua circunferência equatorial.

A prova de que a Grande Pirâmide foi construída de tal maneira a implicar a quadratura do círculo e a cubagem da esfera parece indicar que seus construtores queriam dizer que a geometria estática dos ângulos podia ser transposta para a geometria dinâmica das curvas. A Pirâmide pode ser encarada como um cone e o cubo pode ser visto como uma esfera. Segundo Henry Monteith, que contribuiu com um ensaio, *Geometria da Grande Pirâmide*, para *Pyramid Power*, o cone é a representação perfeita da concentração dinâmica da energia. Isto simplesmente significaria que a forma do cone está relacionada de qualquer modo com a criação.

No capítulo em que descrevemos nossas experiências com as plantas dentro de pirâmides, faz-se menção do teste de crescimento dos brotos no interior de várias estruturas. Verificamos que as plantas crescem mais rápido no interior de recipientes cônicos. Também crescem mais depressa no vértice da pirâmide do que ao nível da *Câmara do Rei*, que fica a um terço da distância da base ao ápice.

Newton mostrou que para cada ação há uma reação igual e oposta. Como se admite que o universo deve estar sempre em perfeito equilíbrio, é de se supor que deva haver uma reação ou correspondente a todas as forças e corpos conhecidos. No artigo mencionado acima, Monteith mostra que na Física admite-se que, se existe uma carga positiva localizada a alguma distância sobre o solo, pode-se determinar o campo entre a carga e o solo, supondo que existe uma outra carga, negativa, localizada a igual distância abaixo do solo. Em outras palavras, segundo Monteith, quando está presente uma carga positiva, implicitamente está também uma negativa, se bem

que não fisicamente presente. Ele observa que há, implicitamente presentes, uma ou mais antipirâmides para a Grande Pirâmide.

Devemos lembrar que a Grande Pirâmide não é simétrica. Os lados não formam triângulos equiláteros. Além disso, os lados da estrutura de pedra são ligeiramente denteados. Isto foi observado por William Flinders Petrie quando realizou suas medidas, embora o afundamento não seja perceptível ao olho humano. A confirmação do fato foi feita por fotografias aéreas tomadas por P.R.C. Groves.

A ligeira concavidade é importante já que parece correr por conta de pequenos erros nos cálculos geométricos e matemáticos dos egípcios. Contudo, de maior importância é o fato de que, talvez, as concavidades tenham sido necessárias para fazer com que a Grande Pirâmide servisse de ressonador ou gerador de um campo de energia. Nossas experiências com modelos de pirâmides, inclusive alguns com os lados espelhados, indicam que, se as faces forem ligeiramente denteadas para desviar da linha reta um campo de energia que penetra ao bater no lado oposto, fazendo-o refletir-se, as linhas de força tendem a se dirigir para o centro da pirâmide. Como modelo em nossas experiências empregamos o comportamento dos raios de luz visível.

O desenho assimétrico da Pirâmide parece implicar duas direções da projeção do pensamento, uma para o ápice, que Monteith vê como representando a criação material, e a outra para a base e significando a destruição. A anticonstrução da pirâmide é uma pirâmide invertida, localizada sobre o vértice da pirâmide física e que ocasiona a criação. A pirâmide antidestruição está ligada à pirâmide física, base à base, e está localizada abaixo do solo. Efetua a expansão e a morte do que foi criado. De acordo com Monteith, construção e destruição interagem ciclicamente.

Acredita-se que um dos principais objetivos da assimetria na natureza é estabelecer as condições necessárias para iniciar o movimento. Num artigo intitulado *Possibilidade do Estudo Experimental das Propriedades do Tempo*, Nikolai Kozyrev propõe que o tempo tem a capacidade de reduzir a entropia de um sistema, embora em geral a alteração passe despercebida. No entanto, na Grande Pirâmide, devido à sua forma, a ação do tempo

foi ampliada, e isto permite que ela preserve a matéria orgânica. "O Fluxo-do-tempo e Bioplasma são apenas diferentes termos empregados para descrever a mesma força misteriosa, responsável pela criação e manutenção de todos os sistemas materiais", declara Kozyrev. "O Bioplasma tem a capacidade de aumentar a energia de um sistema mas é incapaz de afetar o momento deste sistema."

Acredita-se que o bioplasma possa ter propriedades opostas às da energia nuclear. O Dr. William Reich fez experiências com este conceito e se refere a elas como *Experiência Oranur* em seu livro *Cosmic Superimposition* (Superposição Cósmica). Ele descobriu que o bioplasma reagia violentamente com os materiais radioativos e gerava um subproduto perigoso para a vida durante um curto período de tempo. Aprendeu-se, contudo, que a radioatividade era reduzida pela ação do bioplasma. Esta experiência parece demonstrar que o bioplasma é uma força criadora e que atua em oposição à força nuclear. Kozyrev declara ainda: "Se a mecânica nos permitir, um dia, coibir e controlar os processos vitais fora da vida orgânica, as máquinas em operação renovarão (e não apenas exaurirão) as potencialidades do mundo. Poder-se-á, assim, estabelecer uma verdadeira harmonia entre o homem e a natureza. Por mais abstrato que este sonho pareça, tem uma base realística."

Analisando estas considerações, Monteith observa que o tempo é simplesmente o aspecto geométrico do bioplasma e é expresso como geometria estática, enquanto que a concentração ou convergência da energia é o seu aspecto dinâmico, expresso pela geometria dinâmica. A ação recíproca entre as geometrias estática e dinâmica afeta os processos de construção e da vida juntamente com o processo de desintegração e da morte, sustenta Monteith. E acrescenta que todas as causas no universo são inerentes à geometria estática e os efeitos baseados na geometria dinâmica.

"Antes que estas idéias possam ser totalmente aceitas e utilizadas pela ciência moderna devem ser postas numa forma analítica detalhada", declara Monteith. "Isto exige um conhecimento profundo das leis que governam os processos criadores da natureza. Até agora, o conhecimento necessário ainda não foi conseguido por aqueles que, como eu, estão investigando o assunto."

Acredito que a próxima revolução na ciência ocorrerá ao longo desta linha e que é necessário que a energia responsável pela criação do universo seja incorporada à ciência moderna antes que os problemas insolúveis com que se depara hoje a ciência possam ser resolvidos. Por exemplo, não pode haver nenhuma Teoria do Campo Unificado sem que se tenha compreendido a natureza do bioplasma. Um estudo completo e detalhado da Grande Pirâmide, por competentes cientistas com o bioplasma em mente, pode ajudar a lançar mais luz sobre a nossa ignorância."

Parece evidente que a Grande Pirâmide foi construída num local específico por motivos geodésicos e geográficos, e que a localização de muitos edifícios antigos aparentemente foi determinada por um alinhamento com as estrelas. Alfred Watkins, em seu livro *The Old Straight Track*, declara que muitas igrejas na Inglaterra foram situadas desta maneira. Lyle B. Borst, professor de Astronomia e Física da Universidade do Estado de Nova York, em Búfalo, observa num artigo em *Science* que os eixos de muitas igrejas primitivas cristãs na Inglaterra foram lançados sobre antigas fundações originariamente determinadas por um alinhamento com as estrelas.

No entanto, pode haver outros motivos, além dos de natureza geodésica e geométrica para a localização da Grande Pirâmide e várias outras construções antigas, inclusive pirâmides em outras partes do mundo. Em *The View Over Atlantis*, John Michell sugere que toda a superfície da Terra está marcada com os traços de uma gigantesca obra de engenharia pré-histórica, restos de um outrora sistema universal de magia natural, envolvendo o uso do magnetismo polar juntamente com outra força positiva relacionada com a energia solar. "Talvez todos nós vivamos no interior de uma antiga estrutura, cujo tamanho muito vasto a tornou invisível até agora", afirma Michell. Em outras palavras, a Grande Pirâmide e outras foram erigidas em locais específicos devido às naturezas dos campos de energia nestes lugares. Michell discute a obra de Watkins e seus estudos sobre estas antigas localizações e caminhos, conhecidos como posicionamento dirigido, ou *leys*:

"Foi como se um fluxo da corrente seguisse o curso desses alinhamentos feitos pelo homem. Os membros do

Straight Track Club relataram exemplos de pássaros e animais que migram segundo certas linhas fixas, descreveram os caminhos sem saída dos antílopes do Himalaia, e escreveram artigos sobre os sistemas regulares de trilhas e marcos na Noruega, Palestina, África e América. O próprio Watkins, perito apicultor e fotógrafo, reparou como as abelhas, retiradas e soltas a alguma distância de suas colmeias, primeiro descrevem, hesitantes, círculos no ar, e então, como que sintonizadas com uma corrente invisível, estabelecem um *caminho de abelhas* para retornar à casa. Enquanto estudava as formigas, ele se interessou pelos montículos que estes insetos constroem. Seu profundo amor pelo campo e o conhecimento de seus costumes, em particular desde que sua estrutura oculta foi revelada pela descoberta dos *leys*, deu-lhe uma verdadeira compreensão da correspondência de todos os aspectos da vida e do crescimento, grandes e pequenos, a certos padrões básicos. Com os olhos de um filósofo naturalista ele percebeu a relação existente entre toda a natureza. Os formigueiros, observou ele, são construídos dentro de certos padrões e alinhamentos. Como os montes sobre os *leys*, eles são cônicos e achatados em cima, cobertos de torrões.

“É evidente que os círculos de pedras situaram-se originalmente segundo algum princípio que ainda temos que redescobrir. Por um ato de adivinhação, talvez pela invocação de uma nova força desconhecida, tornaram-se conhecidos os verdadeiros centros sagrados do país. Notável confirmação da preexistência de um destes sistemas pode ser encontrada numa lenda que corre por todas as Ilhas Britânicas. Segundo esta lenda, os lugares sagrados, os sítios de antiga e tradicional santidade, foram inicialmente revelados pela realização de um ritual mágico, através de um augúrio divino, em sonhos ou visões. Não resta dúvida de que os primitivos cristãos buscavam um sinal do céu para guiá-los até o local onde devia ser construída uma igreja ou uma catedral. O fato de que em quase todos os casos o sítio escolhido já tinha uma tradição de santidade indica que sua prática divinatória foi herdada de seus antecessores. Os métodos empregados para descobrir o local correto para uma igreja eram os mesmos pelos quais os sítios onde se achavam os círculos de pedras e os montículos astronômicos foram localizados milhares de anos antes. Evidentemente eles tinham mul-

to em comum com os métodos usados pelos modernos rãbdomantes:

“Consoante toda a tradição, o estágio mais importante na construção de um edifício sagrado é a localização de um sítio adequado, onde as forças espirituais da localidade se combinam o melhor possível. Ao passo que hoje não é considerado irrelevante determinar o sítio de uma nova igreja tomando-se em conta motivos puramente seculares, os sacerdotes do passado construiriam mais depressa um moinho de água no meio do deserto do que colocariam uma igreja num lugar onde estivessem ausentes as influências sagradas. A prática da adivinhação, pela qual os verdadeiros centros sagrados podiam ser localizados, já passou, de modo que enquanto nossas igrejas mais antigas ainda podem ser usadas como instrumentos preciosos para invocação espiritual, muitas das construídas nos tempos modernos nada mais são do que salões vazios.

“Dos numerosos relatos de Igrejas cujos sítios foram descobertos por alguma forma de magia, infere-se que um sistema tradicional de geomancia foi praticado em todas as Ilhas Britânicas até há algumas centenas de anos. Diz-se que quase todas as catedrais e muitas Igrejas paroquiais foram fundadas com a orientação divina, reveladas em sonhos, por meio de portentos ou de algum acontecimento sobrenatural. Estas histórias, que podem ser encontradas nas páginas de todos os volumes sobre folclore do país, são tão numerosas que somente podemos dar uns poucos exemplos, porém, estes poucos mostram algo dos métodos pelos quais os centros de santidade inerente foram conhecidos, e por que tantas igrejas ainda hoje se erguem diretamente sobre os alinhamentos pré-históricos.

“Por trás do acúmulo de tijolos e argamassa, colocados por motivos utilitários transitórios, e que agora cobrem grande parte da paisagem, existe ainda visível uma outra camada, uma rede de linhas e centros, dispostos de acordo com um sistema hoje desconhecido. Tudo o que possuímos para explicar a existência deste notável esquema é a lenda de que, em tempos passados, havia um meio de localizar os sítios propícios por meio da magia. As próprias histórias relacionam-se com alguma prática exterior pela qual o adivinhador era conduzido ao local certo. O druidas tinham certos meios de alcançar

o êxtase da comunicação direta com a natureza e o espírito. Como Alfred Watkins milhares de anos mais tarde, eles adquiriram um conhecimento microscópico da região...

"Há cem anos, a prática da geomancia chinesa tornou-se, pela primeira vez, bem conhecida do Ocidente através das quisixas dos homens de negócio europeus, que encontravam uma inexplicável resistência aos seus planos de exploração racional do país. Eram informados continuamente de que suas estradas de ferro e suas fábricas não podiam passar por certos caminhos e ocupar certas posições. Os motivos alegados eram impossíveis de entender, pois eram irrelevantes, do ponto de vista econômico, social, ou político para o problema do estabelecimento de uma rede industrial. Os europeus eram informados de que uma certa cadeia de montanhas era um dragão terrestre e que nenhum corte podia ser feito através de sua cauda. Eram proibidos os túneis através das montanhas do dragão, e a proposta de uma estrada de ferro que correria em linha reta por uma região baixa e plana foi rejeitada sob a alegação de que a linha estragaria a vista das montanhas. Tudo isto era exposto pelos praticantes da ciência de *fung-shui* (vento e água), obscuramente explicada como *aquilo que não se pode ver nem pegar*.

"Escritores nacionalistas chineses modernos sugeriram que o *fung-shui* era, na verdade, um conjunto de medidas de planejamento para a cidade e para o campo, uma tentativa de preservar a harmonia da zona rural. Não há dúvida de que a prática do *fung-shui* dava à paisagem uma qualidade de beleza e ordem totalmente além das realizações de qualquer planejador ocidental moderno. Isto porque não se baseava apenas em considerações mundanas, mas num sistema metafísico sublime no qual as verdades poética e científica se uniam harmoniosamente.

"Os geomancistas, expoentes do *fung-shui*, eram consultados sobre a construção e localização de qualquer edifício ou túmulo em toda a China, sobre o plantio de qualquer árvore, a ereção de um poste e a colocação de uma pedra capaz de afetar a aparência e a natureza da zona campestre. Reconhecia-se que certas correntes poderosas, linhas magnéticas, passavam por toda a superfície da terra. A tarefa do geomancista consistia em de-

teectar essas correntes e interpretar sua influência na região sobre a qual passavam."

Segundo Michell, há um grande instrumental científico espalhado pelo globo. "Em certos períodos, talvez há cerca de 4.000 anos, quase todos os recantos do mundo foram visitados por um grupo de homens que chegavam para cumprir uma determinada tarefa", diz ele. "Com o auxílio de uma força notável, podiam cortar e levantar enormes blocos de pedra. Estes homens construíram enormes instrumentos astronômicos, círculos de pilares retos, pirâmides, túneis subterrâneos, ciclópicas plataformas de pedra, tudo ligado por uma rede de trilhas e alinhamentos, cujo curso de horizonte a horizonte era marcado por pedras, montículos e obras de terra. W. J. Perry, em *Children of the Sun*, traça o avanço deste povo através do Pacífico, indicando como exemplo de suas espantosas realizações as inúmeras e remotas ilhas inabitadas que ainda conservam as ruínas de grandes pirâmides e estruturas megalíticas. Não está claro se esta onda enorme de energia, que em poucas centenas de anos cobriu todo o mundo com círculos de pedras e obras de terra, foi liberada por um grupo ou raça, ou se fluiu espontaneamente como uma onda de inspiração universal. Alguns acham que enquanto os círculos de pedras do norte da Europa foram construídos pelos habitantes nativos, os da Polinésia foram obra de missionários pré-históricos. No entanto, Stonehenge, o último e mais perfeito círculo da Inglaterra, tem mais em comum com Creta do que com a tradição nativa, ao mesmo tempo que as variações locais no desenho e operação das estruturas astronômicas indicam que cada raça deu sua própria contribuição para uma civilização universal.

"Ninguém sabe como foi realizada esta tarefa de âmbito mundial, e menos ainda por quê. E esta é a principal questão. Se soubermos por que estes povos, que se situam para além da história escrita, devotaram toda a sua habilidade e recursos para a construção de um padrão terrestre, capaz de medir tanto a terra quanto os céus, saberemos o segredo de sua civilização universal, um estado que agora se nos apresenta desesperadamente ilusório."

Michell pergunta se muitas das estruturas pré-históricas não foram construídas para medir os campos magnéticos da terra. Diz ele: "De todos os acontecimen-

tos astronômicos que influenciam o campo magnético terrestre os mais dramáticos são um eclipse do sol ou da lua. Quando isto ocorre, a atividade magnética normalmente estimulada pelo corpo eclipsado diminui, com considerável efeito sobre o fluxo regular da corrente terrestre. É portanto altamente significativo que o principal objetivo de muitos dos observatórios pré-históricos de pedra da Inglaterra e noutras partes fosse a acurada previsão dos eclipses lunares. Aparentemente, um eclipse da lua não exerce nenhuma influência física sobre a terra além do efeito que produz ao nível do magnetismo terrestre."

Mais adiante, no livro, Mitchell declara: "Há muitas histórias no Havai e na Polinésia sobre a insensatez dos primeiros sacerdotes cristãos, que insistiam em edificar seus templos ao acaso em vez de escolher os sítios apropriados, atraindo assim a desgraça para si e para sua causa. As linhas da corrente do dragão se referem a um fluxo natural de força, relacionado com o campo magnético da terra, e só foram redescobertos modernamente pelo falecido Wilhelm Reich que a chamou de energia orgônica ...

"Se aceitarmos a evidência da existência de uma civilização universal anterior, deve-se admitir que o cataclismo que a engoliu, um daqueles acontecimentos cíclicos pelos quais a forma dos continentes é subitamente alterada, perturbou o padrão existente da corrente magnética e criou um novo centro terrestre. Com a ex-capital destruída, talvez submergida, os sobreviventes do desastre teriam inicialmente localizado este lugar, e teriam erigido um novo e poderoso instrumento como primeiro passo para restabelecer o controle sobre o campo magnético da terra. E aqui, mesmo no centro de todos os continentes do mundo, encontramos a Grande Pirâmide."

A Grande Pirâmide sempre foi cenário de misteriosos acontecimentos e estranhos fatos. Como acontece com a Esfinge, cujo grito matinal faz lembrar a vibração da corda do final do conto de Checcov, *O Pomar das Cerejeiras*, diz-se que a Grande Pirâmide vibra às vezes com um som estranho. Os guias dos turistas afirmam que se pode reproduzir este som, batendo-se com um bastão no ataudão na *Câmara do Rei*. E os árabes que vivem no local têm relatado que às vezes vêem a Grande Pirâmide banhada

por uma luz singular. Há alguns anos William Groff, juntamente com os membros do Instituto Egípcio, informou ter visto uma luz ou o que ele descrevia como uma chama que se elevava da Pirâmide. Outros relatos falam de misteriosas luzes circulares perto da estrutura de pedra e recentemente diz-se que até objetos voadores foram vistos pairando por sobre o vértice. Contudo, qualquer que seja a natureza dos campos de energia dentro e em volta da Grande Pirâmide, e quaisquer que sejam as forças da natureza e do cosmos que os antigos construtores procuraram controlar através de sua construção, estas forças ainda estão presentes e poderão ser reinvoçadas quando chegarmos a reconhecer sua função.

12. EXPERIÊNCIAS DOMÉSTICAS

A nova onda de respeito pelo mundo antigo, que surgiu com a descoberta de que as pirâmides em miniatura, construídas na escala da Grande Pirâmide de Gizé, possuem dentro de si estranhos campos de energia, é contagiosa. Pessoas de todas as classes parecem intrigadas com a força da pirâmide. De cada vez que faço uma palestra, falo no rádio, ou apareço na televisão chovem os telefonemas e os visitantes. Pedem mais informações, querem iniciar alguma experiência. Não é difícil entender esta atração pois a pesquisa com as pirâmides promete a cada pesquisador perspectivas tão sedutoras quanto perfurar um poço de petróleo, procurar ouro, ou fazer escavações arqueológicas. O jogo é talvez melhor, o investimento consideravelmente menor, e o objetivo de muito maior alcance.

O que há de tão atraente sobre a pesquisa com as pirâmides é a possibilidade de se lucrar em todos os pontos. Ela se relaciona com nossos corpos materiais, nossos estados de espírito, nosso ambiente, alimentos, água, ar, e nossa necessidade de energia; toca a base de quase todos os aspectos da vida. Esta perspectiva antecipa grandes e heróicas aventuras.

Este capítulo se destina àqueles que desejam efetuar experiências por conta própria com as pirâmides e vários outros equipamentos. Para os que desejam ler mais sobre os tópicos abordados neste livro, damos no fim uma bibliografia. E, no entanto, no campo experimental que reside a maior aventura. A pesquisa com as pirâmides, ou a pesquisa dos campos de força energética em geral, ainda está em sua infância, e o experi-

mentador doméstico pode sentir a emoção de quem explora um novo território. Quando ocorre uma descoberta, e certamente isto acontecerá, ele pode se sentir como parte deste esforço de pioneirismo, e é muito possível que contribua para o crescente corpo de conhecimento. Neste ponto de jogo, o que é preciso são pesquisadores cujos maiores talentos residam na paciência para continuarem trabalhando e observando, que tenham uma curiosidade insaciável, e que desejem exercer sua criatividade para descobrir novos meios de encarar as antigas observações. Para essas experiências não é preciso dinheiro. A maior parte do material pode ser encontrada numa oficina caseira ou comprada por poucos cruzelos nos depósitos locais de madeiras e lojas de ferragens.

Os planos e esquemas incluídos neste capítulo são os que temos usado. Alguns foram criados por nós, e os outros nos foram dados por pesquisadores cujo único interesse era passar adiante o que haviam aprendido. Com o mesmo espírito, entregamo-los ao leitor. Este tipo de partilha precisa ser continuado e expandido. As boas comunicações entre os experimentadores contribuirá em muito para o aumento dos conhecimentos neste terreno. Assim, podemos aprender uns com os outros, evitando uma desnecessária duplicação de esforços. Nós, e muitos grupos de pesquisadores mencionados neste livro, gostaríamos de saber os resultados de qualquer experiência.

O experimentador deve ter em mente que estamos trabalhando numa área de campos sensíveis de energia. Existe hoje a evidência de que todos os seres vivos destes campos de energia participam. Como tal, nem os indivíduos nem os objetos da experiência podem considerar-se isolados uns dos outros. Aprendemos com Backster, Vogel, Mitchell, e outros, que até forças tão sutis quanto os pensamentos e as emoções são feitas de energia, influenciadas por tudo, e influenciando tudo o mais. É impossível determinar, neste momento, até onde se estende este *tudo mais*. Obviamente engloba o ambiente imediato, mas até onde alcança, não se sabe. Para o experimentador, em casa ou num grande laboratório, isto quer dizer que ele não pode se dissociar da experiência. Ele constitui uma das incógnitas a serem descobertas.

É óbvio que não existe nenhum meio de bloquear ou eliminar as diversas influências. O que se pode fazer é levar em consideração os fatores existentes na vizinhança

imediate da experiência e capazes de influenciar os resultados — correntes elétricas, presença de plantas, de animais, de seres humanos, ondas de rádio e de televisão, luzes, telhados de metal, elementos capazes de inibir, isolar, ou aumentar os campos magnéticos, etc. Se os objetos da experiência e os de controle ficarem submetidos às mesmas influências, quaisquer diferenças nos resultados entre eles terá um significado. Precisamos é manter as variáveis o mais idênticas possíveis.

É mais difícil controlarmo-nos como componentes da experiência. Não temos a certeza de até que ponto nossos campos de energia, nossas reações emocionais e pensamentos exercem sua influência. Podemos tratar o objeto da experiência exatamente do mesmo modo que o de controle, mas nossas atitudes e sentimentos são fatores incontroláveis. Por exemplo, podemos querer que uma planta dentro da pirâmide se comporte diferentemente de uma que está fora. Será que este desejo comunicado à planta afetará suas reações? Já foi demonstrado que os seres humanos enviam, inconscientemente, mensagens telepáticas. Se assim é, este constitui um outro fator incontrolável. Isto não deve desencorajar o experimentador. Muito pelo contrário, pois podemos aprender algo sobre nós mesmos. No entanto isto não significa que devemos agir às cegas sempre que pudermos. Seria difícil proceder assim para com as plantas colocadas dentro das pirâmides. Serve para experiências como as do tratamento da água que depois é usada para regar as plantas. Marcamos os recipientes, que depois misturamos, ficando sem saber qual é qual até o fim da experiência. Podemos usar placas ou folhas de metal, tratadas dentro da pirâmide, como geradores psicotrônicos da maneira acima descrita, marcando-os e ocultando essa informação de nós mesmos. Podemos marcar e misturar lâminas de barbear tratadas, depois misturá-las de modo a não sabermos qual é uma e qual é a outra, e até dá-las a um segundo grupo — que também ignora com quais lâminas está experimentando — para testá-las.

Também ajuda muito a confirmação de nossos resultados se pudermos chamar à atenção companheiros e amigos e fazê-los repetir nossas experiências. Temos, assim, um meio de verificar nossos resultados. Quanto mais gente envolvida nas experiências, melhor. Também como meio de validar os esforços, reúna os membros da

família, os amigos, e os vizinhos para testemunharem o maior número possível das fases do seus projetos.

É prudente marcar bem os objetos de experiência e os de controle a fim de evitar dúvidas quanto à sua identificação. É também útil manter um registro regular das experiências, anotando datas, medidas, resultados, etc., diariamente ou segundo o esquema mais apropriado. Tome suas medidas com a maior precisão possível, e quando necessário pese cuidadosamente os objetos a serem submetidos à experiência, alimentos e líquidos. Anote com cuidado quaisquer diferenças de umidade, correntes de ar, luz, etc., que afetem os objetos de controle.

As pirâmides podem ser feitas de quase todos os materiais, já que hoje se sabe que a eficiência depende mais da forma do que do material empregado. No entanto, os metais parecem bloquear algumas das forças eletromagnéticas (embora nem todas), porém a madeira, os plásticos, a lona e a fibra de vidro, todos parecem funcionar igualmente bem. Embora não necessariamente, se você for um purista, deve evitar qualquer metal dentro de sua pirâmide, usando cavilhas de madeira e cola em vez de pregos.

As pirâmides podem ser de qualquer tamanho, desde uma polegada até o de um edifício. No momento em que escrevemos, Unity Church of Christianity, em Houston, no Texas, está erigindo um templo na escala exata da Grande Pirâmide. A idéia partiu do pastor da igreja, John D. Rankin, mas entusiasmou toda a congregação. A igreja terá uma base quadrada de 89 pés, uma altura de 63 pés, e cobrirá uma área de 9.206 pés quadrados. Um membro da equipe do Planetário de Burde Baker, em Houston, ajudou a fazer a orientação segundo o eixo norte-sul. Um amigo nosso no México informou-nos de que pretende levantar um depósito na forma de pirâmide para guardar ovos, e soubemos que se planeja construir em Denver um grande restaurante de forma piramidal.

Em geral o tamanho da pirâmide depende do uso a que ela se destina. Lâminas de barbear têm sido eficientemente afiadas no interior de pirâmides de quatro

polegadas. No entanto, se se pretende colocar algum objeto num determinado lugar da pirâmide como, por exemplo, a *Câmara do Rei*, a pirâmide tem de ser bastante grande para acomodá-lo naquele nível. Se o objeto ocupa muito espaço interior, a experiência será menos eficiente. Por exemplo, uma pirâmide deverá ter cerca de 18 polegadas de altura para pesquisas com plantas jovens. Para acomodar um galão de água, a pirâmide deve ter de três a quatro pés de altura. A que usamos para meditação, onde a pessoa fica sentada ou deitada, tem seis pés de altura.

Não é imprescindível uma base para a pirâmide. Contudo, às vezes é difícil estabilizar e manter a pirâmide perfeitamente quadrada sem uma base, em particular quando ela é feita de material leve. Se você achar necessária uma base, é preferível fixá-la permanentemente à pirâmide. Isto exige a abertura de uma porta através da qual se possam introduzir os objetos. Pode-se consegui-lo utilizando um dos lados como abertura. Fixe uma das arestas bem firme e cole a outra com fita adesiva de modo a poder abri-la quando desejar. Nas pirâmides grandes pode-se fazer com que uma das faces abra girando sobre dobradiças, ou pode-se abrir uma porta na referida face. Se a pirâmide for construída de material rígido, como papelão ou madeira compensada, pode-se simplesmente recortar uma porta numa das faces, fazendo-a abrir-se sobre dobradiça. Se a pirâmide for feita de armação de madeira coberta de plástico, será preciso passar uma estrutura de papelão de um lado ao outro, na altura da porta, e duas outras de cada lado da porta desde a plataforma de cima até à base. Constrói-se assim uma formação retangular do tamanho da abertura da porta e cobre-se-a de plástico.

Há vários meios para determinar as corretas dimensões da pirâmide. Um deles é considerar que para cada pé de altura serão necessários 1,5708 pés na base e 1,4945 de aresta, isto é, desde o ângulo inferior da face até o vértice. Por exemplo, se se quiser uma pirâmide de seis pés de altura, então cada lado da base quadrada deverá medir 9,4248 pés e cada lado do triângulo 8,9674 pés.

A escala que se segue será útil para construir pirâmides menores:

Altura	Base	Lado
3"	4,71"	4,48"
4"	6,28"	5,98"
5"	7,85"	7,47"
6"	9,42"	8,98"
8"	12,57"	11,96"
10"	15,70"	14,95"
12"	18,85"	17,93"

Outro meio de calcular as dimensões consiste em tomar o comprimento da base e subtrair cinco por cento para as arestas, embora este método não seja tão preciso quanto a escala acima. Ainda um terceiro método é tomar um transferidor e traçar retas com ângulos de 61 graus desde o vértice até à base. Este processo pode ser usado para qualquer tamanho de pirâmide e elimina a necessidade de calcular as dimensões.

Quando os lados da pirâmide estiverem no lugar, formarão, com a base de 51° e 51', uma réplica em miniatura da Grande Pirâmide.

É melhor colocar a pirâmide num quarto, longe de aparelhos de rádio e de televisão e outros aparelhos elétricos. Com efeito seria ainda preferível colocar a pirâmide fora de casa ou num aposento distante de quaisquer abrigos metálicos ou fiação elétrica, mas isto pode ser difícil de conseguir. A pirâmide deve ser posta no chão, sobre um pedestal ou mesa estável para impedir que seja deslocada de seu alinhamento.

A pirâmide deve ser orientada segundo os quatro pontos cardiais — norte, leste, sul e oeste. Isto significa que cada uma das faces deve olhar para um ponto cardinal. Pode-se traçar uma linha reta pelo centro da pirâmide ou simplesmente usar um dos lados como seu eixo norte-sul. Pode-se usar uma bússola para orientar a pirâmide com o norte magnético. O norte verdadeiro seria mais preciso, porém de acordo com todos os relatórios, o norte magnético parece servir também. O norte verdadeiro difere do magnético por vários graus de inclinação,

dependendo da latitude em que você se encontre. Você pode saber qual a inclinação da região em que vive, consultando um almanaque, ou pedindo informação a um aeroporto local.

Grande parte da pesquisa até hoje tem-se concentrado na área da *Câmara do Rei*. Para colocar objetos a serem testados neste local meça, verticalmente, um terço da distância do ápice à base, bem por baixo do vértice. Os objetos de experiência podem ser colocados em caixas, blocos, ou pedestais de material não condutor a este nível. No entanto o pedestal não deve ser maior do que o necessário.

Ao colocar um exemplar dentro da pirâmide, oriente-o de modo que sua parte mais longa fique na direção do eixo norte-sul. Ao realizar as experiências, pode ser que você deseje colocar o objeto de controle sob uma caixa com o mesmo volume que o da pirâmide. Quando se tratar de uma planta deve-se providenciar ventilação, pelo fundo da pirâmide e pelo fundo da caixa para ambos os espécimes.

Ao afiar giletes, coloque uma lâmina, depois de ter sido usada várias vezes, ao nível do terço da pirâmide, com as bordas voltadas para leste e oeste, e deixe-a ficar ali, por, pelo menos uma semana. A lâmina então pode ser usada para fazer a barba e deve ser recolocada imediatamente após na pirâmide. Lâminas, facas, e tesouras sem fio podem ser afiadas na pirâmide mas devem permanecer ali, sem serem tocadas, por um período de quatro meses.

Se você desejar testar sua pirâmide pela quantidade de energia que emana pelo ápice, use um pêndulo ou uma varinha de rãdomancia. O pêndulo pode ser feito amarrando-se a um barbante um pequeno objeto pesado como uma bilha de rolamento ou um pedaço de metal. Aproxime-se aos poucos com o pêndulo suspenso por sua mão e ligeiramente acima do vértice da pirâmide. É provável que ele se mova quando você chegar à distância de meio pé (15 cm) da pirâmide. Procure manter o pêndulo diretamente por sobre o ápice e verá que o peso se desloca numa ou noutra direção ou talvez descreva vagarosamente um círculo em torno do vértice.

As varas de rãdomancia podem ser feitas de duas hastes metálicas de mais ou menos três pés de comprido

mento. Pode-se construí-las retificando e esticando cabides de metal. Vire para baixo sete polegadas de cada haste, num ângulo de 90 graus, para servirem de pegas. Segure-as de modo a ficarem paralelas uma à outra e apontando para sua frente. Dirija-se para a pirâmide fazendo com que ela fique entre as duas hastas mais ou menos ao nível do ápice. Quando as extremidades das hastas se aproximarem do ápice, as varas ou se cruzarão ou se afastarão uma da outra. Você verá que o campo de energia que irradia do vértice tem a forma de um cone cujo diâmetro aumenta à medida que se eleva.

Descobrimos que quando se usa uma pirâmide para meditação, é melhor ficar sentado sobre um travesseiro e olhando para o norte. Quando deitados, usamos um catre, e ficamos com a cabeça voltada para o norte. Em testes recentes realizados por Gary Plapp, da Huma-Tech Industries, fabricantes de equipamentos bio-regeneradores, George Cooper, presidente da Pyrameditation Inc., e Bill Cox, editor de *Pyramid Guide*, a atividade das ondas cerebrais dos indivíduos em meditação dentro de uma pirâmide mostrou acentuado aumento de amplitude, com a produção de ondas cerebrais alfa e teta. Foi feita uma comparação com as ondas cerebrais dos mesmos indivíduos, alguns minutos antes de entrarem na pirâmide.

Muitas pessoas nos têm interrogado sobre a construção de casas em forma de pirâmides. Tenho chamado sua atenção para as paredes de alumínio ou o isolamento das faces com alumínio devido à sua aparente propriedade de bloquear ou absorver as forças eletromagnéticas. Pode talvez acontecer, conforme foi mencionado no capítulo *Efeitos sobre os Sólidos* que, uma vez saturado com a energia da pirâmide, o alumínio não atue mais como barreira para a força e possa até ser usado como um gerador psicotrônico. Deve-se contudo não esquecer que embora absorva a energia, a lâmina de alumínio também a perde em poucos dias. Mais ainda, o alumínio foi tratado dentro da pirâmide. A parede de alumínio deve ficar do lado de fora da pirâmide, e nossos testes, embora não completos, não mostram qualquer indício de que o alumínio possa ser eficientemente tratado do lado de fora da pirâmide. Até que sejam realizadas mais pesquisas neste terreno sugerimos que o indivíduo que esteja pensando em usar paredes de alumínio num edifício em forma de pirâmide construa primeiro um pro-

tótipo correto da estrutura e realize vários testes durante algum tempo.

A forma de pirâmide não se presta muito para economia de espaço, mas nos lados, onde as faces se encontram, pode-se arranjar lugar para guardar coisas. Acreditamos que as portas devem ser posicionadas de tal modo que quando fechadas não causem nenhum obstáculo dentro da pirâmide. Noutras palavras, achamos que as janelas do tipo trapeira não devem ser usadas a menos que o vidro seja instalado para se adaptar à inclinação das paredes, onde a trapeira encontra a borda do telhado inclinado. Talvez a fiação elétrica deva ser colocada perto da base com os condutos correndo para cima, para as tomadas nas paredes. Isto evita que as correntes elétricas circulem pela forma da pirâmide.

Temos observado, e outros têm comentado, a frescura do ar dentro de nossa oficina onde há várias pirâmides. Parece haver também ausência de odores. Pode ser que uma série de pirâmides dispostas na água-furtada de uma casa atuem como purificadores, se alinhadas segundo o eixo norte-sul. As pirâmides podem reduzir o mau cheiro, bem como o do fumo e o da cozinha.

As versões do artista na seção de fotos mostra algumas das maravilhosas possibilidades da construção de casas de forma piramidal.

13. A PIRÂMIDE — JANELA PARA O UNIVERSO

“Tanto acima, quanto abaixo; tanto abaixo, quanto acima”: é um velho adágio filosófico, mas está ganhando os favores da ciência quanto mais provamos o infinito do espaço e a limitação das partículas subnucleares. A estrutura atômica do universo parece repetir-se, quer olhemos para o sistema solar ou meditemos sobre os elétrons que giram em torno de seu núcleo. E nosso sistema solar, na imensa vastidão do espaço habitado por um número infinito de galáxias, fica, ele próprio, tão esmagado pela comparação que nada mais parece do que um simples elétron. Com efeito, quando se olha num microscópio eletrônico, tem-se a impressão de que se está olhando através de um poderoso telescópio. A cena é a mesma, só muda o ponto de referência.

É perfeitamente justificável considerar que nalgum lugar, abaixo do nosso nível de medidas das partículas subnucleares, algum habitante de uma destas partículas a encare como seu planeta, ou que nalgum lugar do espaço uma inteligência anuncie que acaba de descobrir mais uma minúscula unidade atômica, mal sabendo que está se referindo à nossa terra. Realmente, parece que em qualquer direção que viajamos logo ultrapassamos o limiar de nossas percepções e somos envolvidos pelo infinito. Sabemos agora que o espaço e o tempo têm apenas a limitada realidade de pontos de referência. Há muito que os sólidos desapareceram, substituídos por vórtices de energia e a energia, por sua vez, perde rapidamente sua identidade na consciência.

Havendo perdido a pista, reiniciamos, fazendo marcas nos pensamentos-formas, esperando reencontrar

nosso caminho de volta para casa. De todas as rochas e leis escritas que temos examinado, uma escapou ao nosso escrutínio e tem-se recusado a nos regalar com a ilusão da verdade. O conhecimento da Pirâmide tem sido particularmente frustrador porque foi feita pelo homem. Uma coisa são os segredos de Deus, porém, ser-se incapaz de decifrar um artefato humano é mais do que embaraçante. É uma séria experiência para cérebros brilhantes.

É difícil não se usarem termos misteriosos quando se fala da Grande Pirâmide, pois algo de muito peculiar tem-se passado ali desde quando o homem pode se lembrar. Tudo a seu respeito está envolto em mistério: sua idade, seus projetistas, seus construtores, sua construção, seu objetivo. Temos separado, duplicado e brincado com outras coisas tais como moléculas, protoplasma, ondas de rádio. A Grande Pirâmide não nos permitiu isso. Toda vez que chegamos à beira de uma resposta, ela nos engana. Muda uma variável, um segundo exame revela um quadro diferente, faltam dados, ou de repente surge uma nova informação. Isto aconteceu há três anos quando se tentava medir a penetração dos raios cósmicos. Tudo correu muito bem até que uma repetição das fitas gravadas revelou que os padrões não eram os mesmos de dia para dia. Aconteceu de novo em dezembro de 1947, quando a expedição do Stanford Research Institute-Ain Shams University suspendeu subitamente suas operações. Os cientistas americanos e egípcios usavam ondas curtas de rádio na esperança de ver através das paredes da pirâmide e localizar câmaras ocultas. A missão foi abandonada antes de atingir a metade dos trabalhos, quando se descobriu que os sinais de radar, transmitidos por um emissor de 30.000 volts desapareciam após viajarem apenas alguns pés devido à inesperada e alta concentração de umidade da pirâmide. A última informação foi que os físicos tiveram de voltar aos seus estudos. Que acontecerá da próxima vez? Formações cristalinas raras funcionando como mecanismos bloqueadores? Correntes eletromagnéticas errantes alterando a leitura dos instrumentos?

Nós, com nossas pirâmides de plástico ou de madeira em miniatura, colhemos alguns dados interessantes mas, também, nos confrontamos com mistérios, com o inesperado, com as reviravoltas, e estas exceções às

regras destroem as teorias; é uma planta que, de repente, altera o seu comportamento; o metal que inverte sua polaridade; uma lâmina de barbear que ainda permanece afilada mas tem dias em que fica embotada ou atua diferentemente de uma outra que se acha em sua companhia; sons que vêm e se vão; uma amostra de leite que se transforma em iogurte e outra que simplesmente se desidrata; uma bússola que, mantida sobre o vértice de uma pirâmide, oscila desordenadamente num dia, e permanece imóvel no outro. Embora possamos dizer com certeza, no que concerne às nossas pirâmides, que lá dentro está se passando algo que não está ocorrendo cá fora, nem sempre sabemos o que é. O trabalho com os modelos apresenta uma notável vantagem. Podemos reformular tudo, fazer novos arranjos, ajustamentos, e testar com várias pirâmides.

Nalgum lugar da longa história da exploração da pirâmide há um ponto final, uma moral para a história. Admitamos por um instante que os construtores da Grande Pirâmide sabiam exatamente o que estavam fazendo, que se achavam de posse de um valioso conhecimento e que incorporaram esta informação à Pirâmide. Se assim foi, por que tomaram tantas precauções para ocultar este conhecimento? Podemos supor que eles procederam assim pela mesma razão de alguém que segura ou libera uma informação, conforme o que vai recebê-la a compreende ou não, e neste caso vai usá-la erroneamente? Os grandes pregadores religiosos sempre apresentaram suas mensagens a níveis exotéricos e esotéricos. Os que tinham ouvidos podiam ouvir e os que tinham olhos podiam ver, significando isso um maior entendimento do que o dos demais. Com efeito, seus ensinamentos eram feitos em tantos níveis que as verdades que continham iam se descobrindo à medida que o aluno desenvolvia maior compreensão. Estes ensinamentos podiam mantê-lo no nível intelectual e espiritual em que ele se encontrasse. Esta era, pelo menos, a prática usada nas Escolas de Mistério, e os antigos habitantes do Egito eram ploneiros neste terreno. Se este era o seu método para doar o conhecimento numa proporção segura, parece razoável admitir que não iriam alterar estes planos no que se refere à Pirâmide. De qualquer modo, eles deviam saber que passariam muitos anos antes que o homem estivesse pronto para usar o conhecimento contido na Grande

Pirâmide, e por isso construíram-na para durar séculos, para resistir aos terremotos e aos ventos do tempo, invulnerável ao cinzel e ao martelo, ao radar e à física, aguardando estoicamente até que o próprio homem se transformasse em ferramenta capaz de abrir suas portas. O *Abre-te Sésamo* ainda depende de conhecimentos ocultos. Que melhor sentinela para os portais da sabedoria do que a enigmática Esfinge — estranho ser híbrido de animal, homem, e Deus — sorrindo imperceptivelmente para o espanto do homem em penetrar os arcanos fechados apenas por ele mesmo?

A verdade foi disseminada pelas galerias e túneis da Grande Pirâmide. Este Monte Olimpo tem oferecido seus segredos não de má vontade, mas de modo que o homem tenha de trabalhar para descobri-los, e assim fazendo tenha de crescer, de afiar mais os seus órgãos receptores do que seus cinzéis. Se a tarefa fosse fácil, que loucuras não teria o homem cometido na sua infância e na sua adolescência? Teriam sido os ensinamentos ignorados, sepultados sob o pó, abusados? Em que século da história registrada seria a informação ali contida usada sabiamente? Será este século a ocasião, a hora de sua revelação? Não há dúvida de que necessitamos de muito maior conhecimento, de alimentar um mundo, de novas fontes de energia, de certeza e controle interiores. Basta a chave? Ao que parece, não, a menos que se faça acompanhar de compreensão. Talvez o interesse atual pelas pirâmides seja o testemunho de um esforço difundido para aprender mais. A Pirâmide não se limita mais a um punhado de cientistas investindo contra uma montanha de pedra. A certeza do *poder da pirâmide* tem trazido as expedições para o laboratório, e os que não podem viajar até Gizé estão parafraseando o ditado muçulmano de que se Maomé não pode ir à montanha, então a montanha deve vir até Maomé.

Estranhamente, se as informações colhidas na pirâmide fossem completas em si, o homem teria suposto que havia descoberto o segredo, e isto teria significado o fim da pesquisa. Mas descobriram-se pedaços de informações, eventualmente espantosas, sujeitas a contravérsias, porém incompletas. Sempre o material colhido dependia de mais dados, ou sugeria outros conhecimentos. O homem nunca foi capaz de dizer: "Bem, já sabemos tudo sobre a pirâmide e agora podemos tratar de

outras coisas." Os fragmentos da verdade têm servido de chamarizes.

Alguns desses fragmentos indicaram que a pirâmide é um microcosmo do universo: seu desdobramento esquemático, um mapa do mundo e dos céus; sua forma representa as construções geométricas da natureza; suas medidas interiores e exteriores representam as relações matemáticas das verdades universais; sua construção incorpora símbolos arquetípicos; e seu objetivo tem sido não só prover uma enciclopédia indestrutível do homem e de seu mundo, mas também um receptor ou gerador de energia cósmica. Sugeriu-se que a energia dentro da pirâmide incorpora todo o espectro dos campos de energia, conhecidos e desconhecidos. Esta energia é vista como o complexo energético total, referido na literatura antiga como *Prana* ou *Chi*, e nos estudos contemporâneos como biocósmico e psicotônico. Os místicos agora estão dizendo que a ciência começou a confirmar seus conceitos de um único campo de energia, e da unidade de todas as coisas.

Certamente, pelo menos, o campo de energia no espaço interior da pirâmide parece único e ao mesmo tempo variado já que envolve e atua sobre uma vasta gama de substâncias ou estados desde as densas cristalizações até à consciência imaterial. A passagem do material para o imaterial, por um meio que aparentemente é ambas as coisas, não apresenta um dilema para os cientistas que consideram a mente e a matéria como as extremidades de uma mesma substância. Este conceito não é contraditório no sistema cosmológico hindu, no qual importa muito pouco se consideramos a existência como uma entidade material, sendo o espírito seu estado mais rarefeito, ou se a encaramos como espiritual, sendo a matéria sua forma mais condensada.

Segundo o modelo tibetano-budista da substância, o mineral é principalmente matéria densa com uma ligeira expansão de matéria etérea; as plantas são matéria densa e etérea, com uma ligeira expansão de substância emocional; os animais são densos, etéreos, emocionais e ligeiramente mentais; o homem incorpora tudo isso com uma leve expansão de matéria espiritual. Assim, toda a vida é unida num movimento evolucionista para o espírito puro. Certamente é difícil explicar satisfatoriamente a supremacia da mente sobre a matéria quando pensa-

lmos na separação da natureza de cada uma delas, e muito mais fácil quando consideramos todas as formas de vida, inclusive os pensamentos-formas, como campos e vórtices de energia que existem nalgum lugar ao longo de uma única sucessão. Dentro de um tal esquema, todo o campo dos fenômenos psíquicos parece mais viável. E a intensificação da evidência de que a força da pirâmide pode provocar alterações tanto de natureza material quanto imaterial parece mais substancial dentro deste modelo cosmológico.

No final, talvez a energia se resume na consciência e o mundo se torne um pensamento. E aí pode residir a chave de a força da pirâmide às vezes se comportar de modo aberrante. Podemos controlar todas as variáveis — luz, calor, ar, umidade, etc. — porém existe uma sobre a qual pouco sabemos e que só podemos controlar superficialmente: nós mesmos. Este seria um dos componentes instáveis de nossas experiências. O ex-astronauta Edgar Mitchell referiu-se a isto quando disse que estamos atingindo os limites da nossa capacidade para sondar o desconhecido. A fim de avançarmos em nossas observações, disse ele, precisamos examinar o observador; o experimentador não pode mais se dissociar da experiência. O homem acha-se integralmente envolvido em tudo o que examina, declarou Mitchell.

Conforme acontece com todas as outras pesquisas, quando investigamos com nossas pirâmides enfrentamos o maior dos desconhecidos — o próprio homem. Se todos os caminhos levam à consciência, no fim temos de compreendê-lo ou a viagem terminará antes de atingirmos nosso objetivo.

Será esta a intenção da Grande Pirâmide? Servir como um espelho para que nos reflitamos nele? Se assim é, concordaria com o conselho do Oráculo de Delfos: "Homem, conhece-te a ti mesmo." Se esta mensagem desfrutava da maior prioridade dos antigos, não será este o seu monumento mais orgulhoso?

Qual o papel futuro da Grande Pirâmide e de sua progênie? Sua estrutura revelará as câmaras do conhecimento? Fornecerão nossas pesquisas respostas para novas fontes de energia? Será que a forma da pirâmide eleva nossa consciência para que se possa obter um novo conhecimento? Talvez todas as três perguntas possam

ser respondidas afirmativamente, porém o caminho parece claro: precisamos descobrir — conforme explicou a Brunton o seu anfitrião de vestes brancas — a pirâmide interior a fim de compreendermos a pirâmide exterior.

A aventura parece não só compensadora quanto obrigatória. Sabemos que os problemas mais graves que a humanidade enfrenta hoje são a escassez de alimentos, a poluição, o esgotamento das fontes de energia e a guerra. E a pirâmide oferece a perspectiva para enfrentar estes problemas: 1) Escassez de alimentos — através da germinação das sementes, aumento do crescimento das plantas e preservação dos alimentos; 2) poluição — os testes revelam que o espaço piramidal é capaz de purificar a água, o ar e o solo; 3) fontes de energia — através da geração ou intensificação de campos de energia conhecidos e desconhecidos; 4) guerra — naturalmente, a alternativa é a paz, e os pensadores do mundo nos levam a crer que a paz depende de maior compreensão e elevação de consciência do homem. A pirâmide promete servir como iniciador de níveis mais altos de consciência.

Com efeito, a vida se move em círculos misteriosos, e a experiência tem um meio de se lembrar disso. Pode ser que os historiadores estejam certos, que é imperativo conhecer o passado para compreender o presente e projetar o futuro. Talvez a pirâmide seja uma janela, tanto para o passado quanto para o futuro.

BIBLIOGRAFIA

- Airola, P.O. — *Health Secrets from Europe*. West Nyack, N.Y.: Parker Publishing Co., 1970.
- Backster, C. — "Evidence of a Primary Perception in Plant Life," *International Journal of Parapsychology*, 10:4, 1968.
- Back, B. — *The Russian Lakhovsky Rejuvenation Machine*: Borderland Sciences Research Foundation.
- Bell, A.M. — *Practical Dowsing — A Symposium*. London: G. Bell & Sons, 1965.
- Benavides, R. — *Dramatic Prophecies of the Great Pyramid*. Mexico City: Editores Mexicanos Unidos, 1970.
- Blavatsky, H.P. — *The Secret Doctrine*. Los Angeles: Theosophical Society, 1930.
- Balton, B. — *The Secret Power of Plants*. New York: Berkeley Medallion Books, 1974.
- Bose, J.C.B. — *Plant Response*. London: Longmans, Green & Co., 1908.
- Brown, J. — *I Discover the Immortal C-Cell*. Borderland Sciences Research Foundation Publications.
- Brunes, T. — *The Secrets of Ancient Geometry*. Copenhagen: Chronos, 1957.
- Branton, P. — *A Search in Sacred Egypt*. London: Rider, 1936.
— *The Wisdom of the Overself*. New York: E.P. Dutton & Co., 1943.
- Castaneda, C. — *The Teaching of Don Juan*. Berkeley: University of California Press, 1968.
- Charroux, R. — *One Hundred Thousand Years of Man's Unknown History*. New York: Berkeley, 1970.
- Clement, M. — *The Waves that Heal*. Sussex, England: Health Science Press, 1949.

Cox, W. E. — "The Effect of PK on Electrochemical Systems," *Journal of Parapsychology*, 29:165, 1983.

Davidson, D. — *The Great Pyramids Its Divine Message*. London: Williams and Norgate, 1924.

Edwards, I.E.S. — *The Pyramids of Egypt*. Middlesex, England: Penguin, 1949.

Eman, L.E. — *The Curative Properties of Human Radiations*. London: Frederick Muller Ltd., 1947.

Eisenbud, J. — *The World of Ted Serios*. London: Jonathan Cape, 1968.

Evans-Wents, J.D. — *The Tibetan Book of the Dead*. Oxford: University Press, 1949.

Flanagan, G.P. — *The Pyramid and Its Relationship to Bio-cosmic Energy*. Glendale, Calif.: Flanagan, 1972.

Frazer, J. — *The Golden Bough*. New York: Macmillan, 1925.

Frel, E.H. — "Medical Application of Magnetism," *Bulletin of the Atomic Scientists*, October 1972.

Garrett, E. — *Adventures in the Supernormal*. New York: Garrett Publishers, 1959.

———. *Many Voices*. New York: G.P. Putnam's Sons, 1968.

Geddes, P. — *The Life and Work of Sir Jagadis C. Bose*. London: Geddes, Longmans, Green & Co., 1920.

Gauquelin, M. — *The Cosmic Clocks*. London: Peter Owen, 1969.

Ghadiall, D.P. — *Spectro-Chrome Metry Encyclopedia*. Malaga, N.J.: Spectro-Chrome Institute, 1939.

Grad, B. — "A Telekinetic Effect on Plant Growth," *International Journal of Parapsychology*, 6:473, 1964.

Hall, M.P. — *The Secret Teachings of All Ages*. Los Angeles: Philosophical Research Society, 1950.

Hicks, C.B. — "Growing Corn to Music," *Popular Mechanics*, May 1963.

Hills, C. — *Nuclear Evolution*. London: Centre Community Publications, 1968.

Jeans, J. — *The Mysterious Universe*. New York: Dover Publications, 1968.

Kerrran, L. — *Biological Transmutations*. Binghamton, N.Y.: Swan House, 1972.

Keyes, L.E. — *Toning — The Creative Power of the Voice*. Santa Monica, Calif.: De Vorse & Co., 1973.

Kirlian, S.D. and Kirlian, V. — "Photography and Visual Observations by Means of High-Frequency Currents," translation by Foreign Technology Division, United States Air Force Systems Command, 1963.

Krippner, S. and Rubin, D., eds. — *The Human Aura in Acupuncture and Kirlian Photography*.

Layne, M.N., and Crab, R.H. — "Vitic or Magnetic Vitality," Borderland Sciences Research Foundation Publications.

Lehner, M. — "Egypt — Reflections on a Tour," *A.R.E. Journal*.

Lissmann, H.W. — "Electric Location by Fishes," *Scientific American*, March 1963.

Loehr, F. — *The Power of Prayer on Plants*. New York: New American Library, 1969.

Michell, J. — *The View Over Atlantis*. New York: Ballantine Books, 1969.

Mitchell, E.D. — *Psychic Exploration*. New York: G.P. Putnam's Sons, 1974.

Monroe, R.A. — *Journeys Out of the Body*. New York: Doubleday, 1973.

Moss, T. and Johnson, K. — "Radiation Field Photography," *Psychic magazine*, July 1972.

Ostrander, S. and Schroeder, L. — *Psychic Discoveries Behind the Iron Curtain*. Englewood Cliffs, N.J.: Prentice-Hall, 1971.

Pierrakos, J.C. — "The Energy Field in Man and Nature," Institute of Bioenergetic Analysis, New York.

Proctor, R.H. — *The Great Pyramid: Observatory, Tomb, and Temple*. London: Chatto & Windus, 1883.

Reich, W. — *The Cancer Biopathy*. New York: Noonday Books, 1973.

———. *Ether, God and Devil/Cosmic Superimposition*. New York: Noonday Books, 1972.

Rhine, L.E. — *Mind Over Matter*. London: Macmillan, 1970.

Roberts, J. — *Seth Speaks*. Englewood Cliffs, N.J.: Prentice-Hall, 1972.

Seiss, J.A. — *The Great Pyramid: A Miracle in Stone*. New York: Rudolf Steiner Publications, 1973.

Skinner, J.R. — *Actual Measures of the Great Pyramid*. Toledo, Ohio: Blode, 1880.

Smyth, C.P. — *New Measures of the Great Pyramid*. London: E. Banks, 1884.

Stromberg, G. — "Spiritual Healing and Modern Science," in

- Spiritual Healing*, Los Angeles; Science of Mind Publications, 1973.
- Thomson, D. — "Force Field Detectors," *Macleans* magazine, September 1968.
- Tiller, W.A. — "Radionics, Radiesthesia and Physics," Unpublished manuscript.
- Tompkins, Peter — *Secrets of the Great Pyramid*. New York: Harper and Row, 1971.
- Tompkins, E. and Bird, C. — *Secret Life of Plants*. Avon Publishing Co., 1973.
- Toth, M. and Nielsen, G. — *Pyramid Power*. New York: Freeway Press, 1974.
- Van Tassel, G. W. — *Proceedings of College of Universal Wisdom*, 9:11, 1972.
- Von Däniken, E. — *Chariots of the Gods*. London: Souvenir Books, 1969.
- Walewski, S. C. — *A System of Caucasian Yoga*. New York: Falcon Wing Press, 1955.
- Watkins, A. — *The Old Straight Track*. London: Methuen, 1925.
- Watson, L. — *Super Nature*. New York: Doubleday, 1973.
- Weber, J. — "The Detection of Gravitational Waves," *Scientific American*, 224:22, 1971.
- Yogananda, P. — *Autobiography of a Yoga*. Los Angeles: Self-Realization Fellowship, 1959.

GR

PAI

Uma ass
do jornal

RE

Fique p
maiores su

NOTÍCIAS DA RJ
bimestral da Editora F
e comentários sobr
e "bestsellers". Entrev
e Estrangeiros, Livros
o Mundo, Notícias
Quadrin

É só pree

PEDIDO DI

SIM, QU
ENVIAR-ME INTEIRAMEN
GRÁTIS UMA ASSINATUR
JORNAL NOTÍCIAS DA
RECORD POR 1 ANO.

NOME _____

ENDEREÇO _____

CIDADE _____

ESTADO _____

CEP _____

Não querendo recortar o livro
tire uma Xerox ou faça o seu
pedido numa folha de papel
em separado e envie para
RP-RECORD - Cx. Postal 23062
Rio/RJ - 20922

PREENCHA, RECORTE E COLOQUE AINDA HOJE NO CORREIO

mistério, sua história, seu vulto físico, sua construção e, mais do que tudo, com a razão de ser de sua existência. E muito curioso, ressaltam também os autores, é o fato de que quanto mais conhecimentos científicos o homem adquire, "a Grande Pirâmide, como um oráculo, incorporado e imortal, parece antecipar as respostas" a perguntas que nos fazemos sobre sua origem e sua própria razão de ser.

Uma descoberta do francês M. Bovis e o trabalho posteriormente realizado pelo tcheco Karel Drbal, relatados em livro de grande repercussão em todo o mundo, mostraram que a estrutura piramidal tinha, *em si mesma*, estranhos poderes, o que abriu novos campos de investigação e novas expectativas tanto para cientistas e pesquisadores profissionais quanto para todos nós.